

Universidade Estadual Paulista – Unesp  
“Julio de Mesquita Filho”

Faculdade De Filosofia E Ciências  
Programa De Pós-Graduação Em Ciências Sociais

Campus Marília

**Valdair Grotto**

**Representações da sexualidade em produto cultural:**

**Percepções e impressões de um filme.**

**Marília**  
2012

Grotto, Valdair.

G881r Representações da sexualidade em produto cultural: percepções e impressões de um filme / Valdair Grotto. – Marília, 2012.  
160 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2012.

Bibliografia: f. 161-167

Orientador: Paulo Eduardo Teixeira.

1. Internet. 2. Redes sociais. 3. Identidade. 4. Sexo. I. Autor. II. Título.

CDD 302.11

**Valdair Grotto**

**Representações da sexualidade em produto cultural:**

**Percepções e impressões de um filme.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Linha: Cultura, Identidade e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Teixeira

**Marília**  
2012

VALDAIR GROTTTO

REPRESENTAÇÕES DA SEXUALIDADE EM PRODUTO CULTURAL:  
PERCEPÇÕES E IMPRESSÕES DE UM FILME.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais,  
UNESP/Marília-SP, para a obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Prof..Dr. Paulo Eduardo Teixeira  
Departamento de Filosofia e Ciências  
Universidade Estadual Paulista – UNESP

---

Titular: Profa. Dra. Dora Isabel da Costa  
Departamento de Economia  
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara  
Universidade Estadual Paulista

---

Titular: Profa. Dra. Célia Aparecida Ferreira Tolentino  
Departamento de Filosofia e Ciências  
Universidade Estadual Paulista – UNESP

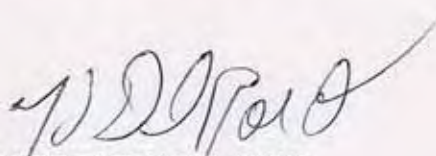
Marília, 07 de dezembro de 2012.

**ATESTADO DE APROVAÇÃO - DEFESA**

**ATESTAMOS** que **VALDAIR GROTTTO**, RG 22.642.640-3 SSP-SP, defendeu, no dia 07/12/2012, a dissertação intitulada "Representações da sexualidade em produto cultural: Percepções e impressões de um filme", junto ao Programa de Pós-graduação em CIÊNCIAS SOCIAIS, tendo sido "APROVADO".

Atestamos ainda que a obtenção do título dependerá de homologação pelo Órgão Colegiado competente.

Marília, 7 de dezembro de 2012.



MARCOS TADEU DEL ROIO  
COORDENADOR

**Dedico este trabalho...**

A Gerson Rossi dos Santos pela luz durante o caminho;

A Elza Helena Santana, pela apresentação de detalhes que não puderam me passar despercebidos;

Aos moderadores e integrantes da comunidade “*O Segredo de Brokeback Mountain*” pela espontaneidade com que expressaram seus mais profundos sentimentos e que tornou a principal inspiração para esse trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Principalmente a FAPESP cujo imprescindível apoio e financiamento possibilitou o desenvolvimento dessa pesquisa;

Ao meu orientador Paulo Eduardo Teixeira e aos professores com quem tive o privilégio de aprender nessa jornada curta e, ao mesmo tempo, ironicamente longa;

A minha eterna professora e com quem muito aprendi, Vera Alves Cêpeda;

A Marli Barboza da Silva, uma grande fonte de inspiração para todos que a cercam;

Aos amigos Carlos Eduardo Marotta Peters e Roberto Rillo Bísaro e suas colaborações sempre bem-vindas;

E a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

O desenvolvimento tecnológico que afeta diretamente a comunicação entre sujeitos e enormemente a interatividade entre eles, e que vem sendo cada vez mais foco de trabalhos de pesquisa em ciências sociais, é o ponto de partida para a proposta deste trabalho de característica multidisciplinar. Aqui, propôs-se buscar nos resultados das interações entre indivíduos de interesses comuns afiliados a redes de relacionamentos as percepções e impressões desse público em particular acerca de um objeto específico, no caso, o produto cultural cinematográfico. Tendo em vista a efemeridade muitas vezes observada no âmbito da internet, a rede de relacionamentos escolhida é aquela que já foi a mais popular entre os brasileiros, o *Orkut*, e o produto cultural, o filme *O Segredo de Brokeback Mountain*, que inspirou a criação de comunidade homônima que agrega os indivíduos focados nesse trabalho. Assim, a partir do resgate de informações disponibilizadas à consulta pública em redes de relacionamento na internet, através da avaliação dos conteúdos, alcançou-se a confirmar teorias de cinema que defendem a representação e identificação dos indivíduos em seu produto cultural, levando-os a esse reconhecimento no processo de comunicação com o espectador/receptor.

Palavras-chave: Internet; Rede Social; Interação; Identidade; Sexualidade.

## ABSTRACT

The technological development that directly affects communication between subjects and greatly interactivity between them, and that has been increasingly focus of research in social sciences, is the starting point for the purpose of this feature multidisciplinary work. Here, it is proposed to seek the results of interactions between individuals of common interests affiliated with networks of relationships perceptions and impressions of that particular audience about a particular object, in this case, the cinematic cultural product. Given the transience often observed within the Internet, the network of relationships that has been chosen is the most popular among Brazilians, Orkut, and cultural product, the film *Brokeback Mountain*, which inspired the creation of community homonym that aggregates individuals focused in this work. Thus, from the redemption of information available to the public consultation on social networks on the Internet, through the evaluation of content reached to confirm theories that defend the film representation and identification of individuals in their cultural product, leading them to this recognition in the process of communication with the viewer/receiver.

Keywords: Internet, Social Networking, Interaction, Identity; Sexuality.

## SUMÁRIO

|                                                                                  |     |
|----------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO .....                                                                 | 10  |
| 1 HOMOSSEXUALIDADE, IDENTIDADE E CINEMA .....                                    | 24  |
| 1.1 Homossexualidade e cinema .....                                              | 31  |
| 2 HOMOSSEXUALIDADE E “O SEGREDO DE <i>BROKEBACK MOUNTAIN</i> ” .....             | 56  |
| 2.1 A comunidade “O segredo de <i>brokeback mountain</i> ” e seus sujeitos ..... | 78  |
| 3 ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES E IMPRESSÕES DO FILME .....                             | 82  |
| 3.1 Interações e categorizações .....                                            | 87  |
| 3.1.1 Objetividades .....                                                        | 89  |
| 3.1.2 Subjetividades .....                                                       | 105 |
| 3.2 Resultados .....                                                             | 153 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                                       | 156 |
| REFERÊNCIAS .....                                                                | 161 |

## INTRODUÇÃO

A tecnologia que dispomos hoje no âmbito da comunicação galgou um longo caminho até atingir o nível que pode ser considerado “globalizado”. Desde o período pré criação da imprensa creditada a Johannes Gutemberg, o acesso à informação e ao conhecimento era restrito a alguns setores sociais, mais precisamente os da Igreja e da monarquia (BRIGGS, BURKE, 2006), sua posterior democratização por questões comerciais acarretando ainda o efeito de aumento do letramento que, por sua vez, conforme alguns estudiosos, serviu de condição para a emergência do pensamento abstrato e crítico. O longo caminho de popularização, em termos de acesso, fez surgir o ímpeto por cada vez mais e maior acesso à informação.

Assim como até o século XV o acesso ao conhecimento e informação contidos nos livros era restrito, o mesmo ocorreu com um dos maiores símbolos da globalização que caracteriza a sociedade contemporânea do final do século XX: a internet. Surgida como mecanismo de comunicação interna com fins militares (informação) e posterior aplicação junto a universidades estadunidenses (conhecimento), hoje cada vez mais pessoas ocupam parte do tempo de seu dia-a-dia acessando todo tipo de *site* e serviços através da *world wide web*.

Assim, em termos históricos, as redes eram algo do domínio da vida privada, enquanto o mundo da produção, do poder e da guerra estava ocupado por organizações grandes e verticais, como os estados, as igrejas, os exércitos e as empresas que conseguiam dominar vastos pólos de recursos com um objectivo definido por uma autoridade central. (CASTELLS, 2005:18)

Em comparação com a evolução ocasionada pela criação de Gutemberg, sinal do imediatismo que caracteriza a sociedade contemporânea, foi curto o caminho percorrido até que a internet se tornasse hoje o símbolo máximo do processo de desterritorialização apregoado por Néstor García Canclini, que também pode ser comparado ao fenômeno de destribalização (a escrita) e retribalização (os meios de comunicação eletrônicos) analisados por Marshall McLuhan.

Encarada simplesmente como um armazenamento da informação, ou como um meio de rápida recuperação do conhecimento, a tipografia acabou com o paroquialismo e com o tribalismo, tanto psíquica quanto socialmente, tanto no espaço como no tempo. [...] Agora, a escrita elétrica e a velocidade despejam sobre ele [o homem tribal], instantânea e continuamente, os problemas de todos os outros homens. Ele se torna tribal novamente. A família humana volta a ser uma tribo. (MCLUHAN, 2005: 195-196)

Tendo como uma das suas principais características a sua capacidade virtualmente infinita de armazenamento de dados, já que não ocupa necessariamente espaço físico (LÉVY, 1996), é na sua interatividade, fator cada vez mais valorizado desde o final do século passado e cujas possibilidades ainda estão em expansão, que a internet mais interessa aqui.

Fenômeno surgido com serviços telefônicos em muitos lugares conhecidos como “disque amizade”, a interação eletrônica (sem contar os rádios PX já muito utilizados anteriormente), assim como as demais formas de interação entre indivíduos, também evoluiu muito com o advento da internet. Dos ainda hoje utilizados chats, passando por ICQ e Skype, no âmbito virtual abstrato aparentemente infindo da internet, interação é uma das palavras chave. “Sem dúvida, nosso universo informacional se dilata mais rapidamente que nosso universo de interações concretas”<sup>1</sup>. (LÉVY, 2007:190)

A participação efetiva do indivíduo com o avanço das criações humanas na área da comunicação é apontada por Asa Briggs e Peter Burke em *Uma história social da mídia – de Gutenberg à Internet*, onde os autores relatam que a criação da imprensa no século XV, além de tornar as publicações acessíveis a uma porção muito maior da população, agilizando e barateando o próprio processo de reprodução, também fez surgir um momento de expressão da opinião pessoal tornada pública com a publicação de livros, folhetos e textos críticos.

Psiquicamente, a extensão e amplificação visual do indivíduo pela imprensa acarretou efeitos de vária ordem. Um dos exemplos mais impressionantes e o mencionado por E. N. Forster, ao estudar alguns tipos do Renascimento e ao declarar que a “imprensa, então com apenas um século, fora tomada como

---

<sup>1</sup> Do original: “Sin embargo, nuestro universo informacional se dilata *más rápidamente* que nuestro universo de interacciones concretas”

um engenho de imortalidade, e todos se apressavam em imprimir seus feitos e paixões, para edificação dos pósteros”. (MCLUHAN, 2005: 200)

Outras formas de interação entre usuários dos serviços de internet são os grupos de discussão, como os oferecidos pelo *Yahoo*, o *Yahoo Groups*, que reúne pessoas dispostas a debaterem continuamente os mais variados temas possíveis, chegando às redes sociais eletrônicas como *My Space*, *Facebook*, *Multiply*, *Twitter* e *Orkut*. No caso desse último exemplo, surgido em janeiro de 2004, sua popularidade no Brasil atingiu índice tão alto que hoje os brasileiros representam mais de 50% do total de milhões de usuários do mundo todo<sup>2</sup>.

Uma das possibilidades oferecidas pelo *site* de relacionamento do *Orkut* é a de criação e afiliação a comunidades que, no seu sistema, se subdividem em várias áreas de interesse. Dentro das comunidades, que podem abrigar de meras dezenas a milhares de usuários do serviço, há dois tipos de interação entre seus membros, seja por enquetes criadas pelos seus moderadores, seja através de fóruns criados a partir do tema comum da própria comunidade. Ali, a interação entre os seus integrantes pode se dar de forma contínua abordando desde temas corriqueiros a temas de interesse geral.

Toda a interação entre esses indivíduos armazenada na forma dos fóruns tornam esses dados acessíveis a qualquer pessoa interessada nos assuntos debatidos, fornecendo ao visitante a possibilidade de colher informações “puras”, sem qualquer tipo de condução ou “contaminação” externa.

Aqui nos defrontamos uma vez mais com a função básica dos meios de armazenar e transmitir informação. De modo mais simples: armazenar já é transmitir, pois o que já está armazenado é mais acessível do que o que ainda deve ser colhido. [...]. Como a eletricidade criou múltiplos meios não-visuais de armazenamento e recuperação da informação, deslocaram-se a base e o caráter tanto da cultura como da Ciência. (MCLUHAN, 2005: 182)

No âmbito do jornalismo, a matéria-prima para a produção do material jornalístico pode ter várias origens, seja a partir de uma denúncia, a partir de um *release* oficial, uma entrevista, ou mesmo a partir de dados disponíveis em documentos de acesso público ou

---

<sup>2</sup> Dados do próprio *site* ([www.orkut.com](http://www.orkut.com)), área intitulada “sobre o Orkut”, subitem “dados demográficos”, acessado em fevereiro de 2010.

restrito. Assim sendo, o material contido em fóruns já serviram inclusive de matéria-prima para matérias jornalísticas. Cientificamente, ao empreender Estudos Culturais, Douglas Kellner defende a valorização do papel ativo do indivíduo, com ênfase na atividade e produção humana, em contrapartida ao consumo passivo. Dessa forma, a Kellner interessa nos Estudos Culturais o número de intervenções ativas do indivíduo. (ESCOSTEGUY, 2005: 155)

Em comparação com os primórdios da imprensa, que passou a possibilitar o armazenamento da informação, a internet, nesse caso, oferece a possibilidade de se conseguir recuperar dados que podem ser reutilizados para os mais variados fins e estudos. Mais do que nunca, na era da informatização, a informação tem um valor social muito alto. Em uma entrevista publicada no Brasil, Marshall McLuhan, ao ser questionado sobre os efeitos da tecnologia na vida do homem, já destacava o crescente valor da informação através de uma relevante exemplificação: “Em vez de haver dinheiro no banco, nele há informação, crédito. Já não se necessita de dinheiro: apenas de informação”.

Se levarmos em conta que a referida entrevista foi veiculada em livro no ano de 1979, hoje, com o desenvolvimento tecnológico bancário resultando em cartões de crédito e débito, o débito automático e a possibilidade de movimentações financeiras através de internet banking e até do celular, a declaração então aparentemente profética de McLuhan faz todo o sentido.

Moeda muito valorizada nos tempos atuais, a informação para os estudos sociais pode ter sua origem em diversos tipos de suportes e a internet e seus resultados de interatividades entre seus usuários podem ainda oferecer muita matéria-prima para se tentar entender melhor a estruturação dos processos comunicacionais humanos de hoje e o que advirá deles. Assim, a partir das interações dos sujeitos integrantes da comunidade elencada para esse trabalho e do resgate das informações disponíveis nos fóruns, prova-se que é possível, dessa forma, alcançar como resultado as percepções e impressões desse público, acerca do produto cinematográfico que justificou a criação da referida comunidade.

Quando o foco em debate ou estudo se volta para a cultura, item apontado por muitos autores como matéria-prima dos estudos relacionados a Antropologia, muitas vezes surgem debates acerca de uma suposta fragmentação diante da intensa miscigenação mundial. Tal efeito teria gerado em muitas partes do planeta uma cultura tão díspare e ao mesmo tempo tão híbrida, resultada do processo incontornável de globalização, que rende ainda a ampliação das possibilidades de avaliação identitária.

Se a fragmentação das manifestações culturais quanto às suas características próprias resulta numa cacofonia de múltiplas identidades, a segmentação possibilita, no entanto, o reconhecimento identitário mais assertivo e específico dentro das possibilidades de manifestações segmentadas surgidas a partir do avanço tecnológico das comunicações gerais e interações entre indivíduos.

Na obra “Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet”, Peter Burke e Asa Briggs constatarem em suas análises que na maioria das vezes “a mudança cultural foi mais aditiva do que substitutiva”. (2006: 74) A afirmação corrobora com os argumentos de Marshall Sahlins acerca da cultura, objeto de estudo primordial da Antropologia, que em seus textos da obra “O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: Por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção”, ilustra exemplos de reinvenções e ressignificações que povos fazem de itens que para outros têm significados e importâncias diferentes, não suprimindo seus próprios valores diante do novo.

O processo de transformações pelas quais a cultura passa por vezes se revela cíclico, podendo ser, conforme o autor a aborda-lo, em um resultante de efeito de ressignificação, como em Sahlins, ou mesmo resultando não em ressignificação, mas no surgimento de algo novo que, na visão de Canclini, seria algo híbrido por conta de seu deslocamento ante o original e numa nova posição dentro de uma atualização que vão de valores e aos espaços físicos em que estão inseridas, e sua interação com o ambiente.

Ambos autores, no entanto, têm essas suas teorias anteriores à popularização da rede mundial de computadores, a *world wide web* (www). As manifestações no campo virtual da internet geram pequenas transformações de linguagem que vão dos modismos a mecanismos que permanecem mais tempo em uso, que ganham quantidade de usuários cuja contagem passa dos oito dígitos. E mesmo quando se fala do universo de virtualidades da grande rede, o termo “mecanismo permanente” por vezes não chega a durar metade de uma década, pois mesmo esses passam por processos transformadores que, em pouco tempo, já os configuram em mecanismos tão distintos dos originais quanto se é possível conceber; isso sem contar com os mecanismos que sobrepõem seus predecessores a ponto desses até simplesmente desaparecerem tamanho o ostracismo em que caem pouco tempo depois.

Um bom exemplo disso foi um dos primeiros e-mails gratuitos criados no Brasil, o Zipmail. Para o seu lançamento e consequente posterior popularização e massificação, o serviço chegou a contar com comerciais veiculados em rede nacional, em horário nobre, no

canal televisivo de maior audiência do país, a Rede Globo de Televisão. O serviço, no entanto, passou por um processo que fez com que ele fosse aos poucos caindo em desuso suplantado por outros serviços gratuitos de e-mail que, ou traziam ferramentas melhores de armazenagem e outros itens técnicos, ou eram mais visados pelos usuários por serem mais afamados junto àqueles que utilizavam a internet, haja vista a relevante tendência de trocas de informações e experiências entre seus usuários. Dessa forma, poderem ser considerados em voga pelo modismo da época, refletindo na quantidade de usuários dentro desse período, apesar de opções comumente coexistirem. Ao mesmo tempo, também surgiam serviços de provedores que ofereciam e-mail personalizado aos seus assinantes o que, muitas vezes, ganhava até certo nível de *status* superior por conta da exclusividade do serviço pago.

Depois de ser uma verdadeira referência em correspondência eletrônica no Brasil, cerca de cinco anos após a sua criação, o Zipmail perdia muito espaço para outro serviço de e-mail gratuito, o Bol (Brasil On Line), a ponto de hoje nem mais existir. O próprio nome desse novo serviço de e-mail sem custo para o usuário não passa de uma adaptação de outro serviço de provedor de e-mail pago que já existia nos Estados Unidos e que posteriormente foi trazido ao país, a Aol (America On Line) – que também era serviço de provedor - que, por sua vez, posteriormente, também acabou suplantado no país pelo Uol (Universo On Line), em uma sucessão contínua de suplantações de importância. Esse processo tem justamente no usuário de internet a personagem mais ativa e que cuja ação decreta aqueles que perecem e aqueles que serão referência.

Na internet hoje, um efeito observado é a tendência de colaboratividade entre usuários em redes, sociais ou temáticas, em sites de redes sociais ou em grupos de discussões possibilitado por serviços de e-mail, como é o caso do Yahoo que, em seu serviço de e-mail, oferece o YahooGroups, em que vários usuários podem enviar e receber mensagens coletivamente. No caso da colaboratividade, pessoas se unem pelo interesse em comum e compartilham de dicas relacionadas a temas específicos, a até traduções de obras literárias e legendas de filmes e séries de tv ainda inéditos no Brasil, em sistema de coletividade, e compartilham o resultado entre si.

Além dos grupos de discussões, essas interações também ocorrem nos sites de relacionamentos que, em geral, fazem muito sucesso entre os usuários de internet brasileiros. Um bom exemplo é o site de relacionamentos Orkut, que já foi o mais popularmente conhecido no país, de onde atualmente vem a maioria dos seus usuários ainda ativos. Esse site

em específico surgiu em janeiro de 2004 e sua popularidade no Brasil atingiu índice tão alto que hoje os brasileiros representam mais de 50% do total de milhões de usuários do mundo todo, apesar de ter sido suplantado pelo Facebook.

As possibilidades de interação e de se manifestar na internet, no entanto, trazem muitas outras possibilidades além dessas, dentre as quais os blogs e o atual serviço que está em voga entre os usuários mais atualizados, que é o Twitter, chamado de microblog pela limitação a postagens de texto de no máximo 140 caracteres. Há que se mencionar ainda, possibilidades de interações com números mais limitados de interlocutores, como o Messenger e o Skype que, nesse caso, dependem ainda de instalações de programas específicos no computador do usuário.

O que ocorre nessa numerosa possibilidade de interações, exposições e ambientes virtuais em que as pessoas podem se comunicar com inúmeras outras quanto o assunto chave é a identidade? Axel Honneth em sua obra “A luta por reconhecimento”, quando cruza os estudos sociológicos de Hegel com as teorias sociais de Mead, ao tratar dos diferentes ambientes sociais a que o indivíduo está sujeito, recorre à psicologia social de William James que defende a existência de “um reservatório de energias psíquicas que dota sujeito de um grande número de possibilidades inesgotadas de identidade”. (2003: 140)

No caso das redes sociais, termo definido por Wasserman e Faust (1994) como conjunto ou conjuntos finitos de atores e suas relações, é incomensuravelmente grande – e por vezes, bem-vindoura – a possibilidade de um indivíduo adotar identidades diferentes daquela da qual ele faz uso nos seus ambientes cotidianos habituais.

Isso se dá, salvaguardas as devidas proporções dos ambientes, no que pode é chamado por alguns pesquisadores de desterritorialização proporcionado com o advento do ambiente virtual, em que é anulado o conceito de fronteira, e considerando o próprio efeito de hibridação. Este, por sua vez, tem como um dos mais reconhecidos estudiosos Néstor Garcia Canclini que a define como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. (1995: 19)

O processo de hibridação e suas consequências, segundo o autor, leva à relativização da própria noção de identidade. Ele defende, então, diante da heterogeneidade, focar esta

junto com a hibridação intercultural, ao invés de ter a identidade como objeto de estudo. “[...] As sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos instáveis [...] se reestruturam em meio a conjuntos interéticos, transclassistas e transnacionais”. (1995: 23)

O pensamento formulado por Canclini concomita com o processo que se observa das múltiplas exposições identitárias que o indivíduo assume em seus ambientes físicos e, principalmente, com o ambiente virtual que lhe oferece todas as possibilidades concretas e imaginárias para novas construções, já que amplia o campo de distribuição e manifestação dessas “novas” identidades.

Nesse ponto, deve-se ressaltar o caráter imersivo da participação do indivíduo nas interações possibilitadas no âmbito virtual da internet, que pode ser comparado com o conceito de hibridação cultural gerados pela heterogeneidade multitemporal elencado por Canclini. Ainda na década de 1960, outra referência em estudos acerca do impacto das tecnologias sobre a convivência entre indivíduos e suas interações, Marshall McLuhan, já chamava a atenção sobre a intensidade exigida do elemento humano no lidar com certas tecnologias:

Embora desligadas de seus usos, tanto a luz como a energia elétrica eliminam os fatores de tempo e espaço da associação humana, exatamente como o fazem o rádio, o telégrafo, o telefone e a televisão, criando a participação em profundidade. (MCLUHAN, 2005: 23)

Em sua obra referencial, “Os meios de comunicação como extensão do homem”, em que analisa basicamente as mudanças humanas diante dos avanços tecnológicos, o autor comumente recai sobre as questões relacionadas às consequências disso sobre o espaço físico em que o homem está inserido.

O automóvel aglutinou a forma abstrata da cidade industrial, misturando suas funções separadas a ponto de deixar perplexos tanto o cidadão quanto o urbanista. O avião viria completar a confusão, aumentando a mobilidade do cidadão a ponto de tornar irrelevante o espaço urbano. O espaço urbano é igualmente irrelevante para o telefone, o telégrafo, o rádio e a televisão. O

que os urbanistas chamam de “escala humana”, ao discutir os espaços urbanos, está desligado dessas formas elétricas. As extensões elétricas de nós mesmos simplesmente contornam o espaço e o tempo, criando problemas sem precedentes de organização e envolvimento humanos. Um dia ainda suspiraremos pelos bons tempos do automóvel e da auto-estrada. (MCLUHAN, 2005: 125)

Como que antevendo a própria internet, McLuhan já ressaltava que o avanço tecnológico em que o homem se inseria à época desse seu estudo torna o indivíduo cada vez mais “presente e acessível” a qualquer pessoa (2005: 278). O autor ainda nomeia e decreta o homem nessa condição de “co-presença” (2005: 286) diante das possibilidades que surgiam, coincidindo com a acessibilidade a que o indivíduo se encontra no mundo virtual - tendo o telefone como uma espécie de precursor para o efeito de “não-lugar” de seu usuário -, além, claro, do mundo físico e suas tecnologias já disponíveis à época de McLuhan.

Apesar de no período de seu estudo nem sequer era possível prever o processo de popularização e facilidade de acesso à tecnologia do computador, como o que se pode observar nos tempos atuais, McLuhan já analisava os computadores da época, prevendo seu impacto sobre o fator humano:

Todo processo que se aproxima da inter-relação instantânea de um campo total tende a elevar-se ao nível do conhecimento consciente — daí que os computadores pareçam “pensar”. (2005: 393) Em matéria de coleta de dados, chegamos a ponto semelhante a partir do momento em que cada chiclete que mastigamos é registrado por um computador, que traduz os nossos menores gestos numa curva de probabilidade ou de algum parâmetro da ciência social. (2005: 71)

Em seu trabalho, realizado muito antes da popularização do computador, que ainda ocupavam andares inteiros de prédios, até chegarem ao PC (*personal computer*) e os demais computadores portáteis que temos hoje – *laptops*, *notebooks*, *netbooks* -, bem como seus similares ou equipamentos eletrônicos que oferecem funções iguais – *i-pads*, *i-phones* e *smartphones* -, McLuhan ainda não tinha qualquer pista do que adviria dessa tecnologia: a internet. E com ela, a possibilidade máxima de imersão inerente à essa tecnologia, e tão associada ao ato de “navegar” pela internet.

Ao abordar esse efeito, Arlindo Machado ressalta que o próprio processo de subjetivação do indivíduo ao percorrer as incontáveis páginas disponíveis hoje na internet “se dá através da imersão”; e que, com isso, abre-se àquele que faz uso disso, dentro da imersão, a alternativa de “existir como pura possibilidade dentro do mundo virtual”. (MACHADO, 2007: 163)

Em seus primórdios, a internet e o efeito de imersão foram foco de especulações e teorizações por parte de muitos estudiosos entrevistados sobre o assunto na obra de Federico Casalegno, *Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes* (2006). Dentre os entrevistados, Pierre Lèvy aposta então no surgimento de uma “*inteligência coletiva*”, em decorrência do acúmulo de informações e conhecimento no mundo virtual, originários a partir de vários usuários espalhados pelo planeta; e Jean Baudrillard, que fala de uma “paralelidade contínua” (2006), ou seja, de uma realidade que co-existe paralela ao mundo físico, que concomita com a ideia de usuários assumindo outras personalidades no mundo virtual; enquanto Michel Maffesoli (2006) analisa a internet como um “*mundus imaginalis*”:

[...] é um meio entre o macro e o microcosmo, é uma passarela entra essas duas dimensões. No mundo imaginal, mundo intermediário que nos permite participar em um conjunto mais vasto, encontramos uma dimensão que ultrapassa a simples comunicação, a sociedade da informação, e que nos remete à comunhão sob as várias formas e expressões sociais (2006: 217)

Em sua análise um tanto quanto especulativa, mas de abordagem filosófica, Baudrillard vai ainda mais longe chegando a apontar a possibilidade de futuramente haver uma troca definitiva do mundo físico pelo mundo virtual:

[...] a circulação sem fim do virtual fará com que o real jamais possa se trocar com o nada, nem possa ser resgatado. Todo o sistema converge nesse esforço desesperado para escapar um pouco a essa troca com o nada, a essa incerteza radical para escapar a essa fatalidade da troca impossível. Vendo que tudo pode ser trocado, é preciso encontrar o equivalente do mundo em valor, é preciso lhe dar um sentido e um fim. Quando se obtiver esse fim, essa fórmula, esse destino, então, estaremos quites com o mundo, nos livraremos dele, tudo estará resgatado, e a dívida será paga. Enfim, o mundo poderá ser trocado por algo, e a incerteza chegará ao fim. (2006: 223)

Para o estudioso francês, a internet é o passo mais largo possível que se poderia dar dentro do propalado processo de globalização que vem ocorrendo nas últimas décadas, pois no ambiente virtual as barreiras físicas se extinguem de vez. Se a língua ainda era uma barreira remanescente, por exemplo, na internet é possível encontrar ferramentas que podem ser utilizadas a qualquer momento para tradução de textos simples – e ainda pode-se ouvir a pronúncia de um texto em outras línguas - a páginas inteiras. Daí o motivo pelo qual Baudrillard reforça sua tese de uma iminente substituição de realidades:

Agora, o mundo global, visto que verdadeiramente estamos diante de uma globalização, encontra-se destinado a ser substituído por um artefato que lhe é idêntico, operacional, exato, infinitamente mais verdadeiro e mais performativo que ele, muito mais real do que o mundo real. (2006: 224)

A multiplicidade de possibilidades de construção identitária dentro desse universo virtual que, quem sabe, um dia substituirá o universo físico, se expande sobremaneira. Mesmo não se referindo especificamente à internet, Stuart Hall já fala de construção multi-identitária que é inerentemente intrínseca ao indivíduo que ele chama de pós-moderno, em um processo que o autor nomeia de “celebração móvel”, diante das variações de necessidades e exigências a que somos submetidos nos vários âmbitos sociais. Nesse processo, as fragmentações das construções identitárias pelas quais o sujeito se apresenta, que fazem parte do “eu” coerente” (HALL, 2005: 13), e podem ser inclusive contraditórias entre si, incluem também as identidades sexuais.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente. (HALL, 2005: 13)

As identidades a serem construídas de acordo com as demandas oferecidas pelas convivências sociais, também existem no âmbito virtual. Nesse âmbito, no entanto, há diversidade de espaço e de possibilidades de construção de outras que integram o “eu” coerente de forma desassociada às que o indivíduo mais usa habitualmente, principalmente daquelas criadas para atender as demandas sociais impostas pela convivência em ambientes regidos pelo comportamento estabelecido pela hetero-normatividade, por exemplo. Assim sendo, não raro, pessoas que se vêem sob tal jugo encontram refúgio em redes sociais, muitas vezes, assumindo sua identidade sexual, fazendo uso de uma suposta personagem “*fake*” – falso, em inglês.

O próprio termo “*fake*” tem seu uso bastante popularizado nas redes sociais onde se sabe, de antemão, que se um usuário daquele espaço virtual o está utilizando, assim o faz para acobertar sua identidade legal oficial, muitas vezes, para que não fique patente a verdadeira identidade sexual que o indivíduo não deixa transparecer em seu ambiente de convivência social do mundo concreto.

Os “*fakes*”, antes de serem definitivamente popularizados nos sites das redes sociais, eram muito comuns nas primeiras ferramentas de interação surgidas na internet, que se materializou na forma dos chats, ou salas de bate-papo, como também eram conhecidas. Livre dos ditames sociais do “mundo real”, cria-se a identidade “falsa” no âmbito virtual que, no entanto, possibilita àquele que a utiliza expressar-se de acordo com sua identidade sexual até então, muitas vezes, suprimida no âmbito concreto do seu dia-a-dia.

Hoje, na mesma rede social, muitos usuários têm identificações nominais diferentes, uma com o nome pelo qual responde em seus documentos oficiais, à família e amigos, e outra falsa criada justamente para esconder a anterior para que, dessa forma, possa se manifestar de forma a expressar desejos e anseios que normalmente não teria como externar diante de suas convivências sociais cotidianas.

Longe da adoção dessa medida como mera diversão, ela revela como, ainda hoje, os receios que cercam as questões identitárias sexuais, mais especificamente as homossexuais, levam ao suprimimento dessa identidade no macro campo da sociabilidade de muitos sujeitos.

Observar essa incidência comum de hoje na internet, faz pensar em como ainda está longe o reconhecimento e a real aceitação de características identitárias cujas reivindicações nesse sentido remontam ao final da década de 1960, com o movimento que, para Hall, teve

início com a contestação da posição social do gênero feminino, e que expandiu posteriormente abarcando, além de gênero, também as identidades sexuais. Apesar das conquistas que o atuante movimento gay alcançou nos Estados Unidos, no Brasil ainda não se alcançou, sequer, a criminalização da homofobia que ainda garante de vez em quando algum destaque na editoria policial dos telejornais quando da incidência de alguma agressão ou assassinato motivado por ódio baseado na rejeição da identidade homossexual alheia.

Diante disso, não é de se estranhar que a internet, em salas de bate papo, Messenger e, principalmente, nas redes sociais, a identidade falsa seja tão adotada para abrigar uma identidade sexual que ainda sofre no âmbito social real para ter reconhecimento quanto aos seus direitos.

Em tempos de incessante evolução e/ou transformação das possibilidades de comunicação entre indivíduos, com o surgimento contínuo de mecanismos, programas e equipamentos que ampliam a diversidade cada vez maior de subjetivações e expressões, a fragmentação identitária também é ampliada diante de tantas oportunidades e possibilidades que se tornam difíceis de ser mensuradas.

No que temos hoje colocado no âmbito virtual, diante dos cerceamentos impostos às claras ou subliminarmente na esfera social, observa-se a irônica situação à qual muitos indivíduos se sujeitam, chegando a fazer uso da criação de identidades falsas para que, através dela, possam e consigam exercitar sua verdadeira identidade sexual.

Parece que, por enquanto e ainda durante muito tempo, as contradições ainda serão uma constante nas relações sociais que encontram no mundo virtual uma falsa liberdade que, no entanto, se torna mais verdadeira e concreta do que aquela que deveria reger efetivamente as relações sociais no mundo concreto depois de tantas demonstrações de lutas por reconhecimento de direitos, remetendo ao que é defendido por Canclini quanto ao efeito da hibridação que, no entanto, não significa “liberdade irrestrita”. (1995: 29)

Longe disso, ainda seguem-se entrecortadas discussões no âmbito político brasileiro das leis de reconhecimento da união homo afetiva e pela criminalização da homofobia, com a tolerância às manifestações públicas da homossexualidade restrita ao carnaval e às paradas gays que, no entanto, servem mais de fomento ao mercado de turismo do que efetivamente à tolerância especificamente. Mesmo o termo tolerância carrega em si certo ranço relacionado a algo que é meramente suportado, não necessariamente aceito ou respeitado. Enquanto isso, a

visibilidade da identidade homossexual se restringe a questões mercadológicas com serviços e produtos voltados a esse público em específico, levando-se em conta a lucratividade do mercado de segmento, que ganha cada vez mais espaço.

Enquanto isso, o espaço para a expressão dessa identidade, se em grandes centros ainda existem, mesmo que limitando-se a guetos ou regiões específicas, restringindo assim o acesso a esses locais àqueles indivíduos que podem desfrutar da mobilidade exigida por isso, àqueles muitos outros que não dispõem nem disso, resta o refúgio no mundo virtual onde sua verdadeira identidade, mesmo que oculta sob uma identidade falsa à vista da sociedade em que ele encontra-se fisicamente inserido, possa ser expressada com um pouco mais de liberdade.

Para esses, o advento do virtual abre realmente um universo novo de possibilidades de expressão de uma identidade que emprega à internet uma significação muito mais ampla e valorosa que para a maioria dos demais usuários.

Na continuidade e desenvolvimento desse trabalho, em sua primeira parte será abordada a forma como podem e são construídas as identidades, das questões territoriais às relacionadas à sexualidade que, por sua vez, se reflete nas percepções acerca do produto cultural elencado para a pesquisa inicialmente proposta. A partir de então, é feita uma abordagem em caráter de amostragem da forma como a homossexualidade vem sendo retratada nos produtos resultados da arte cinematográfica, e posteriormente, do filme que inspirou a criação da comunidade da rede social elencada e que norteou as interações selecionadas para este estudo. Na parte seguinte, é empreendida a apresentação dos dados da comunidade em questão, com breve apresentação de seus sujeitos a partir de dados da sua área de fóruns; para logo em seguida pormenorizar a metodologia aplicada para alcançar as percepções e impressões do público pesquisa, cujos dados são apresentados na sequência, para então chegarmos às considerações finais.

## 1 HOMOSSEXUALIDADE, IDENTIDADE E CINEMA

A sexualidade e a homossexualidade perpassam os objetos desse trabalho. Afinal, tanto o filme quanto que inspirou a criação da comunidade, quanto o norteio das discussões desenvolvidas na sua área de fórum, estão muitas vezes relacionados, direta ou indiretamente, às questões da sexualidade. Por isso, para o alcance pleno dos objetivos inicialmente propostos, é preciso entender a construção identitária relacionada à sexualidade, que muitas vezes é um dos principais fatores de identificação desse público com o produto cultural, o que se dá por vezes com intensidade tal que suscita a necessidade de compartilhamento de impressões e percepções com outros sujeitos, o que foi possibilitado com a criação da comunidade.

A visibilidade que a suposta minoria representada por aqueles indivíduos que assumem ou não sua identidade homossexual tem nos últimos anos ganhado cada vez mais espaço nas discussões públicas no Brasil, seja no âmbito social, seja no âmbito político. Como já ressaltam logo no início de uma das obras mais objetivas e referenciais sobre o assunto publicada no país, “O que é homossexualidade”, de Peter Fry e Edward MacRae, o próprio título da obra tornada pergunta dá margem ao pressuposto de coisificação da homossexualidade. Isso, para os autores, precisar o que é homossexualidade seria problemático diante da “infinita variação sobre o tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo”. (1985: 7)

A abordagem da homossexualidade relacionando-a à identidade, em si, já demanda a natural distinção entre sexo fisiológico e sexo social (papéis sociais), como os autores destacam ainda no início de sua obra sobre o tema que, segundo eles afirmam, tem sido discutido cada vez mais. A afirmativa elocubrativa, no entanto, concomita com a subdivisão de conceitualizações que a co-autora de “Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais”, Katryn Woodward, faz em seu capítulo na obra: “a conceitualização da identidade envolve o exame dos sistemas classificatórios que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas: por exemplo, ela é dividida em ao menos dois grupos em oposição” (2000:14). Levando em consideração esse que é um dos pontos de partida da compilação feita quanto às diferentes conceitualizações de identidade, bem como as posições coincidentes, pode-se referendar a sexualidade, no caso, a heterossexualidade e a homossexualidade, já que “a construção da identidade é tanto simbólica quando social” (WOODWARD, 2000: 10); e se,

como Bauman afirma, “o campo de batalha é o lar natural da identidade” (2005: 83), uma vez que há a constante busca de afirmação, auto-afirmação e reconhecimento social e político, itens que, por sua vez, são plenamente aplicáveis à homossexualidade.

Da interdição pura e simples apregoada por muitos preceitos religiosos ou morais calcados também em formação religiosa, à ação da própria lei nesse sentido, ainda vigente em muitos países em pleno século XXI, sendo ainda considerada distúrbio ou doença mental inclusive no Brasil por muitos anos, a homossexualidade, no entanto, sempre co-existiu em meio às limitações externamente impostas. As limitações internas, no entanto, têm mais a ver com a formação de uma mentalidade que tanto pode ter sua origem nesses fatores que justificam a interdição, principalmente o religioso e social, quanto na recusa no procedimento de reconhecimento identitário por questões tão pessoais quanto possível.

Fry e MacRae deixam claro que, para eles, nenhuma das teorias existentes acerca das possíveis causas da homossexualidade convence e que tratariam-nas em sua obra como produções ideológicas. “Desta ótica relativizante, estas teorias dizem muito mais sobre as pessoas que as articulam, dos contextos sociais e culturais onde são produzidas do que a “homossexualidade” em si” (1985: 15). Levando-se em conta que o trabalho foi publicado originalmente na primeira metade da década de 1980, pode-se considerar que as abordagens em obras que tratam do tema pouco mudaram, se é que alguma mudança ocorreu veementemente.

Distante das questões atuais das possíveis origens e causas da homossexualidade, ao tratar da sexualidade, Foucault resgata as antigas teses, invocando Protógenes e Písias, de que o amor entre iguais masculinos seria mais real quanto à afetividade que une dois seres do que o convencional heterossexual por justamente contrariar o princípio básico natural da mera procriação, que estaria intrinsicamente ligado ao prazer. Em outras palavras, o que os une não seria a tarefa básica da procriação e instinto de preservação da espécie, algo mais relacionado às questões biológicas e até religiosas de acordo com leituras de escrituras bíblicas, por exemplo.

Não há, portanto, senão um amor verdadeiro, o dos rapazes: porque os prazeres indignos dele estão ausentes e porque implica necessariamente uma amizade que indissociável da virtude; se, além disso, o pederasta constata que seu amor não suscita

no outro “amizade e virtude”, ele renuncia, então, aos seus cuidados e à sua fidelidade. (FOUCAULT, 1997: 87)

Na sua sucessão de exposição quanto ao posicionamento de antigos filósofos acerca da homossexualidade, contrariando o que defendia Cáricles do caráter antinatural do amor entre rapazes, Foucault já o trata de desconstruir relacionando à própria evolução do pensamento.

[...] o amor pelos rapazes surgiu muito mais tarde; de modo algum, como pretendia Cáricles, por decadência, mas, ao contrário, pela elevação dos humanos para mais curiosidade e saber. De fato, quando os homens, após terem aprendido tantas habilidades úteis, começaram a não negligenciar mais “nada” em sua pesquisa, a filosofia surgiu, e com ela a pederastia. (FOUCAULT, 1997: 111)

Mesmo diante de uma evidente parcialidade na compilação que Foucault faz nas relações amorosas “intermasculinas”, como ele mesmo chama, há uma persistência em relacioná-la a evolução do pensamento na forma da Filosofia, bem como na evolução da própria: “Quando, ao separar-se das artes particulares, a filosofia começou a interrogar-se sobre todas as coisas, ela encontrou, a fim de transmitir a sabedoria que ela proporciona, o amor pelos rapazes – que é também o amor pelas belas almas, suscetíveis de virtude.” (1997: 112)

Voltando a tempos mais recentes, em muitos países onde a ordem é estabelecida predominantemente pela heteronormatividade, muitas vezes originárias de arraigamentos cristão-ocidentais de interdição com suas estruturas sociais heterossexistas, a homossexualidade tem interpretações bem diferentes, apesar de toda a evolução acumulada não só pela Filosofia, como todas as demais ciências. De proibições taxativas e incontestes, à classificação como perversão, psicopatia, distúrbio mental e doença. Era assim no Brasil, onde o antigo INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social), que cumpria as funções que hoje cabem ao SUS (Sistema Único de Saúde), tinha como item 302.0 de suas classificações de doenças às quais oferecia tratamento público, a classificação do “homossexualismo” como desvio mental. A classificação, no entanto, seguia o que era determinado pela Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde, que tinha a homossexualidade dentre as patologias elencadas. Tal classificação é a responsável pelo desuso do termo “homossexualismo” por conta de sua ligação com a

classificação anterior com patologia e problemas mentais, sendo substituído por “homossexualidade”.

Na transição das qualificações, no Brasil, a homossexualidade passou do âmbito do crime, sob o jugo do embasamento legal fundamentando mais em questões religiosas, para a doença, abarcado pelo setor médico e psicológico. A transição, no entanto, não livrou muitos indivíduos homossexuais a serem subjugados a métodos pouco ortodoxos e experimentais de “cura” e “correção”, que podem ser encontrados em relatos em livros que abordam o tema. A obra de Fry e MacRae traz vários relatos de experimentos documentados feitos em homossexuais detidos por envolvimento em diferentes tipos de crimes menores que, por consentimento e até indicação do Poder Jurídico, serviram de cobaias para pesquisas de cunho científico questionável.

Somente em 1973 a homossexualidade deixou de ser classificada como doença pela Associação Americana de Psiquiatria, não coincidentemente, dentro do mesmo período em que o militância das organizações que atuavam pelos direitos gays estava em plena atuação e ganhava mais força. Dessa forma, ao invés da questionável e improvável busca pela “cura” do homossexualismo, os profissionais da Psiquiatria passaram a oferecer formas de buscar que os indivíduos homossexuais pudessem aceitar sua condição. Seguindo a mesma tendência, a Associação Americana de Psicologia fez o mesmo dois anos depois. No Brasil, a mudança oficialmente só ocorreu em 1984 quando a Associação Brasileira de Psiquiatria divulgou sua resolução contrária a classificação da homossexualidade como desvio sexual, seguido no ano seguinte pelo Conselho Federal de Psicologia que deixou de classificar a homossexualidade como patologia passível de tratamento. Esta última ainda estabeleceu, em 1999, regras aos profissionais da Psicologia determinando que esses não colaborassem em eventos e serviços que proponham tratamento e/ou cura de homossexuais. No âmbito global, a Organização Mundial de Saúde só retirou a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças em 1990.

Ao tratar desse assunto, o autor da obra “Os homoeróticos – Os gays e as lésbicas na sociedade brasileira”, publicada em 1983, quando ainda havia a classificação patologizante da homossexualidade no Brasil, Delcio Monteiro de Lima, já defende que “a homossexualidade, no caso, é apenas uma variável e não um elemento que particularize e distinga o contexto da personalidade homossexual.” (LIMA, 1983: 36)

O militância pelos direitos civis, essa luta por reconhecimento, seja ele o feminismo, o negro ou o homossexual, coincide com o início das discussões na área das ciências sociais acerca do item “identidade”. Não coincidentemente, questões sociais e políticas e as ações que concommitavam a diferença de minorias com sua invisibilidade, buscando ironicamente a visibilidade dessas diferenças para buscar a igualdade de direitos, é que impulsiona o surgimento das discussões das questões identitárias. Ou seja, a segmentação, que pode inclusive ser associada à fragmentação dos tempos modernos e pós-modernos, com a luta pelo reconhecimento das diferenças em prol da igualdade de direitos sócio-políticos.

Ao tratar da luta por reconhecimento, em obra homônima, Axel Honneth, tendo como base originalmente a obra Hegeliana, elenca a “singularidade” como elemento básico para o alcance do reconhecimento, apresenta cômsona justamente com a tese de que na diferenciação, no reconhecimento das peculiaridades, é se que define o caminho a percorrer para alcançar a valoração social almejada e, conseqüentemente, garantia de direitos. Ou seja, ao se ressaltar o que difere, exprimindo a singularidade de um indivíduo, reconhecendo suas características próprias, é que leva ao reconhecimento. Para este autor, mais do que um princípio básico para o reconhecimento, não se pode negar a “individualização”, que leva a auto-compreensão, fator primordial para a construção identitária, partindo da sua valoração como indivíduo, fora do âmbito do coletivo.

É na diferenciação dada entre “Eu” e “Me” que, para Honneth, se dá a construção identitária, com o primeiro sendo o resultado das interações com o outro e o segundo designando a imagem cognitiva (2003: 127 e 133), tendo como base as teorias de Mead.

[...] A identidade consciente de si mesma, de fato operante no relacionamento social, é um “Me” objetivo, ou são vários “Mes”, num processo de reação contínuo. Eles implicam um “Eu” fictício, que nunca entra no próprio campo de visão. (HONNETH, 2003:131)

No dos direitos e da condição social do homossexual, esses vários “Mes” fazem-se necessários de acordo com o ambiente micro dentro do macro social em que o indivíduo está inserido, até por questões de auto-sobrevivência, na maioria dos casos. Honneth chega a destacar que Mead em seu trabalho, reportando-se a William James, defende que a existência

de “um reservatório de energias psíquicas que dota sujeito de um grande número de possibilidades inesgotadas de identidade”. (2003: 140)

A partir de então, na sequência do estudo em “Luta por reconhecimento”, o autor se aprofunda na questão da construção identitária que, no caso do indivíduo homossexual, será preponderante pela busca do conhecimento das suas singularidades e, por conseguinte, para a sua luta por reconhecimento. Para tanto, passa-se pela “identidade do indivíduo” que se desenvolve plenamente à medida que ele age de acordo com o grupo social organizado pelo qual nutre o sentimento de pertença, de acordo com as ações desenvolvidas nesse âmbito, possibilitando que ele possa “desenvolver uma identidade completa e a que ele desenvolveu” (2003: 136). Ser aceito coletivamente seria, então, o meio através do qual se busca alcançar o atendimento de seus direitos que, para o autor, “são de certa maneira as pretensões individuais das quais posso estar seguro que o outro generalizado as satisfará”. (2003: 137)

É nesse ponto especificamente que Honneth, ao citar Mead, por consequência, chega ao termo que é usualmente suscitado quando se aborda os direitos relacionando ao movimento gay: dignidade que, aqui, adviria do reconhecimento do indivíduo como membro da sociedade. A dignidade, para corroborar ainda mais com os discursos pró-direitos homossexuais, corresponde à experiência de reconhecimento de um modo de auto-relação prática, na qual o indivíduo pode estar seguro do “valor social da sua identidade”.

Dois autores que tratam bastante e mais direta e objetivamente sobre o tema “identidade”, Hall e Bauman, abordam em seus trabalhos o fator da “fragmentação” características dos tempos atuais, percebida a partir do final do século XX, e que se reflete diretamente na constituição das identidades. Para Hall, as fragmentações abalam a ideia que temos de nós mesmos como “sujeitos integrados” (2006: 9), enquanto Bauman afirma que na época “líquido-moderna” – assim chamada por ele por conta de sua inconstância e mutabilidade -, “estar fixo – ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto”. (2005: 35)

Aos habitantes do “líquido mundo moderno”, para Bauman, implica no exercício da “identidade em movimento” (2006: 32), já que a alta velocidade e constante aceleração resultam em que não se pode mais confiar na pretensa utilidade de estruturas de referência com base na suposta durabilidade identitária, como na forma como se baseavam as identidades anteriormente.

Essas estruturas não incluem facilmente novos conteúdos. Logo se mostrariam muito desconfortáveis e incontroláveis para acomodar todas as identidades novas, inexploradas e não-experimentadas que se encontram tentadoramente ao nosso alcance, cada qual oferecendo benefícios emocionantes, pois conhecidos e promissores, pois até agora não-depreciados. Rígidas e pegajosas, também é difícil livrar essas estruturas dos velhos conteúdos quando se chega a sua “data de validade”. No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam. (BAUMAN, 2005: 35)

Partindo da liquidez do mundo moderno de Bauman para as “culturas híbridas” de Néstor Garcia Canclini, em que o autor aborda as consequências modernas do contato profundo inter-cultural que acarreta em absorção e ressignificação de elementos culturais de outrem, por vezes até unilateral. O processo de hibridação e suas consequências, segundo Canclini, leva à relativização da própria noção de identidade. Ele defende, então, diante da heterogeneidade, focar esta junto com a hibridação intercultural, ao invés de ter a identidade como objeto de estudo. “[...] As sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos instáveis [...] se reestruturam em meio a conjuntos interéticos, transclassistas e transnacionais”. (1995: 23)

## 1.1 Homossexualidade e cinema

Para chegar ao filme “O segredo de Brokeback Mountain” e a repercussão que a obra alcançou junto ao público, especificamente o aqui pesquisado, faz-se necessário entender um pouco a forma como as questões relacionadas à homossexualidade vinham sendo abordadas nos produtos culturais da arte cinematográfica. Para isso, a intenção com esse parte da pesquisa é trazer meramente uma amostragem acerca das abordagens mais comumente encontradas no cinema, e não um apanhado completo do retrato da homossexualidade dentro da sétima arte, uma vez que tal tarefa demandaria uma pesquisa extensa e exclusiva para se tentar alcançar tal objetivo.

A temática da homossexualidade percorreu um longo caminho até se tornar um tema mais recorrente e, principalmente, com abordagem mais direta e objetiva no cinema, essa arte que em pouco tempo de existência já amalhava grande público em todo o mundo.

Se no âmbito das relações sociais em muitos lugares do mundo a homossexualidade é um tema tabu cercado de preconceitos e interpretações que vão do dubio ao equivocado, no início do século passado essa problemática poderia ser ainda mais complicada. Leis, em muitos países, ainda criminalizavam-na, tornando-a um assunto ainda mais interdito. Vem justamente desse aspecto aquele que é considerado o primeiro filme da história do cinema a abordar o tema da homossexualidade, pouco mais de duas décadas após a criação do próprio cinema.

### Os militantes

“Anders als die ander - § 175”, produção alemã que teve o nome traduzido no Brasil para “Diferente dos outros - § 175”, foi lançado em 1919 e com direção de Richard Oswald (1880-1963) em parceria com o médico sexologista Magnus Hirschfeld (1868-1935). A intenção com o filme foi justamente militar contra o parágrafo 175 do Código Penal da Alemanha, relacionado à lei promulgada em 1871, criminalizando a homossexualidade. Com a criminalização, vieram os problemas sociais para os indivíduos sob essa identidade sexual, cujos atos pessoais exercidos sob a regência de sua própria orientação sexual terminando por torna-los classificáveis de contravenção. Com isso, esses sujeitos tornaram-se passíveis, além

da própria criminalização de seu ato sexual, de crimes relacionados à chantagens e extorsões por parte daqueles que poderiam querer aproveitar-se diante da vulnerabilidade social que tal lei ocasionava.

O filme é protagonizado por Conrad Veidt, astro que ficara famoso por sua atuação no filme que é considerado marco inicial do movimento do Expressionismo Alemão, “O gabinete do Dr. Caligari”, em que viveu o sonâmbulo, criatura fantástica do filme também de 1919. Em “Anders als die ander - § 175”, Veidt interpreta o músico Paul Körner que acaba desenvolvendo afeto por um aluno que o admira. Surge então outro personagem, Franz Bollek, que ao verem passeando em um parque, aparentemente percebe a ligação fortemente afetiva entre o músico e seu pupilo, e passa a chantageá-lo.

O próprio médico sexologista Magnus Hirschfeld aparece em dois momentos do filme defendendo sua posição profissional posicionando-se contrariamente à lei que criminaliza a homossexualidade, e defendendo-a como algo natural e relativo ao ser humano. Porém, como ocorria muito à época na Alemanha, na vida real de vítimas de chantagens e pressão social por conta de sua homossexualidade, o personagem principal acaba cometendo suicídio ao final do filme. No entanto, antes disso, descobre-se que o personagem Körner havia tido um pequeno envolvimento com o personagem do chantagista anteriormente e que Franz havia lhe extorquido dinheiro e, por isso, acabou rechaçado pelo músico.

Mesmo com seus defeitos narrativos bastante comuns para produções da época, bem como certa parcialidade (sua narrativa não esconde em momento algum seu propósito de militar a favor dos direitos dos homossexuais) e até equívocos no trato com seu objeto de militância (as argumentações em defesa da naturalidade da homossexualidade se respalda em argumentos bastante rasos, tanto biológicos quanto psicológicos), “Anders als die ander - § 175” foi bem sucedido comercialmente e abriu caminho a uma série de filmes de temáticas semelhantes, a ponto de chamar atenção e fazer despertar forças que ocasionaram a instituição de censura a essa temática no cinema e o filme acabou banido da Alemanha no ano seguinte ao seu lançamento. O filme hoje está disponível apenas em formato fragmentado, já que partes dele se perderam, sendo encontrado com uma metragem de pouco mais de 50 minutos. O parágrafo contra o qual a produção militava só foi totalmente revogado em 1994.

Mais de quatro décadas depois da produção alemã, na Inglaterra, foi lançado em 1961 o filme “Victim”, rebatizado no Brasil como “Meu passado me condena”, estrelado por Dirk Bogarde e direção de Basil Dearden. Assim como o filme alemão, a produção britânica

abordava a vitimização de muitos sujeitos que sofriam com a criminalização da homossexualidade direta e indiretamente, tornando-os vulneráveis ao oportunismo criminoso na forma de chantagistas.

“Victim” é considerado o primeiro filme de língua inglesa a utilizar abertamente a palavra “homossexual” e a abordar tão abertamente o desejo homossexual. Bogarde interpreta o protagonista, um advogado bem sucedido e respeitado, e bem casado. O advogado, no entanto, acaba se envolvendo em um círculo de chantagens a homossexuais que, de uma hora para outra, têm suas vidas drasticamente modificadas ao terem que pagar por sucessivas extorsões sob a ameaça de serem denunciados à polícia e serem presos. Alguns fogem, outros chegam a cometer suicídio. Em uma das cenas mais citadas do filme, o protagonista é pressionado pela esposa quanto a quão conhecido era o rapaz que cometeu o suicídio que o impeliu a desbaratar a rede de chantagens, quando então ele confessa sem subterfúgios de linguagens figuradas ou analogias que eram mais comuns até então, que desejava muito o rapaz.

Um suicídio em específico, de um jovem, descobre-se depois, estar diretamente ligado ao advogado. O jovem que havia morrido, como ele confessa a sua esposa, numa sequência bastante ousada para a época e elogiada, havia sido seu amante e o personagem de Bogarde admite abertamente em seu diálogo com a esposa que o desejava.

Ambos os filmes citados até aqui, verdadeiros marcos do cinema por conta da abordagem que dão ao tema da homossexualidade. No entanto, ambos têm como vilões sujeitos que se aproveitam da criminalização dos atos homossexuais para chantagearem suas vítimas, também figuras homossexuais. Ou seja, ao mesmo tempo que se propõem a lutar contra as leis em seus países de criminalização da homossexualidade, eles prestam um desserviço ao vilanizarem a figura do próprio homossexual.

### **Código Hays**

A vilanização da figura do personagem homossexual, mesmo que só na sua aparência, ganhou bastante força no cinema estadunidense com a implementação do Código Hays, surgido em resposta a pressões de organizações religiosas diante da crescente ousadia observada em boa parte da produção cinematográfica das décadas de 1920 e 1930 não à toa, período em que Hollywood ganhou o apelido de “cidade do pecado”. Tendo como relator Will

Hays, o Código de Produção ficou mais conhecido como Código Hays que, em seu texto, impunha limites no trato de vários assuntos, bem como interdita vários outros. Em um pronunciamento à TV na época, o próprio Hays argumentou que o código estabelecia “alto padrão para os produtores de filmes” e “exige bom gosto e valores morais nesta forma universal de entretenimento”, que é o cinema.

Inicialmente, no entanto, o Código Hays não foi muito levado a sério em Hollywood, apesar de ter sido adotado pela MPAA (Motion Picture Association of America) – órgão que estabeleceu a limitação de idades do público dos filmes de acordo com o seu conteúdo -, mas em 1934 houve grande pressão novamente dos religiosos, incluindo a “Legião da Decência”, da Igreja Católica, que surgiu com ameaça de boicotes. Assim, o código passou a ser levado mais a sério e a ser seguido pelos grandes estúdios da época.

O Código Hays, então, estabeleceu várias regras que eram consideradas invioláveis, dentre as quais, a proibição sumária de “beijo de boca aberta”, “abraços libidinosos”, “perversão sexual”, “estupro”, “aborto”, “prostituição e escravidão branca”, “nudez”, “profanidade”, “obscenidades” e “palavrões” – apesar de não haver citação direta a homossexualidade no seu texto, ela acabou sendo subentendida em “perversão sexual”, uma vez que era classificada como distúrbio mental à época. Com tamanho recrudescimento quanto à liberdade temática, obras de outros suportes que eram transpostas para as telas, como adaptações literárias e teatrais, tinham personagens e situações completamente mudados para não infringir os ditames do código.

O Code Enforcement Office era comandado por Joseph Breen que em um pronunciamento à TV no início de seus trabalhos declarou: "O povo americano é simples e íntegro. Filosofias de vida distorcidas, cenas de sexo repulsivas, piadas sujas e falas com palavrões não são bem-vindas. Pessoas decentes não gostam dessas coisas. E é nossa obrigação proibi-las."

A partir daí os personagens gays foram camuflados e, não raro, apareciam como vilões e, muitas vezes, nem humanos eram, sendo retratados muitas vezes como vampiros e outros seres sobrenaturais. Esses, por sua vez, representavam a corrupção e até risco à vida do mocinho, fazendo por merecer ao final, a terrível morte ansiada aos piores vilões. Mesmo quando sem a abordagem sobrenatural que à vezes era empregada aos personagens homossexuais, os personagens de sexualidade considerada destoante para os padrões

heteronormativos, sem muita variação, tinham os finais mais terríveis, pois eram fadados ao sofrimento e à morte.

### **Vilanização**

Acusações como essa também surgiram em outros momentos, mesmo tendo o Código Hayes sido substituído por um código estabelecido pela MPAA e utilizado até hoje para a classificação dos filmes. Alguns dos mais relevantes deles relacionados aos filmes “Parceiros da noite” (direção de William Friedkin, 1980), “O silêncio dos inocentes” (direção de Jonathan Demme, 1991) e “Instinto selvagem” (direção de Paul Verhoeven, 1992), ambos obtendo bastante sucesso e repercussão. O primeiro deles retrata a sordidez de um universo de perversões ligando a homossexualidade ao sadomasoquismo em guetos e clubes de New York, com gays como vítimas assassinadas em cenas bastante explícitas, bem como o vilão que utiliza o visual estereotípico do universo da arte homoerótica. Já o filme de 1992 é um suspense policial de trama mirabolante que envolve em muito o apelo da temática sexual, principalmente da personagem feminina principal, que o público descobre no decorrer da trama trata-se de uma mulher bissexual bastante manipuladora, e até sua amante lésbica em dado momento tenta matar o policial protagonista por aparente ciúme. O segundo filme constrói o ambíguo vilão Hannibal Lector como um bissexual e a perseguição principal é ao psicopata alcunhado de Buffalo Bill que, descobre-se depois, trata-se também de um homossexual/transsexual totalmente desequilibrado a ponto de sequestrar mulheres com sobrepeso para com suas peles fazer uma vestimenta.

Os três filmes citados causaram revolta junto aos grupos organizados pelos direitos homossexuais nos Estados Unidos, que chegaram a promover protestos contra eles. A GLAAD (Gay & Lesbian Alliance Against Defamation), por exemplo, organizou manifestações e boicotes a “O silêncio dos inocentes” e “Instinto selvagem”. Para aumentar ainda mais a visibilidade sobre o filme “O silêncio dos inocentes” e sua imagem negativa quanto aos gays, o longa metragem foi o grande ganhador dos principais prêmios do ano em que foi lançado, incluindo melhor filme, diretor, ator e atriz no Oscar.

Para tentar melhorar a imagem do estúdio junto aos grupos do movimento gay estadunidense, o mesmo estúdio que produziu “O silêncio dos inocentes” lançou no ano seguinte outro filme com destaque a um personagem homossexual, com o mesmo diretor. Trata-se do filme “Philadelphia”, protagonizado por Tom Hanks e tendo na direção Jonathan Demme. Dessa vez, no entanto, as entidades do movimento gay estadunidenses acusaram o

filme de dar um passo atrás, já que seu roteiro volta a vitimizar os gays na figura de seu protagonista que contrai o vírus da AIDS e morre, fortalecendo ainda a associação da homossexualidade e a AIDS - chamada equivocadamente pela imprensa, a princípio, como “câncer gay”. Ou seja, novamente é trabalhada a imagem do personagem homossexual de maneira a gerar pena no público, com seu definhamento durante o avanço da metragem do filme e sua consequente morte. Essa estratégia de trato com a figura homossexual foi bastante utilizada no filme da década de 1980 e início dos anos 1990 (“Aconteceu comigo”, 1985; “Meu querido companheiro”, de 1989; “Nossos filhos”, 1991; entre outros).

Na verdade, no caso de *Philadelphia*, a homossexualidade acaba sendo um mero acessório no filme que pode ser classificado com uma estrutura clássica tradicional de “filme de tribunal”, deixando as questões da homossexualidade à segundo plano, tratada de forma tímida e casta. Por exemplo, apesar de, à princípio, serem retratados como homens que moram juntos, a cena de maior intimidade entre o protagonista e seu companheiro é em uma festa em que eles dançam juntos.

Apesar das suas limitações, “*Philadelphia*” era até então o filme que tem a homossexualidade entre seus elementos, com maior repercussão. Um grande estúdio – Columbia –, um grande elenco – além de Hanks, Denzel Washington, Antonio Bandejas, Jason Robards e Mary Stretenburgen – e um diretor oscarizado – Jonathan Demme –, o que resultava numa referência, mesmo que não tão relevante assim em termos de resultado final alcançado. Isso só mudou realmente em 2005 quando finalmente foi lançado um filme cujo roteiro era há anos tido como um dos melhores roteiros não filmados – a conhecida “*black list*” de Hollywood, de roteiros reconhecidamente bons mas que não encontra estúdios e investidores com ímpeto de bancar sua produção –, já que tratava-se de um produto cultural considerado bastante arriscado. O filme resultado desse roteiro que há tempos circulava por Hollywood sem que fosse veementemente produzido, é “*O segredo de Brokeback Mountain*”, com direção de Ang Lee e lançado em 2005.

### **Nicho de mercado**

Antes desse filme, no entanto, houveram outras empreitadas em busca de visibilidade na tela grande à representação da homossexualidade como tema central. Uma das tentativas mais marcantes ocorreu em 1982, quando o estúdio Twentieth Century-Fox lançou a produção

“Making love” – lançado em vídeo no Brasil com o nome “Sem regras para amar” e “Fazendo amor”, segundo o IMDB (Internet Movie Database). O que deveria ser um marco em termos de abertura a uma abordagem mais contundente, no entanto, ganhou ares de ironia diante dos avisos que precediam a exibição do filme nos cinemas. Com fundo vermelho tomando toda a tela, lia-se os dizeres: "Twentieth Century-Fox is proud to present one of the most honest and controversial films we ever released. MAKING LOVE [o nome do filme aparece em letras maiúsculas nos avisos]". Só então a tela era tomada pelo nome do filme, com grafia trabalhada como normalmente ocorre com títulos de filmes, ocupando toda a tela. Em seguida, em uma nova tela de fundo vermelho, lia-se ainda: "We believe MAKING LOVE breaks new ground in its sensitive portrayal of a young woman executive who learns that her husband is experiencing a crisis about his sexual identity. MAKING LOVE deals openly and candidly with a delicate issue. It is not sexually explicit. But it may be too strong for some people. MAKING LOVE is bold but gentle. We are proud of its honesty. We applaud its courage."

Para tentar uma forma de compensação de como a homossexualidade vinha sendo mostrada durante décadas em filmes hollywoodianos, a proposta era de apresentar a homossexualidade como um ato de amor, não de violência. Mas à exemplo do que ocorria no movimento *blackexploitation*, onde produzia-se filmes à princípio para retratar os afro-americanos como heróis na tela grande, mas que na verdade era um mero produto para atender um nicho de mercado, o mesmo ocorreu com a empreitada da Twentieth Century-Fox. Ou seja, apesar da tentativa de atendimento de um novo nicho de mercado, provavelmente observado pelo crescimento dos movimentos de direitos gay bem como sua organização em protestos e atos organizados, o público em geral ainda precisava ser alertado para o que viria a seguir no filme.

### **Oscarizáveis**

Se no início dos anos 1980 os produtores tiveram muita dificuldade para escalar o elenco de “Making love”, cujo ator mais conhecido, Michael Otken, é mais afamado mesmo por sua participação no seriado de TV *Twin Peaks*, já faz alguns anos que, no entanto, que isso parece ter mudado. Ao invés de interpretar um papel de homossexual no cinema trazer risco de estigmatizar um ator ou uma atriz, para muitos isso pode ser um trabalho que pode

render muito prestígio e até prêmios, rendendo, paralelamente, reconhecimento e consideráveis aumentos salariais.

Até a década de 1980, foram poucas as atuações no cinema de personagens homossexuais que renderam prêmios ou indicações. Tomando como exemplo o Oscar, prêmio concedido anualmente pela Academy of Motion Picture and Sciences. O primeiro deles foi no ano de 1971 para a produção britânica “Domingo sangrento” (direção de John Schlesinger), para a atuação de Peter Finch de um médico que mantém relacionamento com um rapaz que, ao mesmo tempo, também tem envolvimento amoroso com uma mulher divorciada. Aqui, o envolvimento entre os personagens é mostrado sem as limitações que se observavam normalmente no cinema estadunidense. Não se faz uso de subterfúgios narrativos e visuais para mascarar a relação entre o jovem amante e o médico judeu que vive as pressões da família que, desconhecendo sua homossexualidade, tenta lhe arrumar casamento. Nem as cenas em que os amantes trocam acaloradas carícias na cama afugentaram o público que garantiu o sucesso do filme nos cinemas e projeção aos seus envolvidos.

Contrariando os discursos que comumente defendem a tese de que a interpretação de um personagem gay pode estigmatizar um ator e até mesmo lhe fechar portas, Peter Finch ganhou o Oscar de melhor ator seis anos depois, postumamente, por sua atuação no filme “Rede de intrigas”, que ganhou ainda outros três prêmios da Academy of Motion Picture and Sciences. O protagonista de “O segredo de *Brokeback Mountain*”, o ator Heath Ledger, foi indicado ao Oscar de melhor ator por sua atuação, mas só ganhou depois Oscar póstumo de melhor ator coadjuvante por “Batman – O cavaleiro das trevas”, em uma coincidência mórbida.

Um papel também considerado ousado rendeu a Al Pacino indicação por sua atuação no filme “Dia de cão” (de 1976, direção de Sidney Lumet), que reconta a história real de um homem que comete um assalto a banco motivado pelo interesse em conseguir dinheiro para que seu companheiro possa pagar por uma cirurgia de mudança de sexo. “O doce sabor de um sorriso”, de 1982, rendeu indicação ao Oscar ao ator James Coco, ironicamente interpretando um ator gay que não conseguia trabalho. Em 1984 foi a vez de um papel de uma lésbica em “Silkwood – O retrato da coragem” render a Cher indicação a atriz coadjuvante. Só em 1980, no entanto, é que finalmente um papel de personagem abertamente homossexual rendeu Oscar a um ator. No caso, o papel foi justamente em uma coprodução brasileira, “O beijo da mulher aranha”, dirigido por Hector Babenco e com roteiro adaptado de um livro de Manuel Puig,

rendendo o Oscar de melhor ator para William Hurt por sua atuação como o homossexual afeminado Molina.

Homossexuais e AIDS renderam indicações e prêmios no início da década de 1990: Bruce Davison que faz um homem cujo parceiro é infectado pelo vírus em “Meu querido companheiro” (1990); e Tom Hanks por Philadelphia (1994).

### **Oscarizados**

O sucesso do filme “O segredo de *Brokeback Mountain*”, tanto nas bilheterias quanto na ótima repercussão junto ao público e crítica especializada fez da obra cinematográfica um marco também na sua visibilidade e reconhecimento nos principais prêmios do cinema mundial, incluindo o Oscar, onde recebeu os prêmios de melhor diretor, roteiro adaptado e melhor trilha sonora original, além das indicações para melhor filme, ator e melhor atriz. Esse sucesso e reconhecimento abriu caminho a partir de então para outras atuações no Oscar, o principal prêmio do cinema estadunidense. Em 2009, por exemplo, Sean Penn ganhou o prêmio de melhor ator por viver o protagonista do filme “Milk”, com direção de Gus Van Sant - que é gay assumido -, cinebiografia do político militante gay estadunidense Harvey Milk. O filme ganhou ainda o Oscar de melhor roteiro concedido a Dustin Lance, também gay assumido. Tanto ele quanto Penn, em seus discursos de agradecimento na cerimônia, citaram a luta por reconhecimento de direitos dos homossexuais nos Estados Unidos.

Outros papéis de personagens homossexuais que renderam Oscar a seus intérpretes foram “Toda forma de amor” (2011), que rendeu o prêmio de coadjuvante para Christopher Plummer que interpreta um homem que, ao ficar viúvo aos 75 anos, assume sua homossexualidade e busca recuperar o tempo perdido; “Capote” (2005), filme de sobre o trabalho de produção do já clássico livro reportagem “À sangue frio”, de Truman Capote, vivido por Philip Seymour Hoffman; “Monster – Desejo assassino” (2003), que reconta a trajetória real de uma assassina lésbica vivida no filme por Charlize Theron; “Meninos não choram” (1999), reconstituindo os fatos que levaram ao estupro e assassinato de uma transexual interpretada por Hilary Swank; e “As Horas” (2002), que rendeu prêmio a interpretação de Nicole Kidman fazendo Virginia Wolf. O mesmo prêmio ainda teve, no mesmo período, indicações por interpretações de personagens homossexuais ou transexuais: Glenn Close por “Albert Nobbs” (2011); Annette Bening por “Minhas mães e meu pai”

(2010); Judi Dench por “Notas de um escândalo” (2006); Felicity Hoffman por “Transamérica” (2005); Julianne Moore e Ed Harris por “As horas” (2002); e Javier Bardem por sua interpretação do escritor e poeta cubano Reinaldo Arenas em “Antes do anoitecer” (2000).

O fato é que, após a então praticamente desconhecida Hilary Swank ter recebido seu Oscar por sua elogiada interpretação no filme “Meninos não choram”, que reconta parte da história do jovem transexual Brandon Teena, morto aos 21 anos quando descoberto que se tratava de uma pessoa de sexo biológico feminino, despertou outros atores de talento até então pouco reconhecido para as possibilidades de reconhecimento. Charlize Theron, por exemplo, que até então não desfrutava de muito prestígio quanto às suas qualidades interpretativas, ganhou bastante reconhecimento (e o Oscar de melhor atriz) ao interpretar a assassina lésbica Aileen Wuornos, vítima de uma infância violenta e familiarmente errante, acabou vítima de estupro e adotando, por falta de possibilidades profissionais, a prostituição. Diante de abusos sofridos, ela teria então desenvolvido certa repulsa a homens que passaram a ser seu alvo em assassinatos; acabou presa, diagnosticada com transtorno de personalidade e condenada a pena morte e executada em 2002.

### **Os autorais e os independentes**

Para além de filmes específicos e diferentes épocas do cinema, há diretores que têm uma marcante e bastante pessoal forma de abordar a homossexualidade em suas obras. Dois exemplos europeus disso são os conceituados diretores Pier Paolo Pasolini e Rainer Werner Fassbinder. O primeiro, diretor italiano, tem no sexo e na homossexualidade elementos de sordidez, tortura, punição e, de certa forma, também relacionados, com abordagem perversa, a relações de poderes e submissão. São retratos que vão do emprego de imagens e situações que causem desconforto para crítica política (“Saló – Os 120 dias de Gomorra”, de 1975) a até a desconstrução da instituição familiar e social (“Teorema”, de 1968). Já o segundo, diretor alemão, retrata o sexo e a homossexualidade de uma forma mais direta, com seu cinismo crítico sobre as relações sociais, seja como meio de obtenção de poder material ou social (“O direito do mais forte à liberdade”, de 1975), seja como meros objetos de prazer (“Querelle”, de 1982).

Um caso à parte diante da intensidade e diversidade com que questões, direta e indiretamente, relacionadas à sexualidade e homossexualidade em boa parte de sua obra, e que cuja relevância e reconhecimento são inquestionáveis, é o diretor espanhol Pedro Almodóvar. Muitas vezes até fugindo, ocasionalmente de forma bastante radical, do formato

narrativo usualmente encontrado na linguagem cinematográfica em geral vista nas telas de cinema, e assumindo um estilo imagético muito próprio, o diretor abarca em seus filmes toda a diversidade de abordagens para a homossexualidade que não encontra precedentes na arte cinematográfica. A presença contumaz da sexualidade em seus filmes é retrata desde a homossexualidade propriamente dita (“A lei do desejo”, 1987), passando por lesbianismo (“Kika”, 1993), transexualidade (“Má educação”, 2004) e transgeneralidade (“Tudo sobre minha mãe”, 1999; “A pele que habito”, 2011).

Na não linearidade da forma como a homossexualidade era representada nos filmes de “*mainstream*”, dos grandes circuitos e grandes estúdios, o movimento independente do cinema estadunidense foi aos poucos ganhando espaço e, mais importante, demarcando território e expondo diferentes identidades. O documentário “Fabulous! The history of queer cinema” mostra como jovens cineastas a partir do início da década de 1970 passam a ter um maior acesso a equipamentos e dedicam-se a apresentar a vida gay nos Estados Unidos. Dentre importantes documentários desse período estão “Superdyke”, de 1975 e dirigido por Barbara Hammer; “Gay USA”, de 1977 com direção de Arthur J. Bressan Jr.; e a obra coletiva “World is out”, de 1977, que tem como diretor o Mariposa Film Group. Tendo o expressivo subtítulo “Story of some of our lives”, 26 pessoas, entre homens e mulheres, são entrevistados em “World is out” com a proposta de mostrar a vida de pessoas homossexuais para, principalmente, outros homossexuais, buscando a visibilidade da identidade gay. Esses documentários, normalmente de baixo orçamento e de produção independente, assim como a emergente “*gay art*” da época, têm seu impacto que reforça os movimentos por direitos homossexuais no âmbito político.

Dos documentários de produção independente, para os filmes de narrativas ficcionais e experimentais. Se os equipamentos ainda não eram tão acessíveis ainda na década de 1970, o surgimento e consolidação do cinema a partir do sistema digital abriu caminho para o fortalecimento do cinema independente, aqueles que não estão sob o jugo de grandes estúdios, distribuidoras e exibidores. O cinema independente ganhou bastante espaço no âmbito comercial na década de 1980, mas o equipamento digital o consolidou de vez na década seguinte, fazendo surgir ainda o Sundance Film Festival, referência dos também chamados *indies*. E justamente nesse festival, o considerado cinema independente gay também marcou edições e ganhou bastante espaço. A edição de Sundance de 1990 viu a consagração do polêmico “Poison” do diretor Todd Haynes, ganhador do prêmio do júri; no mesmo ano em que também foi exibido outro marco do cinema independente gay, “Paris is Burning”, de Jennie Livingston, filme alvo de boicote organizado pela entidade Christian Watchdog Group.

### Séries de TV e multinacionalidade no cinema

Da tela grande do cinema para a tela da TV, a homossexualidade se faz cada vez mais presente nas séries televisivas estadunidenses, bastante vistas em seu país de origem e em muitos outros pra onde são exportadas, incluindo o Brasil, onde ainda hoje a maior incidência das produções locais é dos programas humorísticos, apresentados de forma caricata, e em novelas, onde são mais aceitos pela audiência como alívio cômico. Os dois principais marcos da representação da homossexualidade em séries de TV ainda são “Queer as folk” – equivocadamente rebatizada no Brasil de “Os assumidos”, já que ali nem todos exercem abertamente sua homossexualidade -, refilmagem estadunidense de série homônima britânica realizada entre 1999 e 2000. A versão estadunidense teve cinco temporadas anuais consecutivas, a partir de 2000, retratando as relações e conflitos de um grupo de amigos homossexuais, em sua maioria abertamente assumida quando a sua homossexualidade. Já “The L word” teve quatro temporadas, exibidas anualmente a partir de 2004, mostrando as relações e os conflitos de um grupo de mulheres, em sua maioria lésbica.

Outro efeito observado com o crescimento do mercado e consumo de filmes que abordam temáticas relacionadas à representação da identidade homossexual, principalmente depois do enorme sucesso do filme “O segredo de *Brokeback Mountain*” foi a abertura de mercado para produções também de outros países, não somente de origem norte-americana. Assim, outros filmes também ganharam destaques em festivais de cinema – seja assumidamente de temática homossexual ou gerais - mundo a fora, dando visibilidades a produções de diversos países. Muitos deles, inclusive ganharam distribuição comercial no Brasil com seu posterior lançamento para videolocadoras e para venda no varejo para consumo do público brasileiro.

Da Suécia, ganhou espaço no mercado cinematográfico, incluindo aí o brasileiro, a mistura de comédia com drama “Patrik 1,5” (2008, direção Ella Lemhagen) que, apesar de ter como protagonistas um casal homossexual, segue a linha de roteiros com os habituais clichês estabelecidos por Hollywood para narrativas que cheguem ao esperado final feliz. O casal tenta adotar um filho e recebe o comunicado de disponibilidade para eles do menino a que o título do filme se refere, mas o erro da grafia da idade do futuro filho deles faz com que recebam, ao invés de um bebê de 1,5 anos de idade, um adolescente de 15, ainda por cima, com sérios problemas de comportamento e com explícitas demonstrações de homofobia.

Como uma comédia dramática familiar padrão, as barreiras são vencidas, os desencontros resolvidos e tudo termina bem, com o casal junto e adotando o adolescente que reconhece a boa índole do casal e até os defende frente a demonstrações externas de homofobia.

Um dos destaques dos filmes – pela sua reconhecida qualidade e, principalmente, sua ambientação - que ganharam visibilidade é a produção israelense Einayim Petikhoth/עֵינַיִם פֶּתִיחוֹת (2009, direção e Haim Tabakman), lançado no Brasil como “Pecado da carne”, que retrata o envolvimento de dois homens, um deles casado e com filhos, o outro estudante, em um bairro ultra-ortodoxo de Jerusalém. O primeiro deles herda o açougue de seu pai e contrata o jovem estudante recém-chegado, em resposta a um anúncio, para auxiliá-lo. A convivência entre eles, cada vez mais estreita, desperta no mais velho um sentimento que ele mesmo diz fazer sentir-se vivo. Assim, ele se afasta cada vez mais da mulher e dos filhos, dedicando mais tempo à convivência com o estudante no cômodo superior e terraço do prédio do açougue. A resposta do envolvimento deles é bastante agressiva, incluindo ameaças de apedrejamento, o que faz o jovem tomar a decisão de ir embora para não prejudicar ainda mais o seu amante que, não conseguindo retomar a vida que levava antes, termina por afogar intencionalmente no lago onde eles viveram os primeiros momentos de intimidade. O filme ganhou bastante repercussão por conta da sua ambientação, já que pouco se sabia sobre as questões que envolviam a homossexualidade em regiões de ortodoxia religiosa judaica como a retratada. Assim, a produção também ganhou destaque em muitos festivais, incluindo Mix Brasil – Festival de Diversidade Sexual, com posterior exibição comercial e lançamento em dvd no país.

Muito comparado a “O segredo de *Brokeback Mountain*”, a produção espanhola “Ander” (2009, direção de Roberto Castón) retrata o envolvimento de dois homens em um ambiente campesino do interior do País Basco. Ander é o nome do protagonista, um fazendeiro de quarenta e poucos anos, que mora em uma propriedade rural onde vive com a mãe e a irmã, que por estar com a perna quebrada acaba tendo que contratar um ajudante, no caso, um imigrante peruano. Além de auxiliá-lo nas tarefas na propriedade rural, por conta de sua limitação de mobilidade, o personagem peruano acaba auxiliando Ander em tarefas mais simples, como por exemplo, ir ao banheiro. A proximidade extrema faz despertar no protagonista sentimentos até então não aflorados, o que traz consequências para ele e a família. Apesar da temática e sua ambientação em lugares de relações e reações tão brutas, o filme apresenta o que se pode considerar um final feliz, com soluções narrativas

consideravelmente simplistas e uma resolução um tanto quanto fácil para o conflito até então apresentado, o que compromete um pouco a sua verossimilhança.

“Contracorrente” (2009, direção de Javier Fuentes-León) é uma bem-sucedida produção vinda do Peru que também aborda temas que perpassam a homossexualidade ao mostrar um pescador de uma comunidade pobre à beira mar cuja renda vem predominantemente da pesca, mas que tem encontros furtivos com um pintor citadino, que passa temporadas no vilarejo para dedicar-se à pintura. Como uma versão gay de “Dona Flor e seus dois maridos”, o pintor morre e passa a ser visto no pós *mortem* apenas pelo seu amante, que é casado e tem que se desdobrar para lidar com a situação. Apesar da similaridade com a história concebida pelo escritor baiano Jorge Amado, não se trata aqui de uma comédia, e sim um drama. Relativamente bem produzida e atuada, a produção, no entanto, tem alguns problemas de roteiro como a falta de situatização do envolvimento dos protagonistas, já que ao espectador é apresentado à eles dentro de um momento em que o envolvimento já existe, sem dar margens a perceber como ela foi construída afinal. Pode parecer pouco assim descrito, mas ela faz falta para que quem assiste se envolva no drama dos personagens.

### **Brasileiro inócuo**

Além dessas três expressivas produções de países tão díspares ter ganhado destaque, todas do ano de 2009, o mesmo ano também chamou a atenção por uma produção de temática relacionada à homossexualidade de origem brasileira. Trata-se do filme “Do começo ao fim”, que tem como diretor Aluizio Abranches, e se centra na relação de dois meio-irmãos, filhos da mesma mãe, que estreitam de tal forma seus laços a ponto de desenvolverem seu amor para além do fraternal, passando a serem amantes. Apesar da temática a princípio ousada e polêmica, suscitando muita discussão antes do seu lançamento, o resultado acabou por amornar os ânimos diante do filme que acaba soando bastante artificial a ponto de, em algumas críticas publicadas por veículos de comunicação brasileiros, haver comparação da obra cinematográfica a um comercial de margarina dada a quase total ausência de conflito que perpassa o tempo de projeção. Todos os personagens que cercam os dois irmãos, incluindo aí a mãe e seu segundo marido, pai de um dos dois protagonistas, levam muito pouco tempo para aceitar o envolvimento amoroso que nunca é realmente colocado em discussão. O único conflito real que se apresenta é somente na terceira parte do filme quando o irmão mais novo

é convidado para treinar natação na Rússia mas, assim como os quase inexistentes conflitos anteriores, esse também é resolvido muito facilmente e da forma menos traumática – ou nada traumática – possível.

No making off da produção brasileiro, o próprio diretor afirma ter sido proposital a abordagem dada ao filme, artificialmente luminoso, cheio de sorrisos e óbvio final feliz. Isso, no entanto, faz do filme um desperdício dentro das possibilidades de abordar mais veementemente qualquer um dos temas fronteiros da situação posta – incesto, homossexualidade, aceitação, tolerância, preconceito, homofobia –, tornando-o um produto inócuo ao optar pela superficialidade e lhe rendendo muitas críticas negativas.

### **Precursosores?**

Antes do movimento do cinema independente dos anos de 1970, do “*queer cinema*” dos anos 1990 e da abertura de mercado para o cinema gay mundial, no entanto, há alguns dos considerados marcos da iconografia do cinema gay, o primeiro deles tão antigo quanto a própria sétima arte. O inventor Thomas A. Edison, entre outros experimentos, também trabalhou com equipamentos cinematográficos no final do século XIX, chegando a realizar a primeira versão do clássico livro da escritora inglesa Mary Shelley, *Frankenstein*, em 1910. Antes disso, no entanto, em 1885, Edison fez uma pequena filmagem de pouco mais de 20 segundos para testar um equipamento que possibilitaria gravar som junto com a imagem. Para isso, ele faz uso em sua filmagem de um homem tocando violino e, para acompanhar a música, dois homens dançam juntos (<http://www.youtube.com/watch?v=2PPBkVTIxjo>). Muito se especula sobre a própria sexualidade de Edison, que o vídeo seria originalmente batizado de “The gay brothers” e as motivações para a escolha de dois homens para dançarem juntos com a música desde então, fazendo da imagem por ele registrada a primeira a ser tomada pela iconografia gay no cinema.

Ainda na fase de curtas, o britânico Charles Chaplin também protagoniza um dos primeiros exemplos controversos dessa mesma iconografia. “Behind The Screen”, o curta de 1917, entrou para o rol da iconografia gay no cinema por conta de um artifício bastante utilizado para fins de construção de situações de humor: o equívoco. Em um dos primeiros exercícios de metalinguagem cinematográfica, o filme tem como cenário justamente os bastidores de um estúdio cinematográfico onde o personagem de Chaplin é auxiliar de

cenografista. Logo no início, uma aspirante a atriz é rejeitada no mesmo estúdio. Depois da rebelião de outros auxiliares de cenografia nos estúdios que se revoltam com as condições de trabalho, eles decidem entrar em greve, que não conta com a adesão somente de Chaplin. A moça aspirante à atriz, então, nos bastidores do estúdio, pega roupas masculinas ali disponíveis e oferece-se para atuar também como auxiliar de cenografia. O personagem de Chaplin logo descobre que na verdade trata-se de uma moça vestida de homem, e se encanta com a ela, a ponto de trocarem beijos na boca - de estilo casto e ingênuo comumente visto no cinema da época, que hoje pode ser chamado apenas de “selinho”. O chefe de ambos, no entanto, flagra a cena e, diante do equívoco, com gestos caricatos de afeminilidade, começa a escarniá-los de forma a provoca-los.

O subterfúgio do humor para tornar a homossexualidade mais aceitável ao grande público sem causar rejeição, vale lembrar, foi utilizado com supremacia pelo irreverente diretor Billy Wilder em seu filme que é considerado por muitos como a melhor comédia da história do cinema, “Quanto mais quente melhor”. “Ninguém é perfeito” é a frase chave e que encerra ao filme e, ironicamente, refere-se a um personagem vivido por Jack Lemon travestido de mulher, ao revelar seu verdadeiro gênero ao milionário que quer casar com Daphne, o nome adotado por sua persona feminina. Jack Lemon e Tony Curtis se travestem de mulher como forma de conseguir fugir de um grupo de mafiosos, para entrar para uma banda feminina. Enquanto o personagem de Curtis nas suas horas vagas reassume sua figura masculina para tentar cortejar a personagem de Marilyn Monroe, também integrante da banda, Lemon nas vestes de Daphne acaba se envolvendo cada vez mais, a contragosto, com o ricoço vivido por Joe E. Brown. O contragosto, no entanto, vai mudando com o tempo a ponto do personagem de Lemon festejar alegremente no quarto de hotel onde a banda se apresenta pela temporada e que divide com seu amigo, o fato de ter sido pedido em casamento. Para um filme lançado em 1959, em pleno período de aplicação inequívoca do temido Código Hayes e a austera censura vigente, conseguir tamanha ousadia é um grande mérito para produção.

Uma das cenas que não raro entra para o rol da iconografia gay no cinema é o beijo de despedida entre os amigos do clássico *Wings*, de 1927. O fato de constar como tal, no entanto, é bastante questionável, uma vez que há na cena a expressão da amizade entre eles e o remorso daquele que beija, chamado Jack. Ele e David são apaixonados pela mesma mulher e vão ao treinamento para se tornarem combatentes aéreos, portando-se como verdadeiros rivais. Com o tempo e a convivência, no entanto, desenvolve-se amizade e admiração entre eles. O ano é 1917 e em uma operação contra alemães, David tem seu avião abatido e se perde

em território inimigo. No último ataque dos aliados, Jack cruza as linhas inimigas disposto a derrubar o maior número possível de alemães em homenagem ao amigo desaparecido. David, no entanto, consegue roubar um avião alemão, mas cruza o caminho de Jack no ar, que o abate pensando tratar-se de um inimigo remanescente verdadeiro. Consumido de remorso e percebendo que não há salvação para o amigo, toma-o nos braços e beija seu rosto, bem próximo ao canto da boca, o que acabou gerando outras interpretações para a cena, como uma suposta ambiguidade na amizade entre os amigos. David morre em seguida e, ao retornar para sua cidade natal, Jack corre para os braços da personagem Mary, vivida por Clara Bow. Além dos méritos técnicos para a época, *Wings* é ainda o primeiro ganhador do Oscar de melhor filme.

### **Afeminados**

Se atualmente a figura dos personagens homossexuais ganharam novas abordagens, mais próximas ao real e menos caricatural, o mesmo não se pode dizer da forma de abordagem de personagens afeminados e transexuais e transgêneros. Afinal, desde o final da década de 1950 e o abusado “Quanto mais quente melhor”, faz-se rir de homens vestidos de mulher, e os trejeitos afeminados servem de escárnio dessas figuras desde o curta-metragem protagonizado por Chaplin no distante ano de 1917.

Raros são os casos em que em que esses clichês não vêm à tona. Um dos mais significativos talvez seja a cinebiografia de Quentin Crisp, escritor que se tornou um ícone gay da Inglaterra no século XX. Nascido em 1908 e vivendo o auge de sua vida no período em que atos homossexuais eram punidos por lei no país, Crisp não só assumia sua homossexualidade como era afeminado, pintava cabelos e unhas, e usava cílios postiços e ruge. O telefilme “Vida nua” (1975, direção de Jack Gold) baseado em sua autobiografia conta com bom humor, sem cair no caricatural, sua vida cheia de percalços e militância, que incluíram dispensa de servir o exército por sofrer do que se nomeava na época de “perversão sexual”, o que ficou registrado em seu documento de dispensa. Crisp, vivido no filme pelo ator John Hurt, chegou a ser preso e julgado, mas acabou absolvido expondo, entre outros argumentos, suas próprias “regras de ouro” como ele chamava e que seguia à risca para conseguir andar na rua de forma segura e chegar vivo ao seu destino, e que refletem bem os riscos muito maiores quanto à violência derivada do preconceito e da homofobia que sofrem

aqueles que são afeminados: “Nunca olhe para ninguém, a não ser que peçam para olhar. Nuca fale, a não ser que falem primeiro também.”

Em vida, Crisp chegou a ser expulso de bar gay sob o argumento de que sua presença ali denunciaria todos os demais que poderiam em aparência e gesto passarem por heterossexuais. O preconceito dos próprios homossexuais sobre os que são afeminados também é abordado no filme “Ninguém é perfeito” (1999, direção de Joel Schumacher), que toma emprestado para a adaptação do nome original – “Flawless” – a frase final do clássico “Quanto mais quente melhor”. No filme, um guarda de segurança preconceituoso sofre uma paralisia parcial do corpo e tem que se sujeitar a um tratamento de recuperação inclui aulas de canto. Com dificuldades de locomoção, a contragosto, ele aceita ter as aulas ministradas por um travesti chamado Rusty - vivido por Philip Seymour Hoffman, mesmo ganhador de Oscar de melhor ator por viver o jornalista gay de “Capote” - que mora no apartamento de cima do seu. Em certa cena marcante do filme, é retratada a tensão entre os homossexuais de estilo executivos engravatados – um grupo de gays republicanos – em um encontro com um grupo de travestis. O primeiro grupo trata o segundo com desprezo, ilustrando o preconceito existente dentro da própria comunidade gay. Em dado momento, diante do discurso tendencioso do outro grupo, Rusty declara que eles têm razão, pois os dois grupos são realmente diferentes: os travestis não tinham vergonha dos gays republicanos engravatados, mas eles tinham dos travestis, apesar de entre quatro paredes todos fazerem parte da mesma irmandade.

A produção canadense “Uma família bem diferente” (2007, direção de Laurie Lynd) tem como protagonista um bem sucedido ex-jogador de hóquei – Eric - que agora trabalha com jornalismo esportivo, e que vive harmoniosamente com seu companheiro - Sam. A harmonia é quebrada com a chegada de Scot, de 11 anos, cuja guarda provisória é dada a Sam, até que o seu irmão, que é o detentor da guarda definitiva do menino e que está no Brasil, vá ao Canadá busca-lo - o menino é filho de sua recém-falecida ex-namorada. Apesar da idade, o garoto demonstra muitos gestos afeminados, usando roupas coloridas, joias e maquiagem que foram da mãe falecida, que lhe dava toda liberdade. Tamanho desprendimento do garoto em expressar-se sem qualquer interdição imposta socialmente pela hetenormatividade – o casal homossexual protagonista não se pode ser considerado “assumido” - faz com que Eric se desespere com a possibilidade de sua própria homossexualidade que não é assumida – ele e Sam mantêm sua relação afetiva apenas nos limites de seu lar, e para amigos muitos íntimos - acabe por transparecer com a presença do

garoto. Então, ele tenta a todo custo influenciar o menino para que seja menos afeminado, começando a cercear seu acesso a roupas coloridas, itens que considere femininos, por puro receio de expor-se a si mesmo, em uma nítida demonstração de um até então insuspeito preconceito latente. Apesar da temática, o filme tem estrutura leve e tudo caminha para um óbvio final feliz que, nesse caso inclui aceitação e auto-aceitação.

### **Transgêneros**

Da Oceania, mais precisamente, da Austrália, em 1994 surgiu um filme que se tornou um verdadeiro fenômeno no mundo do cinema. “Priscilla – A rainha do deserto” (direção de Stephan Elliott), mostrando as aventuras de um grupo de três *drag queens* que vão atravessar o deserto para chegar a um hotel cassino para uma temporada de shows. Além de lançar dois novos astros que logo em seguida fizeram muitos filmes em Hollywood – Hugo Weaving, das trilógicas “O senhor dos anéis” e “Matrix” e protagonista de “V de Vingança”; e Guy Pearce, de “Amnésia”, “O conde de Montecristo” e “O discurso do rei” –, ainda trouxe como uma velha *drag queen* o veterano ator Terence Stamp, até então conhecido por seus papéis de personalidades masculinas fortes no cinema. Com sua narrativa agri-doce das intempéries de seu trio de protagonistas, o filme causou tanto furor e se tornou tão referencial que inspirou musical homônimo e até inferior versão estadunidense não assumida (“Para Wong Fu, obrigada por tudo! Julie Newmar”, de 1995, direção de Beeban Kidron), onde as três *drag queens*, ao contrário do original australiano, se tornaram assexuadas.

O personagem homossexual afeminado não deixou de ser abordado nem em desenhos animados. O representante dele nessa categoria é justamente o personagem Queer Duck que, de pequenos filmes disponibilizados na internet, teve o projeto de um longa-metragem bancado pelo grande estúdio da Paramount. “Queer Duck – O filme”, com direção de Xeth Feinberg, foi lançado em 2006 e não tem como público alvo as crianças. Pelo contrário. Seu público é especificamente o adulto já que trabalha com toda a iconografia relacionada à cultura gay de forma bastante ampla, além de abranger ainda todos os possíveis estereótipos consolidados até então. Apesar de na animação Queer Duck ser o grande representante da iconografia gay, deve-se, no entanto, mencionar não raro muitos desenhos animados trazem piadas também voltadas ao público adulto e isso ocorre também na animação dos estúdios Disney “O galinho Chicken Little” (2005, direção de Mark Dindal). Aqui, o protagonista tem um grupo de amigos bichos e, dentre eles, um porco chamado Runt – dublado por Steve Zahn

– que, desde o início demonstra tendências à homossexualidade, apesar de ainda ter idade infantil. O que apenas se insinuava e para dirimir de vez as dúvidas do público se confirma quando, em uma cena clímax para que o personagem ganhe coragem frente ao perigo, começa a tocar a música “I will survive”, clássico da era *Disco* cantada originalmente por Gloria Gaynor, que faz com que o porquinho finalmente entre em ação. Se as crianças dificilmente entenderam a piada, o mesmo não se pode dizer dos adultos.

O cinema brasileiro também conta com uma produção de sucesso comercial e bastante premiada que tem como protagonista um personagem que se traveste. “Madame Satã” (de 2002) marca a estreia na direção de Karim Aïnouz, narrando o período em que se deu início a construção da fama do transformista negro João Francisco dos Santos – interpretado no filme por Lázaro Ramos. Típico malandro e contraventor que, no entanto, fugiu aos estereótipos homossexuais por conta de sua fúria em defender-se de agressores a ele e a seus agregados – foi pai adotivo de sete crianças -, tornando-se uma figura lendária da boemia carioca, mais conhecido pelo nome artístico Madame Satã, inspirado, por sua vez, em um filme clássico dirigido por Cecil B. de Mille. O mesmo personagem histórico foi abordado em outra cinebiografia em 1974, dirigida por Antônio Carlos Fontoura, e estrelado por Milton Gonçalves.

Duas adaptações de textos do dramaturgo Nelson Rodrigues dirigidas por Arnaldo Jabor trouxeram personagens marcantes e também apresentando suas afetações específicas. Em “O casamento”, de 1976, o ator André Valli interpreta Zé Onório, um homossexual que tortura o pai cadeirante que o maltratava quando jovem por conta de ser gay. Como vingança, Zé Onório leva seus amantes para casa a fim de manter relações sexuais com eles diante do pai que passou a ser totalmente dependente do filho para as necessidades mais básicas. Já em “Toda nudez será castigada”, de 1973, Serginho, filho do protagonista demonstra reconditadamente ter tara pelo pai. Depois de ver o pai, de quem ele cobrava guardar luto pela mãe morta, com uma mulher, a prostituta Geni, arruma confusão em um bar, vai preso e na cadeia é estuprado por um outro personagem identificado apenas como o “ladrão boliviano”. Em recuperação pelo trauma, o rapaz pede para a prostituta casar com o viúvo com o intento de se tornar amante da esposa do pai. No desfecho final da obra, o rapaz então relutante de deixar o país está decidido a fazer uma viagem ao exterior, e Geni descobre no aeroporto que Serginho embarcou no voo junto com o “ladrão boliviano”. Apesar dos fortes temas abordados, o filme fez grande sucesso no Brasil, chegando a ser retirado das salas de cinema posteriormente pelo censura do governo militar sob a acusação de “incentivo à

homossexualidade”, mas retornou logo depois de ganhar o urso de prata no prestigiado Festival Internacional de Cinema de Berlin.

Também brasileira é a produção de 2009 dirigida por Roberto Moreira, “Quanto dura o amor?”, que se propõe a ilustrar as possibilidades diversas de relações que uma grande e igualmente diversa cidade como São Paulo pode oferecer. Assim decorrem três histórias paralelas e em uma delas, uma garota aspirante a atriz de teatro do interior tem sua primeira experiência homossexual, seguida da paixão pela moça do mesmo sexo. A terceira história, no entanto, mostra uma advogada metódica que, depois de muita insistência, acaba aceitando a aproximação de um colega de profissão. Construído o envolvimento óbvio e aparentemente comum entre eles, mais tarde vem a dúvida por parte da personagem sobre o momento certo para revelar seu segredo ao rapaz por quem se apaixonou, bem como seus receios com reações preconceituosas caso tal segredo chegue ao conhecimento dos demais colegas de trabalho. Descobre-se então que a advogada foi anteriormente submetida a uma cirurgia de adequação de sexo, uma vez que foi diagnosticada como uma mulher presa em um corpo masculino. Para aumentar ainda mais a credibilidade da narrativa e da atuação, foi escolhida para o papel a atriz Maria Clara Spinelli, que também passou pela cirurgia de adequação de sexo na vida real.

O diretor irlandês Neil Jordan já abordou a transexualidade duas vezes e de forma reconhecidamente bem sucedida. A primeira delas foi no filme que lhe rendeu o Oscar de melhor roteiro original, “Traídos pelo desejo” (1992). Aqui é oferecido inicialmente um filme de suspense, com um soldado americano sequestrado por um grupo de terrorista do IRA (Irish Republican Army) e que desenvolve amizade com um dos sequestrados, que lhe promete procurar seu mulher para dizer-lhe que a amava, caso ele acaba morto. Depois da primeira tensa parte do filme, ritmo e gênero do filme mudam, tornando uma jornada do então ex-terrorista na noite boêmia inglesa onde finalmente conhece Dil que, descobre-se somente depois, trata-se na verdade de um travesti. Quando o protagonista o faz, já está apaixonado e ponto de lutar para vencer seus preconceitos e enfrentar os desafios advindos de uma relação entre eles. A transexualidade de Dil é um grande segredo dentro da narrativa do filme e um acordo chegou a ser feito com a imprensa para que ele não fosse divulgado em matérias jornalísticas nem em críticas publicadas. O ator que interpreta a personagem, Jaye Davidson criou expectativa na cerimônia do Oscar – onde o filme saiu laureado com o prêmio de melhor roteiro original – com relação a forma como se apresentaria em público, se vestido de homem ou de mulher. Ele esteve presente vestido de mulher. Em 2005 Jordan escreveu e

dirigiu “Café da manhã em Plutão” em que, em tom farsesco de conto de fadas, narra a turbulenta e sofrida trajetória de um transexual – interpretado quando adulto por Cillian Murphy - desde sua infância os problemas por conta de sua afeminilidade até os riscos que corria por simplesmente caminhar pelas ruas vestido de mulher. A narrativa se passa nos anos de 1970 e a maior parte decorre em Londres e, apesar de todas as agruras por que vive o personagem principal, o tom de fábula em boa parte se deve ao seu inabalável otimismo, mesmo diante de tantas agruras por que passa.

### **O subterfúgio**

O subterfúgio para deixar algum aspecto que possa causar rejeição a segundo plano, como no caso da (homo)sexualidade, só revelando-a quando o público já foi cativado pela narrativa, é um artifício bastante utilizado no cinema. Assim o foi também em outro grande sucesso cinematográfico que fez muita gente só muito tempo depois perceber que torcia para um homossexual. “Um dia de cão” dramatiza um malfadado assalto a banco ocorrido em 1972, cometido por dois homens, nos subúrbios de New York. Seguindo o estilo dramalhão característico do diretor Sidney Lumet, o filme também marcou a carreira do ator Al Pacino que interpreta o protagonista, Sonny. O filme, no entanto, acaba sendo um marco pela proeza de conseguir, mesmo trazendo um personagem que a princípio deveria ser o vilão – ainda mais para o período em que foi lançado -, o assaltante que arquiteta e lidera a ação, torna-o um verdadeiro anti-herói, como o verdadeiro protagonista do episódio que ganhou a simpatia de boa parte do público que acompanhava o assalto pela ampla cobertura da mídia televisiva à época, além das muitas pessoas que acompanhavam nas proximidades do banco sitiado pelos policiais e agentes do FBI (Federal Bureau of Investigation). A motivação principal do protagonista para empreender o assalto, no entanto, é que garante o maior “*twist point*” do roteiro do filme. Depois de indicar aos policiais onde achar sua esposa e pedir para trazerem-na até o local para conversar com ele, introduz-se então um novo personagem chamado Leon que, descobre-se então, é um transexual que havia acabado de sair de um hospital após uma tentativa de suicídio. Leon, que havia inclusive se casado com Sonny - que era ainda casado com uma mulher com que tivera dois filhos -, havia tentado o suicídio depois de ter sido diagnosticado por um psiquiatra como sendo uma mulher presa num corpo de homem. Diante do sofrimento e angústia de sua segunda “esposa”, Sonny então decide cometer o assalto para conseguir a quantia de 2,7 mil dólares para que Leon possa pagar pela cirurgia de adequação

de sexo. Sonny acaba dividindo o público. Boa parte da comunidade gay o toma como ídolo, enquanto parte do público em geral apenas apresentam manifestações de homofobia. A odisséia de Sonny no cinema, no entanto, fez o que pouquíssimas vezes, até então, um filme conseguiu fazer: retratar um homossexual como um herói, ou anti-herói, no caso. O personagem é retratado de forma um tanto quanto terna e carismática que acabou cativando o público que, sem aparentemente se importar com a sua homossexualidade, garantiu o sucesso do filme que foi um dos mais elogiados do ano em que foi lançado, recebendo ainda seis indicações ao Oscar, incluindo melhor filme, e ganhou o prêmio de melhor roteiro original.

### **Amargura e redenção**

Um dos maiores marcos do cinema que pode ser considerado gay data de 1970 e é baseado na peça “The boys in the band”, de Mart Crowley, de 1968, com o filme ganhando no Brasil a tradução aproximada “Os rapazes da banda”. Assinado, ironicamente, pelo mesmo responsável pelo execrado pela comunidade gay “Parceiros da noite”, esse filme de William Friedkin, no entanto, é considerado o primeiro a tratar mais aberta e diretamente a homossexualidade. Aqui, os personagens gays não são meros coadjuvantes e a homossexualidade não é tratada como um mero pano de fundo. Ela está bem à frente e exposta em toda a sua diversidade de formas de apresentação e expressão. O aparentemente bem-sucedido protagonista, Michael, prepara na sua cobertura em Manhattan uma festa de aniversário para um outro amigo e começa a receber, pouco a pouco, cada um dos convidados, todos gays. Entra em cena toda a diversidade homossexual da metrópole à época, o gay afeminado, o negro, o comportado, o promíscuo, o casal e até o jovem e inexperiente garoto de programa, contratado para o aniversariante, um aparentemente amargo judeu gay.

O elemento estranho origem do conflito inicial, no entanto, é um antigo colega de faculdade com quem Michael dividia um alojamento e para quem jamais assumiu sua homossexualidade. De passagem por Manhattan à serviço, o rapaz – chamado Alan - liga pedindo para se verem e chega a chorar ao telefone. Em uma das maiores ironias do filme, o “elemento estranho” em cena acaba sendo, justamente, o personagem heterossexual, casado, de quem Michael tenta, a todo custo, ocultar sua própria homossexualidade, o que vai ficando cada vez mais difícil diante dos amigos gays que querem se comportar o mais naturalmente possível naquele ambiente que deveria ser livre. Mesmo sentindo-se visivelmente deslocado na festa, Alan vai ficando e imergindo atônito naquele ambiente cada vez mais libertário de

gays que não se sentem obrigados a ocultarem a sua homossexualidade, o que até começa a levar Michael a desconfiar da sexualidade do antigo colega de faculdade. A tensão vai tomando conta do ambiente onde ocorrem demonstrações de ciúmes e desdém, acusações veladas e indiretas são trocadas o tempo todo, e até agressão física de Alan contra Emory, o personagem afeminado, diante de insinuações de que ele estaria curioso demais acerca daquele universo gay. Quando todos se veem ilhados na sala de estar por conta de uma chuva, e depois de praticamente todos terem bebido, Michael propõe um perverso jogo desafiando cada um a ligar para a pessoa que ama e dizer-lhe ao telefone, diante de todos.

O filme não foge de suas origens teatrais e a maior parte do tempo há os nove personagens em cena, com texto ácido e ágil. O filme se isenta de final feliz já que, em certo momento, cansado dos jogos arquitetados por Michael, o aniversariante, Harold, expõe a inconformidade do protagonista com sua própria homossexualidade, chegando a afirmar inquisitivamente que Michael pode até levar uma vida de heterossexual, pode até “pedir fervorosamente a deus”, “se quiser isso desesperadamente o bastante”, mas que ele “será sempre gay, até o dia que morrer”.

Apesar do amargor que perpassa toda a sua narrativa, “Os rapazes da banda” não necessariamente vilaniza seus personagens e, mais importante ainda no caso, não os mata ao final, já que, de qualquer forma, retrata a camaradagem e o pertencimento a um grupo. Em sua entrevista do documentário “Celuloid Closet – O outro lado de Hollywood”, Mart Crowley, autor da peça original e que assina também o roteiro do filme, justifica que seus personagens são “infelizes e chatos” por justamente serem um reflexo do que estava errado na sua própria cabeça, pois era assim que ele via a situação dos gays na época. *"Acho que o humor auto-depreciativo foi resultado de baixa auto-estima decorrente da minha percepção do que o que aqueles tempos diziam sobre você mesmo. A homossexualidade ainda era classificada como uma doença mental. Se fosse a um bar gay, você poderia ser preso numa blitz. Eu passei por essas situações. Havia leis que nos proibiam de ser homossexuais".* Mesmo com o reconhecido amargor com que tratou da temática da micro comunidade gay no seu texto, uma das últimas falas do protagonista parece na verdade se dirigir à própria humanidade, não necessariamente ao amargor das relações entre os homossexuais do filme: *"Se nós pudéssemos não nos odiar tanto... É isso, sabe? Se pudéssemos aprender a não nos odiarmos tanto assim."*

O contraponto a “Os rapazes da banda”, no entanto, pode ser considerado a produção Sony Pictures Classic “O clube dos corações partidos”, lançado três décadas depois, escrito e dirigido por Greg Berlanti. O nome do filme, na verdade, é parte do nome do restaurante onde orbitam os oito personagens gays retratados no filme, também aqui trabalhando a diversidade inerente às comunidades homossexuais. No nome original, há ainda o acréscimo de um subtítulo: “The Broken Hearts Club – A romantic comedy”, utilizado, talvez, por medo da possibilidade do filme ser interpretado como drama diante do primeiro nome. Assim, apresenta-se um filme leve, sem muita pretensão, dividido em partes que são abertas com a apresentação de gírias utilizadas no ambiente gay. Uma brincadeira feita constantemente no decorrer de sua duração é que quando de vez em quando insinuam que um ator hollywoodiano é gay, e logo algum dos personagens trata de lembrar, de forma irônica, que tal ator mencionado é casado.

Outra referência tratada dentro do filme é a comparação que os personagens principais fazem deles mesmo com as protagonistas do filme “Flores de aço” (1998, direção de Herbert Ross), que mostra um grupo diversificado de mulheres que frequentam o mesmo salão de beleza, assim como eles frequentam o mesmo restaurante. O ápice da metalinguagem do filme, no entanto, se dá quando um dos personagens à mesa do restaurante com os amigos sentencia: *“Não há um só filme que retrate um homossexual que sonharíamos ser. As opções são nobres vítimas de AIDS, amigos de nobres vítimas de AIDS, viciados em sexo, garotos de programa e, mais recentemente, confidentes de mulheres apaixonadas. Adoraria ver apenas uma vez uma personagem gay que não esteja doente, não tenha transado há três meses e não pagou as mensalidades da faculdade”*.

## 2 HOMOSSEXUALIDADE E “O SEGREDO DE *BROKEBACK MOUNTAIN*”

Por conta de sua temática e da forma com que ela é abordada, o roteiro que adapta o conto original de Annie Proulx para a linguagem cinematográfica permaneceu no limbo de Hollywood durante muito tempo até que alguém se dispusesse a transforma-lo finalmente em obra cinematográfica. Um dos produtores do filme, James Schamus, chega a mencionar em um dos documentários que acompanham a edição do filme em bluray, que a adaptação assinada por Larry McMurtry e Diana Ossana "já era conhecido como o melhor roteiro não produzido da história".

Da primeira publicação do conto em 13 de outubro de 1997 à consequente concepção do roteiro ainda no final da mesma década, e à produção e lançamento do filme em 2005, Schamus, inicialmente um produtor independente, conta que sobravam elogios ao roteiro, mas faltava disposição para produzir o filme. Somente quando ele e outros colegas criaram a produtora Focus Features é que pode então dar início a produção que, antes mesmo de seu lançamento acabou estigmatizada sendo conhecido como o “filme dos caubóis gays”, termo reducionista também bastante usado pela imprensa brasileira ao tratar da obra cinematográfica.

Obviamente vinha daí o maior receio dos produtores que anteriormente, apesar dos elogios ao roteiro, não se dispuseram a transforma-lo em filme. A alcunha “gay” e sua temática são considerados de vendagem espinhosa pelos estúdios diante dos persistentes estigmas sociais. Afinal, “gay” comumente, por exemplo, é um adjetivo usado muitas vezes em tom ofensivo em vários âmbitos sociais. A estratégia utilizada pelos produtores do filme, no entanto, é bastante conhecida inclusive por muitos produtores e cineastas brasileiros: percorrer festivais de cinema para buscar o reconhecimento externo para então ganhar destaque dentro de seu país de origem. Um dos primeiros lugares em que o filme ganhou exibição foi no prestigiado Festival Internacional de Cinema de Veneza, em sua 62ª edição, onde saiu premiado com o leão de ouro de melhor filme. Seguiram-se exibições e elogios em outros festivais de cinema e então o lançamento nos cinemas estadunidenses em 09 de dezembro de 2005 e em 03 de fevereiro de 2006 no Brasil.

Sobre o até então muito utilizado termo “filme dos caubóis gays”, o próprio diretor Ang Lee relata em um dos documentários: “*as pessoas depois de verem o filme, pararam de dizer ‘filme de caubóis gays’. Agora o chamam de história de amor*”.

A narrativa adotada pelos autores do roteiro, seguindo o conto original, é em tom de épico, com as relações, tanto entre os seus dois protagonistas quando os seus respectivos núcleos familiares, atravessando cerca de duas décadas de estória, a partir de 1963. Apesar do tom épico da narrativa, o filme é considerado de baixo orçamento para os padrões da grande indústria cinematográfica estadunidense, com um custo estimado de 14 milhões de dólares de produção, incluindo o investimento em marketing. Apesar do baixo custo total de produção e marketing, o filme arrecadou mundialmente pouco mais de 200 milhões de dólares, colocando-o na lista dos mais lucrativos daquele ano. Mesmo assim, ainda houve controvérsias quanto à sua exibição, com boicotes e banimentos sumários, inclusive nos EUA dias antes de sua estreia, de uma rede de cinemas ligada à Igreja Mórmon. No mesmo país, de acordo com os ditames da Motion Picture Association of America (MPAA), órgão responsável pela censura nos cinemas do EUA, beijos entre pessoas do mesmo sexo fazem com que um filme receba a classificação sumário de “R”, restringindo a público acima de 18 anos. No Brasil, a classificação do filme foi de 16 anos, onde registrou o expressivo número de pouco mais de 750 mil espectadores no seu final de semana de estreia. A diferenciação de classificação é bastante divergente de acordo com o país de exibição, chegando a ser “livre” na França e na Bélgica, e restritivo a menores de 21 anos em Singapura, no caso do filme em questão.

Toda a diferenciação de classificação, obviamente, se deve ao conteúdo que envolve a homossexualidade fortemente presente na obra cinematográfica, o que demonstra como trata-se ainda de um tema controverso de acordo com o país. Afinal, no filme de Ang Lee a homossexualidade é retratada sob diferentes aspectos, tanto do relacionamento interpessoal de dois personagens que se apaixonam, quanto das consequências advindas de um relacionamento em período e lugar em que mais do que interdito, ele poderia acarretar risco à própria integridade física dos envolvidos. Assim sendo, como não poderia deixar de ser, o medo também é outro elemento forte e muito presente.

A fotografia, assinada por Rodrigo Pietro, consegue justamente através de contrastes de foco trabalhar as diferenciações acerca das interdições. Elas são trabalhadas desde o início quando a ambientação se dá em locais urbanos/fechados e espaços rurais/abertos. Do ponto em que o primeiro personagem protagonista, Ennis Del Mar, faz a jornada através da qual está prestes a conhecer o segundo personagem protagonista, Jack Twist, pelo qual nutrirá a paixão que conduzirá a narrativa, até a jornada de volta da casa dos pais de seu amente depois que ele morre, sabendo que não poderá levar suas cinzas, a fotografia e enquadramento é

praticamente idêntico, mas com os veículos fazendo sentidos contrários, inclusive tomando o mesmo tempo em tela – o primeiro pré-amanhecer e o segundo o pré-anoitecer. Nesses dois pontos a imagem marca o início e o fim da jornada do protagonista, abrindo espaço para as mudanças que advirão dela, em uma relevante mudança do conto para o roteiro.

**Figura 1 – cena do filme**



**Imagem inicial em 00:00:55 com o início da jornada do protagonista**

**Figura 2 – cena do filme**



**Imagem inicial em 02:02:29 com o final da jornada do protagonista**

No filme, os créditos iniciais se resumem ao seu nome logo de início, depois da apresentação das logos das produtoras. Então, a fotografia escura e azulada, mostra uma das características adotadas e utilizadas durante todo o filme de centrar seu foco de forma a dar

mais destaque ou a solo ou a céu. No caso da primeira imagem, o destaque é uma formação de colinas sob a aparente luz azulada do início do amanhecer tomando cerca de 90% da tela, com os 10% restante na parte superior com uma faixa de céu avermelhado da aurora, surgindo em poucos segundos após o nome do filme na faixa central da imagem de aspecto frio. Depois que o nome do filme desaparece em *fade out* surge um caminhão de cor escura e faróis acesos, da esquerda para a direita da imagem, bem na parte de baixo, quando percebe-se que há uma estrada ali, que se confundia com o relevo das colinas. Quando em ambientes que não as montanhas onde os protagonistas se isolam, os espaços amplos serão sempre predominantemente de vegetação rasteira. Tudo é muito amplo e difícil de ocultar, como se a paixão deles e a sua homossexualidade não tivesse empecilhos para serem expostas frente aos ambientes de sociabilidade. Nessa abertura, a trilha sonora se faz presente de uma forma muito sutil, restringida a poucos e esparsos acordos de violão. A trilha instrumental também guarda outra peculiaridade dentro do filme, já que apenas é utilizada quando os dois protagonistas estão juntos ou comunicando-se à distância.

Ennis espera muito tempo para conhecer Jack. Ele chega à cidade onde arrumará o emprego em que atuará como ovelheiro junto com o segundo protagonista ainda com tempo escuro, de carona na boleia de um caminhão, atravessará as ruas largas e vazias até chegar de frente ao pequeno escritório de seu futuro contratante. Até lá, o solo será predominante no ângulo adotado pela fotografia. Ele será privilegiado e mostrado em seus espaços amplos e vazios, com raros vislumbres de montanhas ao fundo confundindo-se com o céu e as nuvens – ambos das mesmas cores e tons. A primeira imagem de luz diurna intensa, com sombra de uma árvore parcialmente fora de foco estendendo-se por um longo espaço para demonstrar que o sol acaba de irromper, traz ao fundo, entre parques prédios, uma montanha de tons azulados cujas cores fundem-se e confundem-se com as das próprias nuvens. A montanha, que será o cenário indissociável da mudança dos destinos dos personagens, direta e indiretamente, marca logo de início sua (oni)presença, como se desde o início estivesse latente, como a própria questão da homossexualidade que se revelará à *posteriori*.

### **Figura 3 – cena do filme**



**Imagem em 00:01:49, com a (oni)presente montanha ao fundo, confundindo-se com as nuvens**

As sequências posteriores mostram a passagem do tempo, revelando as mudanças das sobras conforme o dia avança, até que Jack surja, em seu caminhão vindo do final da estrada larga e sem qualquer outro movimento, após a passagem de um trem.

Sem palavras, o espectador é apresentado aos poucos a esses dois personagens e percebe quão tímidos eles são, principalmente Ennis. Mais curioso, Jack não se furta a olhares mais atentos ao outro recostado na parede de fora do escritório do contratante, demonstrando sua curiosidade impessoal, enquanto Ennis leva tempo até olhar rapidamente quando tem certeza de que o outro não o observa, mas ocultando logo em seguida e rapidamente o olhar, sob a sombra da aba do seu chapéu. Tímidos homens de poucas palavras típicos de ambientes rurais, percebe-se logo. Eles só trocarão palavras entre si depois de terem sido contratados e serem silenciosamente convidados, com olhar inquisitivo de Joe Aguirre, o contratante, a deixarem seu pequeno escritório. E é Jack, quem desde o início percebia-se ser o menos tímido, que toma a iniciativa de se apresentar.

A condição financeira paupérrima também é evidenciada em alguns itens mostrados desde o início: Ennis apagando um cigarro parcialmente fumado e guardando-o no bolso, além de carregar apenas um saco de papel como pertence; e Jack praguejando contra sua caminhonete que, algum tempo depois terá que receber manutenção de emergência para conseguir ser dirigida dali. A timidez rural também é mostrada quanto a uma subserviência frente ao contratante. Quando Aguirre finalmente chega ao escritório, eles não o seguem porta adentro de imediato, sendo necessário ele vir até a porta para chama-los a adentrarem o

pequeno recinto. Pouco tempo depois, enquanto falava do serviço que tinham para eles, Aguirre atende o telefone e os dois ovelheiros contratados ficam desconcertados, pois ambos desviam o olhar, olhando para os lados e para baixo, demonstrando novamente timidez e subserviência.

A imagem de Ennis, um homem pobre e que visivelmente não tem nada, será mostrada em dois momentos de forma forte e simbólica no filme. A primeira dela é logo em suas primeiras imagens, com a surrada jaqueta marrom, jeans, botas e chapéu, carregando tudo o que lhe pertence em um singelo saco de papel. Após a perda de Jack e a visita à casa dos seus pais para tentar levar as cinzas para a montanha Brokeback, perto do final do filme e de sua jornada, Ennis reaparece com roupas idênticas às primeiras usadas e carregando apenas um saco de papel, cujo conteúdo dessa vez é do conhecimento do espectador. São as duas camisas, uma de cada um deles, que Jack havia ocultado em um espaço atrás de seu guarda-roupa, que é tudo o que resta da estória que viveram por duas décadas. Ou seja, praticamente nada. Ennis termina sua jornada tão pobre quanto a iniciou, condenado a carregar meras camisas, já que seus medos e interdições o impediram de ser feliz e de que outrem também o fosse.

**Figura 4 – cena do filme**



Imagem em 00:02:03 mostra Ennis e seu singelo saco de papel

**Figura 5 – cena do filme**



**Imagem em 02:02:24 mostra Ennis e o que lhe restou da jornada, um singelo saco de papel**

Depois de se apresentarem, o bar é o destino dos dois futuros colegas de trabalho, com Jack tomando a dianteira demonstrando que conhece o caminho. Depois, sabe-se que aquele é seu segundo ano fazendo o mesmo trabalho de ovelheiro. Como colegas de trabalho e peões, a primeira conversa deles restringe-se a experiências profissionais, e assim será, formalmente, durante todo o primeiro período que passam trabalhando junto às ovelhas a serem pastoreadas na montanha. Na divisão do trabalho, conforme estipulado pelo próprio contratante da dupla, um deles ficaria em um acampamento na parte baixa enquanto o outro passaria a noite na parte alta junto com as ovelhas, mas sem chamar atenção da guarda florestal, no caso, sem fogueira acesa, ficando em uma barraca simples. A intenção é que dessa forma o ovelheiro que passasse a noite junto aos animais, se precaveria quanto a possíveis ataques noturnos de coiotes, descendo ao acampamento para fazer as refeições durante o dia.

A forma distanciada com que se tratam perdura até o dia de Ennis, então encarregado do acampamento, ir buscar os suprimentos no local pre-determinado pelo contratante e acaba se acidentando em uma queda do cavalo por conta do surgimento de um urso. Já é noite quando ele finalmente retorna para o acampamento, com parte dos suprimentos perdidos, e encontra Jack revoltado por ter chegado e não encontrado a refeição pronta. A constatação de que o colega de trabalho estava ferido, com um sangramento perto da têmpora direita devido à queda, proporciona o primeiro gesto terno que parte de Jack, que mergulha um lenço na água da panela de ferro posta sobre o fogo da fogueira e o encosta no ferimento. Ennis então assume a tarefa de segurar o pano sobre o ferimento e pede uísque quando Jack lhe oferece

água. É mostrado o tempo todo, até então, que eles tomavam em recipientes separados, mas Ennis, nesse momento, bebe diretamente da mesma garrafa que Jack vinha bebendo.

A partir daí eles tem o problema de sua alimentação e devem resolver juntos. Assim, caçam um alce. Os assuntos então se tornam mais pessoais, com cada um falando de suas vidas e até sonhos. Ennis dá demonstrações, em várias ocasiões, de seu insuspeito senso de humor, chegando a fazer piadas, coisa que não fará em momento algum em outros ambientes. Parece que somente ali ele tem a habilidade de ser alegre e até engraçado.

A aproximação entre eles chega ao ponto de, depois de muito beberem juntos, Ennis perder o momento de subir para junto das ovelhas e mal conseguir levantar-se, decidindo ficar no acampamento. Ele pede um cobertor decidido a dormir junto a fogueira, mesmo sob os avisos de Jack de que quando o fogo se apagasse o frio seria muito intenso. Assim como no conto, depois da fogueira apagar, as lamúrias de Ennis por conta do frio chega a atrapalhar o sono de Jack que o chama para deitar-se dentro da barraca junto com ele. A edição usa a cena do céu, com a lua saindo detrás das nuvens pra denunciar a passagem de tempo, retornando a imagem para dentro da barraca onde os dois dormem, com Jack em primeiro plano e Ennis atrás dele. Segue então o primeiro ato sexual entre eles que, de puro instinto, é bruto como eles próprios. Não há espaço para palavras, muito menos carinho e preliminares. Há apenas mãos afoitas de um agarrando o outro de maneira um tanto violenta até para, sem perda de tempo, partir para o ato sexual em si.

Segue-se uma manhã sem muitas palavras entre eles e uma sucessão de cenas emblemáticas. Na primeira delas, há a única tomada com o enquadramento de baixo para cima de Ennis subindo a montanha – até então, a subida para junto das ovelhas nunca havia sido mostrada de forma tão detalhada - com o frame sendo dividido entre rocha/solo e céu – e mesmo este, com nuvens cinzentas de uma tempestade vindoura -, como se o personagem estivesse dividido e uma decisão a ser tomada. Ele cavalga bem no limite da linha que separa solo e nuvens, na imagem que toma a tela.

### **Figura 6 – cena do filme**



**Imagem em 00:30:10 mostra Ennis após o primeiro sexo**

Independentemente da decisão de Ennis, no entanto, duas imagens emblemáticas que seguem ilustram que nada poderá ser como antes, de qualquer maneira. Na primeira delas, há uma imagem de uma ovelha dilacerada, resultado da sua ausência na noite que se passou, enquanto ele e Jack estavam juntos. Ele havia sido alertado sobre algo de errado com os latidos do cão que os acompanhava no pastoreio, que Ennis ouviu de longe o que fez acelerar sua cavalgada. Ouve-se trovões ao longe enquanto ele observa a ovelha que se encontra em uma área elevada, enquanto as demais pastam alheias ao ocorrido em uma porção de terra logo abaixo. Há então um close no rosto de Ennis que parece ter os olhos levemente marejados, seguido da imagem da ovelha com o abdômen dilacerado, voltando para o ovelheiro que olha para o lado, não sendo possível perceber se para o lado em que estão as demais ovelhas ou o acampamento onde Jack estava, voltando novamente o olhar para a ovelha imolada.

**Figura 7 – cena do filme**



**Imagem em 00:30:58 mostra a ovelha sacrificada**

Sem interrupção no tom dramático/tenso da trilha sonora em toda essa sequência, algum tempo depois se vê a imagem que traz em primeiro plano, em uma linha horizontal de grama que ocupa a faixa inferior da tela, o cão está deitado com olhar atento, com camadas sucessivas de montanhas ao fundo, até confundirem-se com as nuvens de coloração semelhante que ocupam o último plano e a faixa superior da tela. A montanha já tomara seu espaço na história dos dois personagens. A também emblemática imagem seguinte – a terceira da sequência –, não por acaso, é de dois coiotes abatidos e exibidos presos a uma estaca seca fincada no chão, sendo um com a pata traseira amarrada no topo, e outro como se tivesse de pé sobre as patas traseiras, com suas cabeças no mesmo nível, um de frente para a câmera e outro de costas; com as ovelhas calmamente pastando logo atrás numa planície, a montanha em seguida e uma faixa de céu fechando a moldura. Seria uma representatividade sobre a forma como ambos, Ennis e Jack, agora estavam presos a uma história de amor restrita aos seus períodos esparsos na montanha?

**Figura 8 – cena do filme**



**Imagem em 00:31:25 mostra os dois coiotes abatidos**

Um dos diálogos anteriores entre Ennis e Jack leva a interpretação de que primeiro deles certamente é virgem – de formação Batista, enquanto segundo seria pentecostal. Depois da saída de Ennis na manhã da noite em que houvera sexo entre eles, é mostrado Jack nu à margem de um rio lavando suas roupas que até então usara de forma veemente, chegando a bater com um pequeno tronco na camisa para remover uma sujeira que não se vê. A cena remete a um pressuposto remorso que, em filmes, comumente é mostrado com mulheres que tiveram sexo indesejado dedicando a banhos, sob chuveiros, muito mais duradouros e intensos do que normalmente ocorre. Dessa forma, a ovelha dilacerada pode aqui representar uma espécie de sacrifício, o cordeiro imolado, um tipo de passo que se dá do qual não há mais retorno. Agora conhece-se o sexo – e consequentemente, o amor -, mas aquele que não era aceito, nem por ele mesmo no caso de Ennis, e a partir do qual se sujeitaria a si e a outrem a muitas dores figurativamente lancinantes.

Para mostrar a passagem do tempo, só muito depois é que eles falam sobre o que fizeram, quando se encontram em um elevado olhando as ovelhas pastando mais abaixo. Ennis senta-se na grama perto de onde Jack já estava recostado. Seu rosto não é mostrado diretamente. A sua imagem é enquadrada por sobre seu ombro direito quando ele diz a Jack que o ocorrido não se repetirá. O outro está olhando para baixo quando diz que ninguém precisa ficar sabendo. Só então Ennis diz que ele não é veado - *queer*, no original -, com seu companheiro de pastoreio dizendo que nem ele o é.

Apesar de Jack ter sido o principal responsável pelo primeiro ato sexual entre eles – é ele que em meio ao sono toma a mão de Ennis enquanto este dorme e a pousa sobre seu sexo –, percebe-se sua resignação quando às palavras de Ennis aparentemente decididas em encerrar o assunto. Mas é Ennis que, na tomada seguinte, que com seus atos dá continuidade e faz o sexo bruto e instintivo deles se tornar uma história de amor. Sem qualquer efeito da influência do excesso de bebida consumida na noite anterior, e responsável por ele ter perdido a hora de subir para junto das ovelhas, dessa vez percebe-se sua sobriedade diante da fogueira acesa para aquecer e iluminar, uma vez que já é noite. Obviamente percebendo isso, Jack ao fundo, com a entrada da barraca aberta, está sem camisa, situação bem diferente da noite anterior em que além da camisa ele vestia também uma jaqueta. Como que tomando coragem e até demonstrando certa resignação diante do desejo que sente, Ennis levanta-se da rocha em que estava sentado diante da fogueira e segue em direção à barraca. Dessa vez, eles não estão afoitos. Em um contraste gritante com a noite anterior, dessa vez tudo surge em um misto de êxtase do contato e carinhos trocados entre eles. Isso sendo ilustrado, não se faz nem mesmo necessário mostrar o ato sexual para saber que, como as preliminares cheias de demonstrações ternas, carinhos e beijos mútuos, foi também diferente do que haviam tido anteriormente.

A inabilidade de Ennis de lidar com sentimentos, ainda mais aqueles que estão diretamente relacionados aos seus maiores medos tão profundamente arraigados desde a infância, e da qual já se sabe à essa altura da narrativa fílmica, ficará mais claramente patente em duas sequências observáveis no decorrer da narrativa. Os tempos idílicos do amor desenfreado que vivem a partir da entrega entre os dois personagens no período em que passam na montanha têm seus dias contados quando, depois de uma tempestade de neve, são avisados que deverão descer com as ovelhas mais cedo por conta da previsão de uma nova tempestade ainda mais intensa. Ennis expressa sua melancolia diante disso isolando-se enquanto Jack recolhe os itens do acampamento e ajeita-os juntos aos cavalos e mulas usadas no transporte. Percebendo o recolhimento do companheiro de pastoreio, Jack, que tem bastante experiência em rodeios, brinca com Ennis laçando-o. Sem saber lidar com as emoções regadas à frustração de ter que retornar às sociabilidades que impõe tantas interdições, sua resposta é mais uma vez a brutalidade que termina em troca de socos. Depois de se despedirem e de Jack tomar a mesma estrada que levou-o no sentido contrário ao encontro de Ennis e que agora os separava, Ennis visivelmente passa mau e, sem conseguir entender a razão, procurar um canto em que, frustradamente, tentar vomitar. Como nada vem, resta-lhe expressar-se com socos na parede e hostilizar quem lhe oferece ajuda. Aqui, uma

diferença crucial entre filme e conto, já que expressar tal situação na narrativa escrita é bem mais eficiente em transmitir a confusão de sentimentos do personagem que, no filme, é mais confuso e difícil de compreender.

A partir daí, os dois personagens seguem suas vidas, com Ennis casando-se, conforme os planos que desde o início havia exposto a Jack. Este, no ano seguinte, chega a procurar novamente Aguirre para tentar o mesmo trabalho de ovelheiro, mas descobre que ele e Ennis foram descobertos enquanto lá estiveram no ano anterior pelo seu contratante, que expressa veementemente que ali ele não tornaria a trabalhar mais.

Assim como Ennis, que se casa com Alma e inicia a construção de uma família, Jack encontra Lureen, se casa e tem um filho. As duas esposas são bastante diferentes: Alma é o tipo submissa ao marido e a vontade dele sempre prevalece; enquanto Lureen tem uma personalidade mais forte, em uma nítida influência do pai autoritário. A relação dos maridos com suas esposas também vai passar por transformações no decorrer da narrativa e, assim como desde a primeira transformação, elas serão deflagradas pelas atitudes tomadas por Ennis e com consequências que se refletem na vida de todos.

Quatro anos após o trabalho entre os dois principais protagonistas no pastoreio na montanha Brokeback, Ennis recebe um cartão postal de Jack aventando uma possível visita, que é respondido positivamente também na forma de cartão. Ennis mal consegue esconder a sua ansiedade, coisa que é plenamente ilustrada no filme. A longa espera começa desde cedo, com Ennis bem arrumado à espera do amigo, fumando vários cigarros e acumulando garrafas de cervejas vazias. Assim como após a primeira noite que eles tiveram sexo, aqui também dependia da correspondência ou não Ennis para a continuidade do relacionamento dos dois personagens. E ela ocorre de uma forma que chega a surpreender Jack pois, quando este chega, é Ennis que, após a troca de poucas palavras e abraço caloroso, o empurra contra a parede e lhe beija terna e desesperadamente, sendo obviamente retribuído. Ou seja, é a correspondência plena de Ennis o ponto de partida para a continuidade do relacionamento deles e, conseqüentemente, para a trajetória de infelicidade que permeará a narrativa de Alma, sua esposa, que flagra o beijo entre o marido e seu amigo à distância.

Esse é o ponto de mudança profunda mudança na personagem de Alma, até então subserviente ao marido, dobrando às suas vontades e utilizando seus poucos recursos de influência sobre ele, como mostrado quando ela, na cama e prestes a ter relação sexual com ele, com fala mansa e baixa, tenta convencê-lo a mudarem-se para a cidade. Seus argumentos

só surtem efeito, no entanto, quando ela alerta o marido para o fato de as filhas, vivendo e crescendo em um rancho no campo, teriam uma vida tão solitária como a que ele mesmo teve. Uma outra cena um pouco mais adiante na narrativa, e antes do flagrante do beijo, também ilustra sua subserviência de esposa quando Ennis chega ao trabalho dela, em um mercado, trazendo-lhe as duas filhas - ainda pequenas -, para que ela cuide delas, já que ele precisa ir para seu trabalho. Ela tenta argumentar sobre o compromisso dele de cuidar delas e com apenas um olhar de reprimenda por parte dele, Alma se dispõe imediatamente a cuidar ela mesma da situação. A primeira cena da relação do casal após o vislumbre do beijo já ilustra a mudança de Alma, mesmo antes do casal aparecer. As filhas brincam em balanços defronte a residência deles, que fica sobre uma lavanderia, e Ennis discute com Alma porque esta está saindo para o trabalho. Apesar dos argumentos do marido intempestivo, Alma sai igualmente intempestiva e decidida, sem recuar, indo para o seu trabalho. Não coincidentemente, após a separação deles, é com seu patrão que ela se casará em seguida. Mas o fator que rui de vez o casamento deles é, no entanto, quando ela chama a atenção de Ennis para a necessidade de tomarem precaução para não terem mais filhos e, diante da reação negativa dele, ela dizer que até teria mais se ele se encarregasse de sustenta-lo, com o marido dando fim a tentativa de manter relações sexuais.

Até aí, os encontros entre Ennis e Jack são esporádicos no decorrer do ano, com eles indo para as montanhas com o argumento de pescarem. É apenas lá que a paz reina, que as imagens ganham cores e que a elogiada trilha instrumental composta por Gustavo Santaolalla embala as imagens idílicas. Assim como em “Brazil – O filme”, do diretor Terry Gilliam, o nome na verdade se refere a um lugar utópico idealizado e almejado pelo protagonista, longe das limitações e interdições, sejam elas pessoais arraigadas de diferentes formas, sejam impostas pela socialidade, assim parecer ser no filme de Ang Lee. A felicidade é momentânea e só ocorre no isolamento ironicamente vasto da montanha Brokeback, onde Ennis e Jack podem ser o que bem quiserem, inclusive eles mesmos.

No segundo encontro mostrado entre eles na montanha após trabalharem juntos no pastoreio das ovelhas no início do filme, surge a cena chave para entender as interdições pessoais que não deixam Ennis se levar pelo que nutrem um pelo outro a não ser na montanha muito acima da civilidade cerceadora. Quando Jack sugere a possibilidade de eles morarem juntos em um rancho próprio, construindo uma vida juntos, vem a narrativa de Ennis quanto a um episódio vivido na infância e proporcionado por seu pai. Quando tinha cerca de nove anos, ele e o irmão mais velho foram levados pelo pai, segurando-os sempre firme pelo pescoço,

para verem jogado em uma vala de irrigação, o corpo de Earl, um dos dois homens rancheiros que moravam juntos e que, no seu relato, eram a piada da região. A brutalidade, no entanto, não estava tanto no que viam, mas no que Earl passou até ser aquele cadáver exposto à céu aberto. Por conta de sua ousadia de assumir o que era, Earl tinha sido brutalmente espancado e arrastado pelo pênis amarrado a uma corda puxada por uma caminhonete. A narrativa de Ennis expressa bem o quanto as suas atitudes eram pautadas pelo medo da homofobia, mesmo que ele jamais soubesse o que vem a ser tal termo ainda não cunhado. No conto e no filme, Ennis ainda suscita a forte suspeita que o próprio pai teria sido o principal autor/mentor do ato tão brutal. Diante da frase “*dois homens vivendo juntos, sem chance*” ao final da narrativa do episódio de infância, Jack nem sequer tentar insistir na ideia percebendo o quão profundo é aquele medo de Ennis, que será fator primordial para a infelicidade acumulada por anos de encontros furtivos.

Jack, no entanto, é um personagem movido à esperança de que tudo um dia será diferente e a notícia de que Ennis se divorciou reacende a ideia de que eles vão ficar juntos de vez. Ao chegar ao rancho paupérrimo em que Ennis está morando depois da separação, no entanto, suas esperanças desvanecem. Lá, encontra Ennis prestes a deixar o local com as duas filhas na cabine da caminhonete, que relata ainda que só fica com as filhas uma vez por mês e que não o fez no mês anterior – a negligência às pessoas que ama e que o amam é uma das características fortes de Ennis. Mas mais do que isso, a sutileza de algumas imagens denunciam que as coisas na verdade tendem a piorar. Apesar de estar visivelmente feliz com a presença de Jack, Ennis não consegue disfarçar seu medo de ser descoberto. Enquanto fala com Jack, ali mesmo, de pé entre as caminhonetes no quintal do rancho paupérrimo, fica atento a caminhonete que passa ao longe na estrada. Jack percebe então que Ennis perdeu seu porto seguro de afirmação social de sua, a princípio, heterossexualidade. Ele já não é mais casado e não tem a fachada de estar acompanhado de uma esposa e filhas o tempo todo para protegê-lo de seu medo primitivo, cortesia da brutalidade de uma criação de pai severo.

A atitude de Ennis deflagra outra mudança, dessa vez em Jack, cujas esperanças ruem a partir de então. Uma das marcas mais fortes dela é mostrada em seguida na busca por sexo em outros lugares, a princípio, em uma área de prostituição na região fronteira do México, posteriormente cedendo à investida de um vizinho casado. Ele também deixa de lado a subserviência ao sogro autoritário em uma cena em que o confronta durante o almoço de ação de graças, quando Jack vai ao auxílio de Lureen que quer que o filho coma ao invés de ver tv. O sogro religa o aparelho logo após Jack o desligar pedindo que o filho coma a refeição que

mãe levou tanto tempo para preparar. O sogro a religa dizendo que o neto se tornará “homem” se ver esportes na tv, e é confrontado veementemente por Jack quando tentar religar o aparelho novamente logo após o pai do menino desliga-lo pela segunda vez. A reação inclui inclusive retomar para si a tarefa de cortar o peru, que até então o sogro havia tomado para si de forma intrusiva. Há de se ressaltar que Lureen não disfarça sua satisfação em ver o marido impondo-se e o pai, sogro de Jack, confrontado.

Na mesma data festiva, no entanto, no outro âmbito narrativo, Ennis será finalmente confrontado por Alma quanto ao seu acúmulo de frustrações e infelicidade. Ennis está na casa de Alma e seu segundo marido – que era seu patrão no supermercado -, onde mora com as filhas. Após o jantar, quando só os ex-casados estão na cozinha, depois de assunto mais banais, Alma pergunta se ele ainda vai pescar com Jack. É então que ela relata inclusive que havia em uma ocasião olhado as tralhas de pesca e visto a etiqueta do preço lá dentro; que chegou certa vez a escrever um bilhete pedindo para ele trazer peixes para ela e as meninas, mas que o bilhete voltou igualmente intacto. Sem sequer relatar o beijo que havia visto, Alma acusa-o dizendo que eles não iam para as montanhas com a finalidade de pescar. Além de separado, Ennis tem agora diante de si sua condição exposta de forma inundada de rancor pela ex-esposa, o que o deixa transtornado. A construção da amargura de Alma também é muito bem trabalhada pois, apesar da parca de felicidade mostrada no pós casamento, o resto foi de cerceamentos materiais, pouco carinho e sexo anal que ela odiava, conforme a narrativa do conto original, mas mostrado de forma sutil no filme. Além disso, mais do que a traição do marido, o que ela presenciou entre Ennis e Jack foi um arrebatamento amoroso entre eles que ela nunca chegou perto de viver com o marido. A partida furiosa de Ennis desmascarado pelo extremo rancor da ex-mulher o deixa ainda mais transtornado, a ponto de arrumar briga com o primeiro que lhe oferece a oportunidade em seguida, na sua forma bruta de expressar-se e se impor.

No encontro na montanha vindo em seguida ao episódio com Alma, Ennis questiona Jack sobre a possibilidade dele perceber se as pessoas comentam sobre ele. No seu medo arraigado, Ennis diz ter a impressão que alguém sempre comenta sobre ele e que todos passam a olha-lo diferente quando ele vai à cidade. Seu medo visivelmente se torna uma paranoia perceptível e que mina de vez qualquer esperança de Jack ficar junto dele, a não ser nos encontros temporários na montanha, onde dormem abraçados no barraca à beira do rio.

Ennis chega a envolver-se em seguida com uma outra mulher, Cassie, mas dá tanta importância a ela que a narrativa nem se presta a mostrar como ele a abandona, e a cena dela expressando seu rancor entre lágrimas vem mais à frente. A negligência de Ennis estende-se também à filha mais velha, Alma Junior, que em algumas ocasiões tenta ganhar mais atenção, mas em vão.

Antes do reencontro com Cassie que destila seu rancor, apesar de se mostrar disposta a tentar se aproximar novamente de Ennis, vem o último encontro com Jack - mais calado e desesperançoso - na região da montanha. Como se não bastasse a esperança minada, ao final do encontro Jack fica sabendo que o encontro seguinte deles terá que ser cancelado. Vem a vez de Jack expressar suas frustrações nesse relacionamento limitado à idílica paisagem que, por conta da esporadicidade, torna-a amarga. Nas palavras igualmente amargas de Jack, tudo o que eles tinham é praticamente nada, apenas a montanha Brokeback, aquela formação imensa e bela que à distância paira no horizonte como uma verdadeira miragem que se funde com céu e nuvens, como algo muito pouco concreto, como o romance entre eles. Vem então umas das frases mais citadas do filme, proferidas justamente por Jack: “*I wish I knew how to quit you*”, também, presente no conto e traduzida como “*quem me dera saber como lhe deixar*”. No entanto, sabe-se que para Ennis, nas suas opções limitadas por seus medos, também houve muitos sacrifícios. Seus empregos de salários parcos, mas com a flexibilidade que ele necessitava para ausentar-se de tempos em tempos para o seus encontros na montanha. É somente no final amargo do último encontro, quando ampara Ennis desconsolado diante das dores do reconhecimento de que nada resta de concreto do caso deles, é que Jack relembra o estreito episódio de extrema felicidade que eles tiveram da primeira vez em que trabalharam juntos na Brokeback. Assim como no conto, o espectador é remetido em outro tempo narrativo em que, prestes a deixar o acampamento para voltar ao cume da montanha e para juntos das ovelhas, Ennis abraça por trás Jack que quase dorme em pé diante da fogueira. Ao apara-lo nos braços, Ennis demonstra um dos poucos momentos de ternura que expressou durante toda a narrativa e percebe-se o quanto isso faz Jack feliz. No conto, inclusive, sabe-se que Jack de certa forma tem consciência de que jamais sentirá tanta felicidade como ali, naquele momento.

Só ao receber de volta o cartão com que tenta marcar o encontro seguinte avisando o falecimento do destinatário, é que Ennis sabe da morte de Jack. Com um telefonema para Lureen, descobre que ele morreu em um acidente enquanto enchia o pneu da caminhonete. Enquanto enchia-o, o pneu estourou e a calota teria atingido seu rosto e, depois de cair

inconsciente de costas, Jack teria morrido afogado em seu próprio sangue. Mas no medo primitivo de Ennis, surgem as imagens em sua imaginação de Jack na verdade sendo espancado, como Earl, cujo resultado da total brutalidade ele tinha sido obrigado pelo próprio pai a vislumbrar com apenas nove anos. Ennis então toma conhecimento que Jack queria que parte de suas cinzas fossem espalhadas na montanha Brokeback, mas Lureen afirma que acha que esse lugar nem existe, apesar de afirmar que o falecido marido mencionou que é o lugar que ele dizia ter sido mais feliz. Sabe-se então que a parte das cinzas que seriam espalhadas na montanha e que ela não sabia sequer se realmente existia, foi enviada para os pais de Jack.

Inicia-se então o último trajeto da jornada de Ennis, de ida e volta a casa dos pais de Jack, onde o seu amante viveu desde criança. Lá, os ambientes são inusitadamente brancos. A opção da cenografia parece querer expor a rigidez e insipidez que cercou o personagem do Jack desde criança, junto ao pai austero que, mesmo sabendo onde fica a montanha Brokeback, afirma não ter a intenção de levar para lá suas cinzas que, no entanto, serão colocadas no jazigo da família mesmo.

**Figura 9 – cena do filme**



**Imagem em 01:55:57 mostra o interior da casa dos pais de Jack**

Pelas palavras do pai de Jack, Ennis toma conhecimento do quanto havia no falecido amante esperança deles ficarem juntos, já que aos pais ele teria mencionado várias vezes que um dia eles – Ennis e Jack - se instalariam ali, construiriam uma casa e ajudaria o pai a lidar com o rancho. Ennis percebe então a desesperança a que Jack se entregou quando o pai ainda relata que no ano anterior ele ali esteve com outro homem e que disse que se separaria da

mulher e que eles viriam para li em definitivo, planos que ele não levou até o fim. Percebe-se que, mesmo tendo tentando outras possibilidades de alcançar a felicidade, Jack não conseguiu porque o sentimento que nutria por Ennis Del Mar era mais forte.

Para Ennis, no entanto, diante de todos os seus entraves, ir até ali, ouvir o que ouviu e sair de lá disposto a levar as camisas deles que encontrou escondidas atrás do guarda-roupa, demandou o enfrentando de muitos medos arraigados e exposição de condições e especificidades que ele jamais sonhou um dia expor espontaneamente. Não à toa, a fotografia externa da casa dos pais de Jack e a do local em que o pai de Ennis mostra ao filho o corpo mutilado de Earl é muito parecida. Até a cena em flashback do pai de Ennis encaminhando-o junto com o irmão ao local da vala de irrigação onde estava o cadáver, nenhum espaço chegou sequer perto de apresentar tamanha aridez a não ser a área em que a casa em que Jack nasceu e cresceu apresentou, e onde o austero pai dele revelou em termos de comportamento e em palavras saber do que se passava entre ele e Ennis.

**Figura 10 – cena do filme**



**Imagem em 01:11:40 mostra o local onde jazia o corpo de Earl**

**Figura 10 – cena do filme**



**Imagem em 01:55:27 mostra a área da casa dos pais de Jack**

Na saída de Ennis da casa dos pais de Jack, não resta-lhe nem as cinzas de seu amante. Até mesmo para ficar com as camisas, ele conta com a condescendência da mãe de Jack para sair com elas dali. Para passar pelo pai, ele chega a parcialmente oculta-las com o corpo, tentando encaminhar até a mãe de Jack que de pronto oferece um saco de papel para acomoda-las. Assim como o início da jornada, Ennis termina com praticamente nada, com tudo o que possui resumido ao conteúdo de um saco de papel. Perdera o amante, perdera a oportunidade de ser feliz, mesmo com as interdições que os cercariam, e retoma a estrada em sentido oposto à tomada da abertura do filme, trocando o amanhecer pelo entardecer.

A cena seguinte, no entanto, apresenta um grande e relevante diferencial do conto original para o roteiro do filme. Como as situações familiares são meramente citadas no conto, tiveram que ser estendidas no roteiro. Assim, as pessoas que amam Ennis e que ele ama, desfilam no decorrer do filme e, na sua negligência, vão sendo abandonadas e amargurando suas relações frustradas. Dessa forma, no acréscimo feito pelos roteiristas, Alma Junior, a filha mais velha de Ennis, vem visita-lo quando este está instalado em um melancólico trailer situado em uma região descampada. Inicialmente, Ennis demonstra que colocará novamente o trabalho em primeiro lugar e se mostra pouco disposto a estar presente no casamento da filha que o havia acabado de convidar, mas pensa melhor e diz que dará um jeito, mas que não perderá a cerimônia, o que leva a filha a mudar suas feições da tristeza para a alegria. O fato da filha de Ennis ter esquecido sua blusa sobre a cama do trailer do pai, serve de pretexto para reproduzir então uma das sequências finais do conto, em que ele mantém

penduradas em um prego na parte de dentro da porta do pequeno guarda-roupa, o cabide de arame com as duas camisas, uma dentro da outra, com um cartão postal da montanha Brokeback preso logo ao lado. As mesmas camisas que usavam quando da briga que se tornou a despedida deles da montanha, ante a canhestra manifestação de frustração de Ennis. Agora, diferente da posição em que haviam sido encontradas, com a camisa de Ennis por fora e a de Jack por dentro, a posição havia sido invertida, com a de Ennis guardando a camisa de seu amante morto.

Não coincidentemente, é nesse momento que é mostrado pela segunda vez as paisagens áridas da região através de uma janela. A primeira delas é mostrada praticamente no meio do filme, quando Ennis está ansioso esperando pela vinda de Jack no primeiro encontro deles quatro anos depois do trabalho na montanha. Há que se ressaltar que, no âmbito da urbanidade que, no caso, representa a aridez da socialidade onde os dois homens protagonistas não podem demonstrar o que sentem um pelo outro, os ambientes são muito fechados e as paisagens externas, quando mostradas, são áridas, com poucas áreas e vegetação rasteira, normalmente gramínea. Quando da ansiedade por rever Jack depois de quatro anos, finalmente se vê através de uma janela, com o horizonte muito ao fundo. Nas mesmas condições, uma janela só é mostrada depois da emblemática frase dita por Ennis entre olhos marejados, diante das camisas e do postal, na enigmática frase “Jack, I swer...”, ou “Jack, eu juro...”, na tradução publicada no Brasil. Com a última tomada encerrando em *fade out* dando destaque a minúscula janela do trailer pode-se interpretar que Ennis está disposto a ampliar sua visão e dar mais atenção aos que o amam e que ele ama, ao contrário da postura negligente adotada por ele até então.

**Figura 12 – cena do filme**



**Imagem em 01:02:07 mostra a visão de Ennis esperando Jack**

**Figura 13 – cena do filme**



**Imagem em 02:07: 35 mostra a janela do trailer, última imagem do filme**

Apesar de o filme se encerrar ali, o conto se estende mais um pouco relatando os sonhos recorrentes de Ennis com Jack, sempre no acampamento da montanha, e chega a fazer analogia do cabo da colher inserida na lata de feijão que comiam ali, relacionando sua similaridade com uma chave de roda o que, na imaginação de Ennis, poderia ter sido usada para o assassinato de Jack, como se a presença repressora de seu pai pairava o tempo todo sobre eles. Em meio a saudades e os resultados dela com lágrimas, o conto se encerra com a frase que Ennis profere quando ambos estão em um dos encontros na montanha – tanto no conto quanto no filme - quando Jack lhe pergunta o que fazer quanto a situação limitada deles diante das famílias e da sociedade: *“se não dá para consertar, a gente tem que aguentar”*. Tal frase remete ao termo popular do “manter-se no armário”, no caso de homossexuais se esforçam na obliteração de sua identidade sexual e, ao invés disso, tentar viver uma vida que não lhes pertencem, uma vida heterossexual, muitas vezes constituindo à duras penas uma família, condenando-se a si e aos seus à uma felicidade tênue ou mesmo à infelicidade por conta da incompletude que tal opção significará. Assim como Ennis, a opção normalmente é pautada no medo de reconhecimento de sua identidade (homos)sexual – e em consequência, da própria homofobia -, para seus familiares e pessoas em redor, bem como, muitas vezes, para si mesmos.

## 2.1 A comunidade “O segredo de *Brokeback Mountain*” e seus sujeitos

A escolha da comunidade da internet para a base desse trabalho tem como *site* de relacionamentos que a abriga o *Orkut*, que já foi o mais popularmente conhecido no país, com a maioria dos seus usuários ativos, que foi suplantado desde o final do ano passado pelo Facebook.

A comunidade, criada em 14 de julho de 2005, ganhou o mesmo nome da obra cinematográfica que a inspirou, *O Segredo de Brokeback Mountain* (*Brokeback Mountain*, 2005, direção de Ang Lee), e está arquivada na categoria “Artes e Entretenimento” do referido site. Até o final do mês de janeiro de 2010, a comunidade contava com 14.822 membros afiliados e um total de 1.777 fóruns criados para discussão dos mais variados temas tendo usualmente como ponto de partida o filme que inspirou a criação da comunidade.

A interação ocorrida através dos fóruns, assim, possibilitou a construção da opinião desse grupo de indivíduos e o processo proposto de análise desse conteúdo é beneficiado pela recuperabilidade dessas informações. O fato ainda de os fóruns da referida comunidade serem distribuídos em fases diferentes levando em consideração todas as possibilidades de contato com a obra cinematográfica por parte de seus integrantes, já que a interação entre os atores da comunidade teve início antes do lançamento do próprio filme até as exibições em rede aberta de TV - perfazendo o ciclo de vida comumente observado nesse tipo de produto cultural -, possibilita ainda a recuperação e análise de dados em que as opiniões vão sendo construídas conforme o filme em pauta foi sendo assistido e re-assistido. Ou seja, os primeiros a recuperarem informações já contidas nesses fóruns criados foram os próprios membros da comunidade que, no decorrer desse processo, foram recuperando opiniões e impressões de outros membros para retomar discussões iniciadas em tempos anteriores, em um processo de auto-alimentação interna que pode ser distinguido por um visitante externo conforme se atente às datas denunciadas das postagens posteriores à criação dos fóruns.

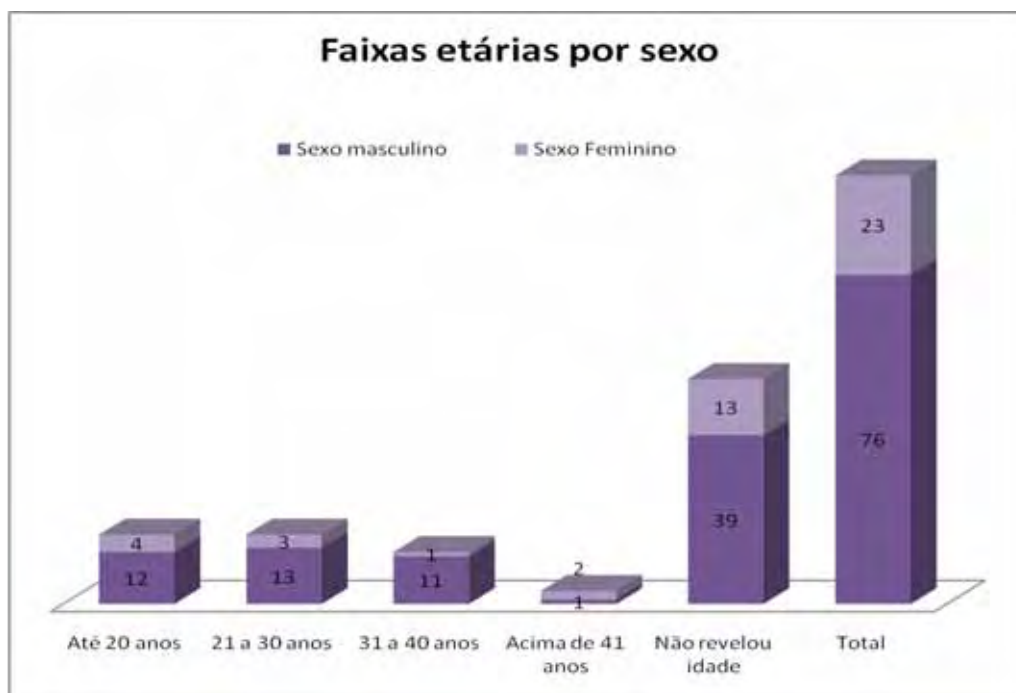
Do total de 1.777 fóruns criados para discussão entre os membros da comunidade, lendo-os um a um, foram selecionados 43 deles – elencados mais adiante - por apresentarem temas diretamente relacionados ao filme e/ou que suscitaram a expressão das impressões e percepção desses indivíduos. Partindo de convite a manifestação acerca de alguma particularidade acerca da recepção desses membros quanto a alguma característica do filme

ou de uma pergunta que requeria uma resposta mais objetiva, as interações selecionadas receberam quantidades de respostas que foram de apenas sete a até 519. Ressalta-se que o número de respostas acaba sendo dois: o de registro e o real. Ou seja, o sistema do próprio site registra o número de respostas dadas pelos membros da comunidade, mas em absolutamente todos os tópicos o número efetivo computado foi inferior por conta dos usuários da rede social em questão que cancelaram suas contas no site, eliminando junto suas manifestações nas interações. Deve-se ressaltar ainda que, além de respostas diretamente relacionadas ao ponto de partida em que se fundamentava a criação de tal fórum, parte das respostas ainda consistiam em comentários sobre respostas alheias, o que demonstra que, mesmo dentro dos fóruns, há ainda a necessidade de uma segunda seleção das respostas em buscas daquelas realmente relevantes à pesquisa.

Além dessas interações diretamente relacionadas com o filme e que convidavam os membros a manifestarem suas impressões e percepções, um outro fórum de discussão foi selecionado por conta de sua relevância para a identificação das pessoas que dele participaram. Com a pergunta “*de onde vocês são?/o que vocês fazem?*”, o fórum em questão tem registrado 303 respostas postadas ali pelos membros da comunidade, e ajuda a qualificar os dados referentes ao perfil geral dos membros da comunidade. Nem todas as respostas são diretamente relacionadas a pergunta que deu origem ao referido fórum, e nem todos os participantes respondem com dados que possibilitem um registro mais seguro.

Dessa forma, foram recolhidos os dados de 99 participantes, sendo 76 homens e 23 mulheres. No caso dos homens, daqueles que revelaram sua idade, elas vão de 16 a 51 anos, sendo 12 até 20 anos; 13 de 21 a 30 anos; 11 de 31 a 40 anos; e um acima de 41 anos de idade. Das mulheres, as idades variam de 16 a 46 anos, sendo quatro até 20 anos; três de 21 a 30 anos; uma na faixa de 31 a 40 anos, e duas acima de 41 anos de idade.

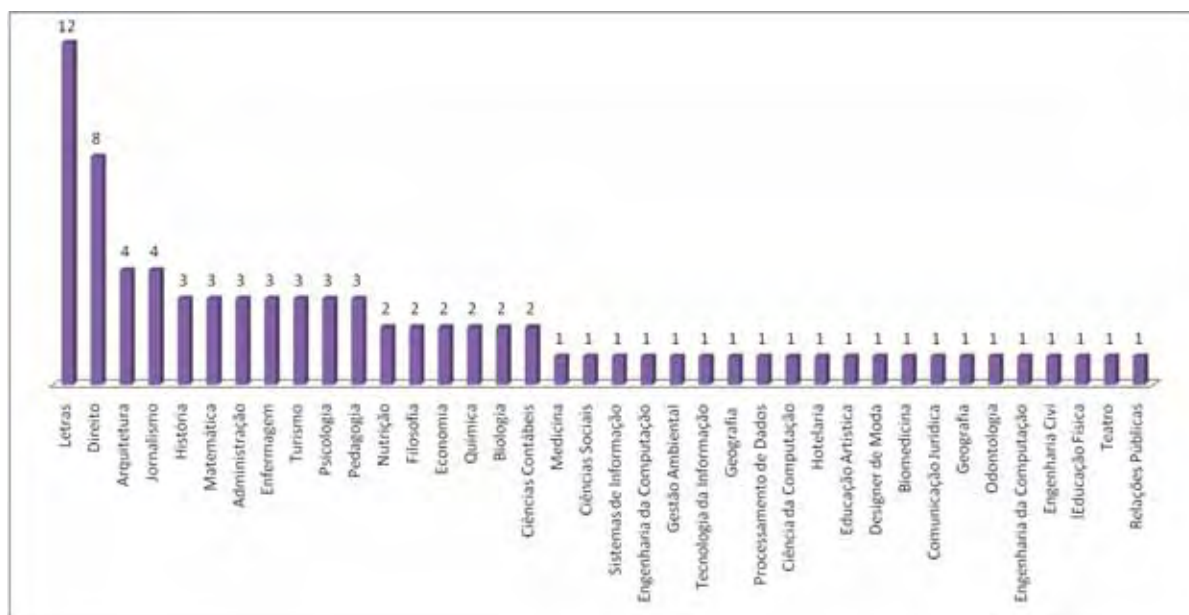
### **Gráfico 1 – Dados da comunidade**



**Dados relacionados aos membros da comunidade em resposta ao tópico “de onde vocês são?/o que vocês fazem?”**

Ao responderem o que faziam, foram citadas 81 pessoas citaram formação superior em curso ou já concluída, sendo que as mais citadas foram Letras, por 12 dos membros; Direito, oito; Arquitetura e Jornalismo, quatro vezes cada; História, Matemática, Administração, Enfermagem, Turismo e Psicologia, três vezes; Pedagogia, Nutrição, Filosofia, Economia, Química, Biologia, Ciências Contábeis, cada uma delas citadas duas vezes; e com apenas uma citação cada: Medicina, Ciências Sociais, Sistemas de Informação, Engenharia da Computação, Gestão Ambiental, Tecnologia da Informação, Geografia, Processamento de Dados, Ciência da Computação, Hotelaria, Educação Artística, Designer de Moda, Biomedicina, Comunicação Jurídica, Geografia, Odontologia, Engenharia da Computação, Engenharia Civil, Educação Física, Teatro e Relações Públicas.

**Gráfico 2 – Dados da comunidade**



**Dados relacionados aos membros da comunidade em resposta ao tópico “de onde vocês são?/o que vocês fazem?”**

A cidade com maior número de participantes nesse foi São Paulo-Capital, com 22, sendo 13 homens e nove mulheres, seguida por Rio de Janeiro-RJ com sete – cinco homens e duas mulheres. Da capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, houve participação de seis pessoas – quatro homens e duas mulheres -; de Porto Alegre-RS foram quatro – três homens e uma mulher -; de Fortaleza-CE, também foram quatro - todos homens -; de Natal-RN foram três – dois homens e uma mulher -; de Belém –PA, dois – uma homem e uma mulher -; de Uberaba –MG, dois – um homem e uma mulher -; de Catalão-GO, dois – ambos homens -; de São Bernardo do Campo-SP, dois – ambos mulheres -; de Mogi Mirim-SP, dois – homens . o fórum ainda contou com a participação de uma pessoa de cada uma das seguintes cidades: Valinho-SP, Sapucaí do Sul-RS, Joinville-SC, Curitiba-PR, Ribeirão Preto-SP, São Gonçalo-RJ, Cachoeirinha-RS, Tavares-PB, Campinas-SP, Itatiba-SP, Goiânia-GO, São Leopoldo-RS, Mirassol d’Oeste-MT, Uberlândia-MG, Iracenópolis-SP, Santo André-SP, Itapetininga-SP, Barra Mansa-RJ, Itacaré-BA, Amparo-SP, Guarulhos-SP, Barretos-SP, São Bernardo do Campo-SP, Santa Cruz do Sul-RS, Brasília-DF, Arapongas-PR, Águas de Lindóia-SP, Ilha do Governador-RJ, Pombal-BA, Santa Maria do Jetibá-ES, Nova Iguaçu-RJ, Canela-RS, Fernandópolis-SP, Promissão-SP, Cabo Frio-RJ, Salvador-BA, Pato de Minas-MG, Araucária-PR, Quirinópolis-GO, Ewbank da Câmara-MG, Feira de Santana-BA e São José dos Campos-SP. Também se identificaram no fórum dois participantes de cidades do exterior, um de Pedro Juan Caballero, no Paraguai, e outro de Berlin, na Alemanha.

### 3. ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES E IMPRESSÕES DO FILME

A associação metodológica entre os mecanismos da pesquisa quantitativa com os da qualitativa, no caso da proposta desta pesquisa, se fez necessária para a busca do valor para os estudos sociais das informações a serem consultadas e recuperadas na comunidade escolhida para esse fim, visando elencar dados a serem analisados. Assim, o que se buscou foi a possibilidade de “ultrapassar as análises meramente confinadas à frase” (MARTINS, 2004), através da técnica surgida na última década do século passado, a da análise do discurso do sujeito coletivo (DSC), chamado de “procedimento metodológico de natureza qualiquantitativa” por seus criadores, Fernando Lefreve e Ana Maria Lefreve (LEFREVE e LEFREVE, 2006).

No caso desse trabalho, o foco de interesse é o que se pode encontrar nos resultados das interações entre os atores que fazem parte da comunidade O Segredo de *Brokeback Mountain*, dentro da rede social Orkut, selecionada para o estudo. Para tanto, foi utilizada a metodologia adequada à análise das redes sociais pertinentes às Ciências Sociais, levando em conta a ótica descritiva e estatística apregoada por Wasserman e Faust (1994). A análise da rede social em foco associa a princípio o método quantitativo, através do qual se obtém estatísticas relevantes para a pesquisa, como o grau de interação entre os atores da comunidade abordada, que permitem “a sistematização da estrutura e de seus padrões, o que a torna mais quantitativa”. (SOUSA, 2007: 124). Cross e Parker (2004) afirmam que a análise das redes sociais pode ser conduzida através de uma abordagem grupal em que se destaca a importância da definição de uma rede de interesse que, no caso, se dá através do tema em comum abordado já na proposta inicial da criação da comunidade.

A comunidade escolhida para esse trabalho de pesquisa se enquadra no modo variação estrutural de rede social que Wasserman e Faust (1994) classificam de *one-mode*, no que os autores chamam de *one-mode networks*, uma vez que a maioria das aplicações das redes sociais é direcionada para uma coleção de atores de um mesmo tipo (SOUSA, 2007: 127). Para o trabalho com redes sociais, também deve-se levar em conta o vínculo relacional entre os atores que, no caso, se dá através da interação por mensagens trocadas nos tópicos encontrados na área de fóruns da comunidade.

De acordo com Sousa (2007), a análise das redes sociais, conforme diversos autores da área, tem dois tipos de dados básicos, sendo o primeiro o status sócio-econômico dos atores, e o segundo, que mais interessa aqui, a relação que representa a conexão entre os atores. No caso específico desse trabalho, a conexão entre os atores ocorre através dos debates travados nos fóruns da comunidade relacionada ao filme *O Segredo de Brokeback Mountain*, principalmente no que tange a emissão de opiniões e informações de onde pode-se obter dados que remetem a percepção e impressão desses indivíduos quanto à obra cinematográfica em questão.

Estabelecidos os atores a serem elencados para a pesquisa, aqueles de participação mais ativa nos fóruns da comunidade, principalmente naqueles de temática mais diretamente relacionada com o foco do estudo, que pretende chegar às percepções e impressões desses membros quanto ao filme, está entre as técnicas de coleta de dados apresentadas por Wasserman e Faust e elencadas por Sousa (2007) como item “4” dentre as apresentadas:

*“Arquivos – podem ser utilizados os registros em documentos, mensagens de correio eletrônico, publicações em revistas especializadas, jornais, decisões judiciais, entre muitas outras.” (SOUSA, 2007: 138)*

Apesar de aqui se tratar de um trabalho que tem como base dados resgatados de uma rede social virtual, a pesquisa apresenta também características de pesquisa documental, como é conhecida o tipo de pesquisa empreendida a partir da análise de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos. Há de se relevar que os dados das interações têm sua autenticidade facilmente corroborável, haja visto a possibilidade de acesso irrestrito ao escrutínio de qualquer interessado a partir dos links dispostos na comunidade, de livre acesso na rede mundial de computadores.

É no resgate das informações obtidas das interações dos atores da comunidade arquivadas nos fóruns da comunidade que foram tirados os dados para serem analisados visando a construção da impressão coletiva focada nesse estudo, com a associação de análise de conteúdo e análise do discurso, que são englobadas no estudo de DSC que:

*[...] Visa reunir os pedaços de discursos semelhantes em um mesmo discurso, valorizando a tabulação e a organização dos dados, mesclando resultados quantitativos [...], permitindo a obtenção de discursos completos [...] (MENDONÇA, 2007: 156)*

Para a obtenção da análise do sujeito coletivo, a técnica mais comumente utilizada é a aplicação de questionários cujas informações resultantes são utilizadas para a apuração

visando obtenção do resultado almejado. A comunidade do site de relacionamento focada nessa proposta de estudo, no entanto, tem normalmente como ponto de partida para cada um de seus tópicos dos fóruns uma pergunta lançada por um dos seus moderadores ou membros. Dessa forma, têm-se diversas manifestações por parte dos atores que integram a comunidade. É a partir desses dados colhidos na investigação que foram elencados ideia ou ideias centrais e expressões-chave que servirão de guia para o discurso coletivo. Ao final, com a adoção das técnicas elencadas, os objetivos desse trabalho poderão ser alcançados, podendo inclusive ser o ponto de partida para novas possibilidades de estudos e abordagens.

Tomando como parâmetro da coleta de dados os tópicos direta e indiretamente relacionados com o filme que inspirou a criação da comunidade eleita para o desenvolvimento desta pesquisa, foi colocado em prática a observação do pesquisador diante dos temas e a forma com que eles eram debatidos nas interações entre os indivíduos. Nesse caso, dentro do universo de 1.777 tópicos criados na área de fóruns, foi necessário fazer uma varredura que não se limitou ao nome dado aos tópicos por seus criadores, já que esses, muitas vezes, podem não dar uma ideia realmente concreta de sua relação ou não com o filme, uma vez que o que se buscava como resultado final ser justamente as impressões e percepções frente ao produto cultural. A coleta de dados das interações passou então pela seleção dos tópicos que estavam direta e indiretamente relacionados ao filme e que incitava os membros da comunidade a manifestarem-se quanto às suas opiniões sobre o filme ou aspectos relacionados à ele.

A partir do trabalho de elencar os mais de 40 tópicos que a princípio foram considerados de utilidade ao resultado que se buscava obter com a pesquisa, em seguida, dentro da pesquisa, buscava-se contabilizar as participações para a quantificação do número de participantes de cada tópico do fórum estratificando os participantes entre aqueles do sexo masculino e feminino, além de salientar desses quantos utilizavam perfil “fake”. Este, deve-se ressaltar, baseia-se primordialmente em observação, uma vez que muitos utilizam outras imagens que não as suas no avatar de seus perfis, enquanto outros utilizam outros nomes que seus os seus próprios. Portanto, dentro da pesquisa, foram classificados de perfil “fake” aqueles mais facilmente observáveis como tal. A partir disso, dentro de cada tópico foram computados os números de participações para o comparativo com o registrado de número de respostas oferecidos pelo site. Essa necessidade surgiu depois da pesquisa iniciada quando observou-se que a contagem de respostas oferecidas pelo site da rede social acabava por não excluir as respostas que foram perdidas dentro do processo de cancelamentos de perfis. Ou

seja, quando um dos membros que participaram de interações dentro de tópicos no fórum da comunidade pesquisada decidia cancelar sua conta, junto com a perda de seu perfil, também suas participações eram sumariamente eliminadas. Além da incompatibilidade observada no número de interações contabilizadas não corresponderem ao número de respostas registrado no site, também foi observado no decorrer da pesquisa, na leitura das interações, menções a outros membros da comunidade que não mais se encontravam entre os interagentes dos debates resgatados.

Tendo como ponto de partida a linha de raciocínio lançada pelo criador do fórum ou mesmo por uma pergunta objetiva, ou várias, em alguns casos, é que os demais membros da comunidade se sentiam impelidos ao debate e a manifestarem os seus pontos de vista. De acordo com os questionamentos lançados, somente com a leitura das respostas obtidas nas participações dos membros da comunidade é que se tornava possível categorizar as respostas. Ou seja, o primeiro trabalho dentro do conteúdo de respostas dos tópicos foi o de qualificação, através de categorização dos dados, para somente a partir desta etapa, proceder com a quantificação.

Em perguntas lançadas pelos criadores dos tópicos que apresentava um caráter mais objetivo que limitava as manifestações de subjetividades, elencavam-se palavras que empregavam sentidos específicos às respostas observadas. Um exemplo desse tipo de categorização é o tópico de título *“qual é o seu adjetivo para o filme”* que, por seu caráter objetivo, não abria margem a respostas mais amplas e que cujos resultados tornaram a categorização mais simples – mesmo que ao final tenham sido computados 72 adjetivos diferentes citados pelos participantes. *“Sobre a última frase do filme”*, por outro lado, já abre margem a maior elucubração por parte dos membros da comunidade e a leitura dos resultados das interações exige uma acuidade maior para a observação de padrões de respostas para sua qualificação e posterior quantificação. Já tópicos como *“eles não dizem “eu te amo””* partem de uma observação de um dos membros que exige a leitura das interações registradas para que dali se consiga uma categorização dentro das respostas. Nesse caso, por exemplo, o padrão surgido e seguido por todas as interações resgatadas no fórum da comunidade foi de seus membros opinando sobre isso, dizendo nas opiniões deles que não havia realmente necessidade ou mesmo afirmando que os atos observados durante a narrativa do filme não deixava dúvida quanto aos sentimentos que os protagonistas nutriam um pelo outro. Outros tópicos exigem ainda mais por trazerem mais temas e perguntas incluídas nas questões lançadas por seu criador. Esse é o caso do tópico *“a cena da Alma vendo o beijo – trágica ou*

*cômica?*”, que, além da pergunta já lançada em seu título, trouxe outras questões abordadas pelo criador do tópico, relacionadas às reações do público à cena mencionada. Diante disso, a atenção na leitura e categorização das respostas observadas se deu em dois âmbitos: na reação pessoal relatada pelos membros e o que esses presenciaram em termos da reação do público nos cinema em que viram o filme, quanto à mesma cena.

À priori, foi elaborado um questionário que seria utilizado caso se fizesse necessário um aprofundamento em algum aspecto da pesquisa, como no caso da qualificação dos dados que permitissem traçar um perfil dos participantes dos fóruns. Isso, no entanto, além de se mostrar pouco eficiente em vista da reduzida participatividade atualmente observada no site da rede social elencada para esse trabalho, o que limita o acesso aos membros da comunidade, também se tornou desnecessário por conta do tópico de fórum intitulado “*de onde vocês são?/o que vocês fazem?*”, resgatado no início da execução da pesquisa e forneceu dados de 99 participantes com informações como idade, sexo, formação e cidade em que habitavam quando das suas participações nas interações.

### 3.1 Interações e categorizações

Apesar da quantidade à priori impressionável de fóruns existentes na comunidade, a primeira etapa da seleção contou com o senso crítico do pesquisador para reconhecer, já a partir dos títulos que eles traziam, sua possível utilidade ao que era proposto originalmente desde o projeto da pesquisa.

Dessa forma, os temas dos 43 fóruns selecionados foram: *“no que vocês ficaram pensando quando o filme acabou?”*; *“a beleza importa?”*; *“a cena da Alma vendo o beijo - trágica ou cômica?”*; *“a cena eu achei mais linda foi..”*; *“afilha da putice com as esposas”*, *“a segunda vez é ainda melhor”*, *“acho que estou louco, sei lá...”*; *“afinal, qual o segredo de Brokeback Mountain?”*; *“Brokeback Mountain não é um filme gay”*; *“cena do reencontro quatro anos depois”*; *“de onde vocês são? o que vocês fazem?”*; *“deprê”*, *“depressão pós-filme. só eu?”*; *“eles não dizem eu te amo”*; *“eles não eram gays”*; *“Ennis gay ou hétero?”*; *“estou em estado de choque. me ajudem”*; *“frases marcantes”*; *“gente, sei que isso não importa muito, mas...”*; *“o filme para héteros”*; *“o filme te inspira a lutar pela causa”*; *“o que aconteceu com você quando o filme acabou?”*; *“porque sou gay”*; *“por que a casa do Jack é branca?”*; *“primeiro ato de amor depois carinho-profundidade”*; *“qual a frase mais significativa do filme”*; *“qual a melhor cena do filme pra vocês?”*; *“qual é o seu adjetivo para o filme?”*; *“qual momento vocês não gostaram?”*; *“quem matou o Jack?”*; *“quem tem vontade de viver o que eles viveram?”*; *“quem vocês acham mais carinhoso, Ennis ou Jack?”*; *“se lembra quando ouviu sobre o filme pela 1ª vez?”*; *“simbologia dos nomes”*; *“só eu queria um final feliz?”*; *“sobre a última frase do filme”*; *“solidão”*; *“sou conservador por essa cena”*; *“tentativa de sentir o filme como um todo”*; *“você acredita que Ennis realmente amava Jack?”*; *“você chorou em Brokeback?”*; e *“você iria ao cinema ver numa boa, homens?”*.

A partir da análise do conteúdo das interações, além categorização para alcançar a qualificação dos dados e sua posterior quantificação, também houve a preocupação de, em alguns caso, elencar manifestações que pudessem ilustrar a linha de pensamento adotada por uma grupo de membros da comunidade. Dessas manifestações elencadas, parte delas foi selecionada e reproduzida na exposição dos resultados tópico a tópico que se segue, à título de ilustração para melhor compreensão, mantendo a construção textual original – somente as manifestações expressas totalmente em letras maiúsculas foram transpostas para as minúsculas por questões de adequação visual -, com o cuidado de serem mantidas entre aspas

e em *itálico*, para melhor distinguir seu conteúdo dos demais textos. Na apresentação das interações, quanto a resultados e análises, também houve a opção da subdivisão em duas categorias, “objetividades” e “subjetividades”, que agrupam os dados de acordo com suas características em termos de conteúdo.

Nas manifestações dos membros da comunidade em questão acerca do filme que motivou seu agrupamento virtual não é difícil observar um dos princípios da linguagem cinematográfica com o efeito “projeção-identificação”, como nomeia Morin quando trata em seu artigo *A alma do cinema* da participação afetiva do espectador ao identificar-se dentro de uma obra cinematográfica. O autor defende que a mais banal "projeção" sobre outrem - o "eu ponho-me no seu lugar" - é já “uma identificação de mim com o outro, identificação essa que facilita e convida a uma identificação do outro comigo: esse outro tornou-se assimilável.” (1983: 146)

Na medida em que identificamos as imagens da tela com a vida real, pomos as nossas projeções-identificações referentes à vida real em movimento. (MORIN, 1983: 151) As técnicas do cinema são provocações, acelerações e intensificações da projeção-identificação. (MORIN, 1983: 157) O cinema é precisamente esta simbiose: um sistema que tende a integrar o espectador no fluxo do filme. Um sistema que tende a integrar o fluxo do filme no fluxo psíquico do espectador. (MORIN, 1983:161)

E a identificação citada por Morin é ressaltada por Machado (2007: 99) como sendo a “chave da própria legibilidade (inteligibilidade) do filme por parte de seu espectador”. Tal argumento tem concomitância com o que vem sendo focado pelos estudos de comunicação, que dentre outros aspectos de seu objeto, também aborda o poder que a comunicação representa através do que Bordenave chama de modificação de significados, uma vez que ela “colabora na transformação das crenças, dos valores e dos comportamentos. Daí o imenso poder da comunicação. Daí o uso que o poder faz da comunicação.” (BORDENAVE; 1993: 92)

### 3.1.1 Objetividades

Nesta primeira parte da tarefa de escrutínio dos dados colhidos nas interações entre os membros da comunidade na área de fórum, o foco será voltado para perguntas lançadas ou afirmações que remetem a posicionamentos específicos e instigam seus participantes à concentração em objetividades como respostas, de certa forma, mais facilmente categorizáveis para a qualificação e quantificação dos resultados.

#### “Qual é o seu adjetivo para o filme?”

Dentre os fóruns da comunidade, aquele que pedia para que os membros da comunidade esprimissem sucintamente em um adjetivo que relacionariam filme - “*qual é o seu adjetivo para o filme?*” - de acordo com suas impressões, obteve resposta computável por parte de 156 pessoas, das quais 124 eram homens e 32 mulheres, com um total de 72 adjetivos mencionados – ressaltando-se que em alguns casos os participantes acabavam mencionando mais de um, e algumas vezes, na verdade, mencionavam-se substantivos. O adjetivo mais citado foi “*perfeito*”, sendo a opção de 28 homens e seis mulheres, em um total de 34 menções. O filme foi relacionado ao adjetivo “*inesquecível*” nove vezes – seis delas por homens e três por mulheres; e “*magnífico*” sete vezes – das quais, seis delas por homens. “*Maravilhoso*” foi citado seis vezes, por quatro homens e duas mulheres; enquanto “*verdadeiro*” e “*marcante*”; “*lindo*”, “*tocante*” e “*sensível*” foram adjetivos aplicados ao filme quatro vezes cada – com os dois primeiros deles mencionados apenas pelos homens, e com distribuição mais variável dos demais. Com duas menções houve as palavras: “*transformador*”, “*sublime*”, “*fantástico*”, “*obra-prima*”, “*eterno*”, “*forte*”, “*profundo*” e “*triste*”. Com apenas uma menção cada uma, observou-se as palavras: “*intenso*”, “*esplêndido*”, “*simples*”, “*natural*”, “*catarse*”, “*impecável*”, “*sublime*”, “*soberbo*”, “*impactante*”, “*surpreendente*”, “*poético*”, “*empolgante*”, “*eficiente*”, “*desconcertante*”, “*único*”, “*poderoso*”, “*universal*”, “*encantador*”, “*bárbaro*”, “*absoluto*”, “*colossal*”, “*ternuroso*”, “*doloroso*”, “*estupendo*”, “*divino*”, “*arte*”, “*épico*”, “*amizade*”, “*divisor*”, “*melhor*”, “*antológico*”, “*irado*”, “*romântico*”, “*dramático*”, “*belíssimo*”, “*completo*”, “*contundente*”, “*excepcional*”, “*respeito*”, “*emotivo*”, “*fantástico*”, “*genial*”, “*melancólico*”, “*surreal*”, “*empático*”, “*assombroso*”, “*devastador*”, “*metáfora*”, “*misterioso*” e “*depressivo*”.

**“Se lembra quando ouviu sobre o filme pela 1ª vez?”**

Um dos moderados e criador da comunidade criou no início de abril de 2006, um mês após a estreia do filme no Brasil, um tópico para buscar saber dos membros como eles ficaram sabendo pela primeira vez do filme. Depois de explicar que ele havia lido o conto original na aula de inglês em 2003 e gostado muito do trabalho da autora e posteriormente ficar sabendo que o ator Jake Gyllenhaal, de quem era fã, estrelaria a adaptação para o cinema, ele se interessou e acompanhou através das notícias o desenvolvimento do filme até o seu lançamento; para então perguntar se os demais lembravam como ficaram sabendo do filme pela primeira vez.

Foram várias as origens do conhecimento da produção cinematográfica citadas e apenas duas respostas se repetiram, a de que não se lembram e a de foi através de notícias sobre a repercussão de “O segredo de *Brokeback Mountain*” no Festival Internacional de Cinema de Veneza. Três pessoas disseram não se lembrar quando e como ficaram sabendo, mas a primeira delas disse ter visto o cartaz inicialmente, o segundo viu o trailer e se interessou; e o terceiro afirmou ter lido chamado a atenção as notícias que creditavam o filme ao diretor Ang Lee e a repercussão nos festivais por onde passava. A repercussão no Festival de Veneza foi a forma com que quatro outros membros da comunidade ficaram sabendo, um deles com uma matéria sobre a premiação do filme em matéria do jornal O Globo. Uma pessoa afirmou que tomou ciência do filme através de recomendação de um amigo que o havia visto em um cinema de Belo Horizonte; outro leu sobre o filme no site Cinema em Cena; um mencionou ter lido sobre na revista Newsweek; a exibição do trailer no canal de TV por assinatura A&E Mundo foi como um outro membro conheceu o filme. Uma fã de Jake Gyllenhaal tomou conhecimento lendo notícias sobre o ator; enquanto outro membro leu entrevista com o mesmo ator na revista Época quando do lançamento do filme “O Dia Depois de Amanhã” em que mencionou seu filme seguinte. Uma chamada do programa da apresentadora Oprah Winfrey com o elenco do filme no canal de TV por assinatura GNT foi a forma como uma das pessoas que responderam ao tópico conheceu o filme; a programação da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo foi a fonte de conhecimento do filme para outra participante. Enquanto três pessoas citaram ter tomado conhecimento do filme bem antes de seu lançamento, um através de uma nota na extinta revista sobre cinema Set de março de 2004 sobre o projeto capitaneado por Ang Lee, outro com as primeiras notícias na internet cerca de um ano e meio antes da estreia e o terceiro com reportagens curtas no primeiro semestre de 2005 sobre as polêmicas acerca da temática do filme; outro membro da comunidade afirmou só ter ficado sabendo do filme quando leu a lista de filmes indicados ao Oscar.

### ***“Frase marcante”***

No tópico do fórum criado para que os membros da comunidade relacionassem as frases mais marcantes para eles no filme, além de participações que atendiam plenamente ao que havia sido sugerido, observou-se participações que acabavam citando mais de uma frase, outras que ao invés disso citavam um diálogo completo e outros que ainda, em menor número, que optaram por citar frases do conto original da autora Annie Proulx – essas deixadas de fora nesta compilação para concentrar as citações relacionadas ao filme exclusivamente. Em muitos casos, os participantes ainda citavam a frase original em inglês e foi também observada a citação tanto em inglês quanto em português, por isso a opção aqui foi de manter as duas grafias quando assim surgisse nas interações. Contando com a participação de 34 pessoas, com quatro perfis “fake” observados, o tópico foi criado em 22 de fevereiro de 2006 e teve a última participação registrada na segunda quinzena de janeiro de 2009.

Por parte dos integrantes da comunidade do sexo masculino, a frase mais citada foi “*I wish I knew how to quit you / queria saber como me livrar de você*”, de Jack para Ennis quando ele expressa sua frustração pelo relacionamento dos protagonistas resumir-se a encontros esporádicos na montanha, citada seis vezes; seguida por “*if you can't fix it, you've got to stand it*” – de Ennis para Jack diante da impossibilidade deles ficarem juntos a não ser em encontros esporádicos na montanha que empresta seu nome ao filme e lembrada apenas no original em inglês -, citada quatro vezes; “*Jack, eu prometo... / Jack, I swear...*” – de Ennis na cena final do filme -, três vezes; e “*a verdade é, algumas vezes eu sinto tanto a sua falta que acho que não vou aguentar / truth is... sometimes I miss you so much I can't hardly stand it*” – de Jack para Ennis em um dos encontros deles na montanha -, que apareceu duas vezes e que, segundo um dos membros da comunidade ao cita-la: “*esta frase é simplesmente uma das mais tocantes, fala de todo o sofrimento de Jack por não ter quem ele ama perto dele*”. As demais frases foram citadas apenas uma vez cada: “*eu teria se você os sustentasse*” – Alma para Ennis após ele questiona-la se não queria ter mais filhos seus -; “*quando não se tem nada, não se precisa de nada*” – de Ennis para a filha quando ela aponta a necessidade de mais móveis no trailer em que o pai estava morando -; “*sim, já fui ao México, e você não sabe como é ruim (you don't know how bad it is)*” – de Jack para Ennis quando este o questiona, indiretamente, sobre a utilização de serviço de sexo pago com prostitutas -; “*Jack escolhe a vida!*” - do

animador do rodeio enquanto Jack está montado em um touro durante a competição -; “*você me conhece, Jack, sabe que eu não vou pra muito longe... Sou assim por sua causa, Jack*” – durante o desabafo de Ennis quanto às limitações do relacionamento deles -; “*o que será que tem lá em cima?*” - quanto Ennis olha para o céu estrelado durante uma das vezes em que esteve com Jack na montanha -; “*girls don't fall in love with fun...*” – da personagem Cassie, com quem Ennis tem um relacionamento após se separar de Alma quando ele diz que o relacionamento deles não havia sido muito divertido -; e “*por que você não me deixa em paz Jack... por sua causa é que eu sou assim... eu não sou nada... não tenho nenhum lar... eu não aguento mais Jack...*” – de Ennis em desabafo no último encontro deles na montanha.

As participantes do sexo feminino escolheram em sua maioria – sete vezes citada - a frase “*truth is, sometimes I miss you so much I can hardly stand it /a verdade é, algumas vezes eu sinto tanto a sua falta que acho que não vou aguentar*”, proferida por Jack à Ennis como forma de expressar o quanto sentia sua falta nos períodos em que não se encontravam na montanha. A frase proferida pela personagem Alma ao ex-marido Ennis acerca de seu amante e suas idas à montanha para com a desculpa de pescarem foi citada duas vezes: “*Jack Twist...Jack Nasty!!! you didn't go up there to fish!*”. Outras quatro frases foram citadas apenas uma vez: “*if you can't fix it, you've got to stand it*” – de Ennis para Jack expressando sua conformidade acerca das limitações de seu relacionamento -; “*mulheres não se apaixonam por divertimento / woman don't fall in love with fun*” – de Cassie para Ennis em um reencontro depois do final do relacionamento deles e logo após ele dizer que ela não se divertiu muito durante aquele período -; “*you bet!*” – única frase que Ennis escreve no cartão postal em resposta ao cartão enviado por Jack, quatro anos depois de terem se conhecido no trabalho de pastoreio na montanha, perguntado se poderia visita-lo -; e “*Jack, I swear...*” – última frase do filme proferida por Ennis.

### **“Qual a melhor cena do filme pra vcs???” e “a cena que eu achei mais linda foi...”**

O tópico “qual a melhor cena do filme pra vcs???” foi criado em fevereiro de 2006, no dia de lançamento do filme no Brasil, e estimula os membros a escolherem dentro do filme as suas cenas favoritas. Foram resgatadas 146 respostas das 237 originalmente registradas no site, com participação de 131 pessoas, sendo 92 do sexo masculino – 10 perfis “fake” – e 39 feminino – cinco “fake”. No total, foram listadas pelos membros que participaram do debate do tópico um total de 29 cenas especificadas e uma que não foi possível especificar, levando-

se em conta que, muitos dos interagentes citaram mais de uma cena. Um dos membros chegou a listar 10 cenas de todo o filme que ele considerava como as melhores.

No cômputo geral a cena mais citada – 33 vezes - foi aquele em que Ennis, o principal protagonista do filme, encontra no quarto de Jack na residência dos pais deste, em uma fresta atrás do guarda-roupa, as camisas deles, uma dentro da outra, que usaram no último dia do trabalho de pastoreio deles na montanha que dá nome à obra cinematográfica. A segunda cena mais citada – 30 vezes – foi a do reencontro dos dois protagonistas quatro anos depois de terem trabalhado juntos no pastoreio de ovelhas, em que eles acabam se beijando intensamente. A segunda vez que Jack e Ennis mantém relações, depois da intensidade da primeira na noite anterior que dá lugar a calma e ternura entre eles, foi cena seguinte mais citada, por 21 membros da comunidade. A cena final de “O segredo de *Brokeback Mountain*”, quando se vê as camisas anteriormente encontradas por Ennis no quarto de infância de Jack, dessa vez em posições invertidas penduradas ao lado de um postal da montanha em que trabalharam juntos seguida da frase “*Jack, I swear...*” proferida por Ennis que tem os olhos lacrimejantes, foi citada 18 vezes nas interações. A cena de confronto entre Jack e Ennis em seu último encontro na montanha, em que o segundo desabafa e acaba emocionalmente devastado tendo que ser amparado pelo primeiro, foi citada 16 vezes. A mesma cena do beijo que os protagonistas trocam no reencontro depois de quatro anos que se conheceram na montanha, mas ressaltando a mulher de Ennis vendo-os, foi citada nove vezes. A cena da primeira relação sexual de Ennis e Jack esteve entre as melhores citadas por sete pessoas; a recepção da mãe de Jack a Ennis, quando este vai tentar pegar as cinzas de seu amante morto para levar para a montanha em cumprimento ao seu desejo esteve entre as melhores cenas para seis membros. Duas cenas foram citadas cinco vezes: quando Jack volta decepcionado e dirigindo aos prantos depois de se encontrar com Ennis que havia se separado de sua esposa, achando que poderiam ter mais liberdade a partir de então; e Jack, no último encontro na montanha, se lembrando do momento de carinho do período em que estiveram ali pela primeira vez quando Ennis o amparou quando ele quase dormia em pé diante da fogueira. Duas cenas foram lembradas quatro vezes: a em que Ennis demonstra seu ciúme quando Jack confessa que já esteve no México; e Ennis quase vomitando e dando socos na parede logo após se despedir de Jack ao final do trabalho deles na montanha. A cena em que Ennis demonstra sua ansiedade esperando a visita de Jack depois de quatro anos que estiveram juntos na montanha foi citada três vezes, mesma quantidade de pessoas que citaram apenas Alma vendo os dois se beijando. O diálogo em que Ennis e Jack falam laconicamente sobre a primeira relação sexual na noite anterior, em que o primeiro diz que não é “*queer*” e o

segundo dizendo que nem ele e que ninguém precisava saber o que haviam feito, foi a cena citada por dois membros da comunidade, mesma quantidade de pessoas que citaram a cena em que os dois são vistos por Aguirre, o contratador deles no serviço de pastoreio, entre brincadeiras enquanto estão na montanha; e também a cena em que Alma confronta seu ex-marido na cozinha a respeito de seu envolvimento com Jack enquanto eram casados; e a cena em que Ennis, ao conversar com a viúva de Jack, imagina-o sendo espancado até a morte.

Outras 11 cenas foram citadas apenas uma vez: a cena silenciosa em que se encontram no início do filme; Jack descascando batatas de frente pra câmera e Ennis trocando de roupas em segundo plano; Jack limpando o ferimento da testa de Ennis com o lenço que tirou do bolso; quando Ennis usa saliva para lubrificar na primeira penetração com Jack; a despedida dos dois depois do trabalho na montanha; Jack no México encontrando garoto de programa; quando Ennis pergunta se Jack tem alguma ideia melhor para situação deles e ele diz que já teve anteriormente; quando Jack diz que sente tanta falta de Ennis que mal consegue suportar; Jack confrontando o sogro que o menosprezava; Ennis lendo o postal enviado a Jack que retorna com o carimbo de "falecido"; e Ennis sabendo pelo pai de Jack de seus planos de trazê-lo para ali.

Três pessoas citaram cena de beijo entre os protagonistas sem, no entanto, especificar qual delas; enquanto outras seis elogiaram o filme como um todo, mas não escolheram nenhuma cena em específico.

Outro tópico que tem praticamente a mesma funcionalidade que o anterior é o “*a cena que eu achei mais linda foi...*”, criado em quatro de janeiro de 2009, coincidindo com a primeira exibição do filme na Rede Globo, e que rendeu participações por apenas dois dias, contando com a participação de 23 pessoas, sendo 18 homens – um com perfil “*fake*” – e cinco mulheres – duas com perfil “*fake*”. A cena do reencontro entre Ennis e Jack quatro anos após terem trabalhado no pastoreio na montanha foi mencionada cinco vezes entre os participantes do sexo masculino e uma vez por uma do sexo feminino. A segunda cena mais citada, por quatro participantes, foi a sequência final, com Ennis tendo as camisas penduradas na posição invertida à forma como havia encontrado anteriormente – a de Jack por dentro e a dele por fora – ao lado do postal da montanha Brokeback; e a em que Ennis encontra as camisas veio logo em seguida com três menções. Houve duas menções a outras duas cenas, por participantes do sexo masculino: a reação de Ennis quando Jack vai embora logo após o final do trabalho deles na montanha, quando em um beco ele passa mal, quase vomita e dá socos na parede; e quando eles entram em conflito no último encontro deles na montanha. Uma cena na barraca na noite após a primeira relação sexual entre os protagonistas, quando

agem ternamente e Ennis deita a cabeça sobre o peito de Jack, foi citada por duas pessoas, uma de cada sexo; assim como a cena em que Ennis abraça por trás e começa a embalar Jack que estava de pé e sonolento da fogueira acesa. A primeira relação sexual que dos dois protagonistas dentro da barraca na montanha foi citada por uma participante do sexo feminino e outras três cenas foram citadas uma vez cada uma por interagentes do sexo masculino: quando Ennis demonstra seu ciúme por saber que Jack havia estado no México; quando Jack dirige chorando de volta de seu encontro com Ennis que preferiu ficar com as filhas; e quando Ennis descobre por telefone como Jack havia morrido e que queria suas cinzas espalhadas na montanha Brokeback.

### ***“Qual momento vcs não gostaram?”***

Esse tópico dentro da área de fórum da comunidade, assim como os demais, também perdeu parte das colaborações dos participantes das interações, caindo das originalmente registradas 46 respostas para 28, incluindo aí o próprio criador do tópico. Assim, sabemos a pergunta principal – *“qual momento vcs não gostaram?”* – através do registro do tópico exclusivamente, que tem sua primeira contribuição em 17 de julho de 2006 e a última em 29 de setembro do mesmo ano, com participação de dez pessoas do sexo masculino – dois deles com perfil *“fake”* - e 14 do feminino – três *“fakes”*.

Foram duas as sequências do filme mais citadas pelos membros da comunidade entre as que eles menos gostam no filme, ficando muito acima das respostas seguintes, e ambas relacionadas à traição. Depois dos encontros furtivos dos personagens principais do filme se tornarem mais raros e complicados de ocorrerem, em uma sequência que mostra o personagem de Jack com sua esposa, Lureen, em um baile com outro casal e quando ele fica sozinho com o outro marido, chamado Randall, esse novo personagem acaba flertando com Jack. Se esse flerte teria sido ou não correspondido, descobre-se muito mais à frente através das palavras do pai de Jack, após sua morte, quando Ennis vai tentar resgatar suas cinzas para jogá-las na montanha Brokeback como era de seu desejo. A cena do flerte de Randall foi citada por seis pessoas como o momento do filme de que menos gostaram.

Dentro da narrativa da obra cinematográfica, quando o entusiasmo de Jack ao saber da separação de Ennis faz com que ele percorra todo o caminho até ele em evidente otimismo de que poderiam finalmente ficar juntos por mais tempo e sem as limitações de anteriormente é frustrado por um Ennis ainda mais titubeante quanto a perda do escudo do matrimônio e os riscos de ter a furtividade de certos aspectos sexuais de sua vida evidenciados; diante do recrudescimento de seu companheiro que o rejeita com veemência naquele instante, Jack

cruza a fronteira do México à procura de satisfação sexual com prostitutas. A sequência de Jack no México foi citada também por seis pessoas como o momento de que mais desgostam no filme. Um dos participantes – do sexo feminino - que a citaram, inclusive justifica afirmando que sequência “*fez muita gente pensar que o Jack só tinha tesão e não amor pelo Ennis e que qquer um servia*”. A cena específica em que Jack, ao contrário da alegria da ia ao encontro de Ennis, volta dirigindo em prantos, foi citada por dois membros da comunidade.

Durante a narrativa cinematográfica, Ennis e Jack se comunicam à distância praticamente apenas através de cartões postais. E é dessa forma que sabe-se, à priori da morte de Jack, quando Ennis recebe de volta um postal enviado por ele ao segundo protagonista, com o carimbo dos correios de “falecido”, fazendo essa sequência ser citada por dois dos participantes desse tópico. A recusa do pai de Jack em permitir que Ennis levasse suas cinzas para que fossem espalhadas na montanha Brokeback, cumprindo seu desejo expresso, foi citada por outros dois participantes.

Cinco momentos distintos do filme foram citados uma vez cada pelos demais participantes das interações desse tópico: a morte de Jack, mesmo que ela não tenha sido realmente mostrada; a atitude desdenhosa de Aguirre, o contratante de pastores do início do filme quando do retorno de Jack em busca de emprego; a cena em que Cassie, a moça com quem Ennis se envolve depois que se separa de Alma, pedindo-lhe explicações sobre suas atitudes; Alma vendo Ennis e Jack se beijando; e “*quando filme acaba*”.

### ***“Sou conservador por essa cena?”***

Com um filme com a temática proposta desde o início e com a abordagem adotada pelo diretor e produtores, algumas cenas podem representar certo desconforto à quem assiste, principalmente àqueles que nunca tiveram oportunidade de assistir a uma abordagem tão direta quanto à alguns aspectos da atração entre personagens homossexuais, o que é até compreensível uma vez que o assunto “beijo gay” e as interdições da tv aberta no Brasil sempre trazendo-o à tona, não raro, cercado de polêmicas, que mais servem de marketing para divulgação de obras de teledramaturgia. No caso específico do filme em questão, muito se comentou da suposta “cruza” de algumas cenas em que se demonstra, principalmente, um aspecto de urgência na atração surgida entre os dois protagonistas e a forma como isso é abordado e mostrado na primeira cena de relação sexual entre eles, na barraca do acampamento. O assunto, como era improvável deixar de ser, surgiu também nos tópicos do fórum de discussão da comunidade por um de seus membros que justamente lança como pergunta principal “*sou muito conservador para essa cena?*”. Ao se justificar, o autor da

pergunta, do sexo masculino, argumenta: *“não sei, mas sempre que assisto o filme com meus amigos a primeira cena de sexo que tem entre eles dois pra mim é muito pesada, não consigo nunca digerir, nem gosto de ver, estou sendo muito conservador, ou não é somente eu que tem essa cena como muito pesada?”*.

Desse tópico foram resgatados 15 das 20 repostas registradas, constando participação nas interações de seis pessoas, três homens e três mulheres, sendo uma delas utilizando perfil *“fake”*. Apesar da pouca participação, dos membros que nele se manifestaram, vários o fizeram mais de uma vez o que empregou bastante dinamicidade, sendo que todas as respostas ocorreram em apenas dois dias, 15 e 16 de novembro de 2006.

A primeira manifestação de outro membro da comunidade que não o criador do tópico foi justamente o de uma mulher que já alegou que para ela a cena não foi pesada, e que já teria visto *“cenas de sexo entre homens [...] mais explícitas do que essa”*, mas admitiu que *“esses conceitos são mesmo bastante pessoais”*. Logo após a primeira resposta, o autor da pergunta inicial retoma sua participação especificando que o que o havia incomodado não teria sido o *“modo explícito”* como a cena ocorre, mas a maneira como os personagens agem, segundo ele, *“se estivessem numa seca braba”*, mostrando que o membro da comunidade ignora o fato de que ambos já conviviam há algum tempo nesse ponto da narrativa do filme e de que estavam isolados, só contando com a companhia um do outro. Para complementar, o autor do tópico afirma que preferia que a cena transcorresse *“de um jeito mais ameno”*.

A maioria das participações posteriores foi no esforço de justificar a cena e abordagem supostamente crua da produção cinematográfica. Uma mulher, em seguida, reforça que a cena não *“aconteceu do nada”*, como havia sugerido antes um outro membro da comunidade, cuja participação se perdeu. Para ela, a cena e sua brutalidade foram consequências de atração que vinha sendo construída inconscientemente pelos protagonistas, desde a primeira troca de olhares do início do filme. Ela ainda cita uma cena que ocorre um pouco antes da primeira relação sexual na barraca em que o personagem Jack cuida do ferimento na cabeça de Ennis em decorrência da queda do cavalo que, para ela, foi um *“momento de carinho”*. *“Eles bebiam na mesma garrafa, conversavam, falavam de suas vidas, tudo coisas que parecem banais, mas é uma relação subliminar que vai se construindo. Tanto que qdo o Jack puxa a mão do Ennis, ele tava meio sonado. E a reação do Ennis, num foi de: sai prá lá ô meu!! Ele aproveitou a deixa”*, argumentou em seguida, respondendo então mais diretamente a pergunta inicial de que não acha que o autor do tópico seja conservador, completando: *“tenho um conhecido aqui da comunidade, que é gay e mora com o namorado e se assustou com cena. E*

*não foi por conservadorismo, foi por susto mesmo. E a cena em si é bruta, seca. O lado instutivo dos dois é a marca registrada daquele momento.”*

Um participante do sexo masculino intervém logo depois lançando dúvidas quanto a se a cena fosse entre pessoas de sexo diferente causaria o impacto que causou, alegando que a “*sociedade não está acostumada*” e esse tipo de imagem: “*não é q vc esteja sendo conservador... apenas não está acostumado a isso... e qndo viu axou constrangedor... PS: a maioria da sociedade tb axa isso! [...] já existia uma relação entre os dois desd o começo. Isso é fato!!! nda ali foi do nda... tudo foi consequencias!!!!*”.

Em resposta ao argumento do autor do tópico de que esperava algo mais ameno, uma outra participante opinou que pela forma como os protagonistas viviam, em especial Ennis, “*não dá pra imaginar que eles iam começar a namorar, que ia rolar um romance e daí a transa. Foi uma coisa instintiva, de momento, sem palavras porque se eles parassem pra uma palavra talvez a "coragem" pra mais iria pelo ralo. Analisando o contexto eu vejo uma lógica perfeita para as coisas terem acontecido daquele jeito*”. Mais à frente, ela ainda volta a opinar mais uma vez declarando que, se não tivesse sido dessa maneira, “*talvez não rolaria nunca*”: “*foi o pontapé inicial. Não tem muito o q entender*”. Reforçando esse discurso, uma outra participante ainda chama a atenção para o fato de que, se a atração entre eles fosse construída “*devagarinho*” e que a atração inicial fosse “*suavizada*” como se “*imagina que o amor de verdade deva ser retratado no cinema*” e o primeiro ato sexual dos protagonistas fosse como o da segunda vez, “*o filme seria levado pra outro lado e o Jack viraria o mocinho largado e o Ennis viraria o vilão aproveitador. [...] Existe antes atração e depois vira amor*”. Para corroborar, outro membro em seguida reafirma ter percebido demonstrações dos sentimentos que surgiam entre os personagens e que eles, no entanto, não eram demonstrados de forma verbalizada: “*as pssoas tm o costume d axar q o romantismos tá em palavras... e em todo momento eles provam q não é preciso palavras pra se demonstrar sentimentos!!! mais é normal q alguns se axem conservadores qnto a isso... tlvz não faça part da realidade dles e por isso tnham essa opnião!!!!*”.

Em uma complementação, duas integrantes da comunidade que já haviam interagido anteriormente no tópico, retomam suas manifestações com a primeira afirmando que “*a cena é forte porque envolve sentimentos incompreendidos que os surpreenderam, daí a intensidade do ato, o desejo violento conforme ocorreu*”; e a segunda sentenciando que “*não dá pra racionalizar o que não foi feito por obra da razão*”. A primeira retoma a construção do pensamento acrescentando algo que agrega muito valor ao discurso de todo o tópico: “*e mais... Não havia ninguém ou qualquer sinal da vida social ou comunitária que os*

*detivessem. Esse fato é importante porque atíça mais ainda o lado instintivo. O homem apartado das convenções impostas pela sociedade, no ambiente natural, tende a deixar afluir sua essencia. É algo como o fim dos limites da "aparência". O amor entre eles, que durou vinte anos, somente foi possível com esse distanciamento social”.*

### ***“Primeiro ato de amor depois carinho/profundidade?”***

O tópico “primeiro ato de amor depois carinho/profundidade?” é um ótimo exemplo do quanto se perde de conteúdo com a evasão de usuários que uma rede social que já foi tão gigantesca em número de acesso e como o Orkut perde com o cancelamento de contas que, por outro lado, poderiam simplesmente ser mantidas inativas por seus usuários. Apesar da perda não tão expressiva em comparação a outros tópicos, já que das 56 repostas registradas pelo sistema do site, no momento do resgate dos dados da comunidade foram encontrados 32 respostas remanescentes, a interpretação dos dados ali contidos foi terminantemente comprometida por conta da quebra de continuidade da discussão do tópico. Com primeira interação registrada em 27 de fevereiro de 2006 a 16 de fevereiro de 2008 e participação de 17 pessoas – oito homens, um com perfil “fake”, e sete mulheres, duas com perfil “fake” -, todo o início do debate no tópico se dá através de complementação, ao se é possível observar, já a partir da argumentação inicial para justificar a abertura do tópico. Essa argumentação, no entanto, foi perdida porque não há mais a postagem inicial de quem criou o tópico, provavelmente, por cancelamento do perfil do usuário que o havia criado. O primeiro registro de respostas já começa citando o nome de uma pessoa, do sexo feminino, sem qualquer possibilidade inclusive de se saber se teria sido ela a criadora do tópico. O segundo registro de resposta só agrava mais a situação pois a participante cita no decorrer de sua manifestação três nomes femininos, dois deles que anteriormente teriam postados suas respostas que não foram encontradas na coleta dos dados, e o terceiro nome, apesar de coincidir com a primeira manifestação resgatada, menciona um conteúdo que não existe e que, portanto, leva a crer que pertencia ou a outra pessoa ou que havia sido apagado também. Como as manifestações que se seguem a partir desse ponto dão continuidade às discussões anteriores do tópico, seja em concordância ou discordância, seja na continuidade do que já teria sido dito, a análise desses dados foi irremediavelmente comprometida a ponto de tornar impossível a utilização dos dados coletados com esse tópico.

### ***“Cena do reencontro 4 anos depois”***

Um tópico que pode facilmente se somar a outro que convocava os membros da comunidade e manifestarem qual essa sua cena favorita do filme. Este, no entanto, foca-se em uma cena específica, a do primeiro reencontro dos protagonistas depois de terem se conhecido e envolvido enquanto trabalharam no pastoreio junto à montanha Brokeback. Intitulada “*cena do reencontro 4 anos depois*”, o tópico foi criado em 12 de fevereiro de 2006, durou praticamente apenas um mês e contou com 29 participantes – 15 do sexo masculino e 14 do feminino, com um “*fake*” de cada – em 33 respostas resgatadas. Criado por uma integrante da comunidade do sexo feminino e de perfil “*fake*”, além do nome do tópico sua argumentação se resume a apenas a: “*gente, o que foi aquilo?*”. Seguiram-se vários comentários sobre a cena em si e emissões de opiniões. A manifestação mais frequente foi a de que essa foi e melhor e/ou mais linda cena do filme, normalmente acompanhada de elogios à atuação dos atores. Outros três interagentes declararam ser uma das melhores cenas do filme: “*até hoje não esqueço da ansiedade e inquietação de Ennis ao aguardar a visita de Jack após 4 anos sem se ver. Quando Ennis vê o carro de Jack estacionando em frente à sua casa, foi como se uma luz se acendesse dentro dele, como se a vida ganhasse um novo brilho. Quando Ennis desce correndo as escadas e dá aquele abraço apertado em Jack, fica bem claro a dor de ter de viver longe da pessoa a quem se ama*”. Duas pessoas, ao comentar a cena, apenas elogiaram as atuações dos atores; enquanto outras duas afirmaram que para elas é uma das cenas mais emocionante do filme; uma pessoa afirmou que a cena é a mais tocante e outra limitou-se a ressaltar que achou a cena perfeita e acrescentou: “*saudade, tesão, amor, amizade... tudo misturado numa fúria que se consumia a 4 anos de distância... Que beijo!!! Fiquei de pernas bambas, espero que um dia um homem olhe pra mim daquele jeito*”.

### **“A cena da Alma vendo o beijo – trágica ou cômica?”**

Das muitas cenas que os membros da comunidade proclamam nos tópicos como marcantes, uma delas suscita controvérsias quanto ao seu teor/tom quando se leva em conta as reações que ela provoca no espectador chegando a inspirar a criação de um tópico exclusivamente para debater o assunto. “A cena da Alma vendo o beijo – trágica ou cômica?” refere-se a sequência em que a esposa de Ennis o vê beijando Jack no reencontro dos protagonistas quatro anos após terem se conhecido e se envolvido enquanto pastoreavam ovelhas. Criado dois dias depois do lançamento do filme nos cinemas brasileiros, o criador do tópico argumentou de tal forma a incitar os membros a se manifestarem se os demais acharam a cena cômica ou não e como teria sido a reação do público na sessão em que assistiram ao

filme. Foram 37 participantes, sendo 25 do sexo masculino – um “fake” – e 12 do feminino – três “fake”.

No posicionamento pessoal, a minoria – quatro pessoas - afirmou que achou a cena cômica e uma interagente ainda culpou o diretor por isso: “*eu achei a atuação da Michele Williams no filme brilhante, que isso fique bem claro. Mas acho que houve um erro de timing aí. Pois uma cena que era para ser dramática acabou sendo involuntariamente cômica. A direção pecou um pouco nesse momento*”. Mas a maioria – 17 – não achou a cena cômica e muitos declararam que, pelo contrário, acham-na bastante trágica: “*claro que foi trágico pra ela, a situação dela não foi fácil mesmo, imagine alguém em 1967 por aí, vendo seu marido com outro cara. Mas foi a cena mais feliz ao mesmo tempo, eles dois se reencontrando, sem resistir e aos beijos ali mesmo fazendo o que todo mundo teria vontade de fazer estando naquela situação*”. Houve um dos interagentes que inclusive reagiu de forma bem diferente com a cena: “*eu chorei muito c a dor dela! Na verdade eu chorei e ri o filme todo! Mas akela cena me deu um calafrio taum grande! Eu me senti na pele dela, uma mãe de família vendo tudo q ela construiu ir por agua abaixo. Foi cortante!*”. Quatro pessoas afirmaram que a cena é tragicômica, misturando as duas sensações; enquanto uma pessoa reconheceu que a cena é trágica, mas mesmo assim riu quando a viu no cinema.

Apesar da expressiva diferença de opinião dos membros da comunidade sobre se a cena era trágica ou cômica, pendendo mais fortemente para a primeira opinião, as reações do público nas salas de cinema relatadas foram diferentes, já que sete pessoas afirmaram que o público não riu na referida sequência, enquanto outros 10 presenciaram muitos risos nos cinemas em que foram ver o filme. As opiniões dos membros da comunidade sobre a reação do público foram do radicalismo – “*não dá pra se enganar com as risadas. Aquela cena, na minha opinião, é o que dá o maior argumento para homofóbicos matarem... A família!*” – ao mais ponderado – “*quando assisti, muitas pessoas riram do choque que a Alma teve. Mas é até compreensível. A cena anterior que mostra a espera sufocante do Ennis, depois a chegada do Jack, o abraço intenso e finalmente o beijo, vai num crescendo de tanta tensão que as pessoas tinham que se manifestar de alguma forma. E o riso veio espontaneamente, eu acho*”.

### **“Quem matou Jack”**

Além da frase e cena final de “O segredo de *Brokeback Mountain*” que, de certa forma, ocorrem de forma a darem ao espectador múltiplas interpretações e, assim sendo,

também influenciou muita discussão à respeito na comunidade criada para agregar admiradores do filme e possibilitar discutir vários aspectos da obra cinematográfica, também a morte do segundo protagonista do filme não é plenamente esclarecida dentro da sua narrativa e, por conta disso, inspirou a criação do tópico “*quem matou Jack?*”. Com 155 das originais 284 respostas resgatadas na coleta de dados, o tópico aberto no início de fevereiro de 2006 teve longevidade até março de 2010 com participação de 100 pessoas, das quais 79 homens – seis deles com perfis “*fakes*” – e 21 mulheres – dois perfis “*fakes*”. O próprio autor do tópico parece ter certeza de que o personagem ter sido assassinado, apesar da esposa relatar um acidente em que o pneu da caminhonete teria estourado e atingido seu rosto enquanto ele o enchia, e ainda lança possíveis responsáveis pela morte: o sogro, “*o marido da amante dele*” e até sua esposa.

Por conta da multiplicidade de respostas e opiniões surgidas durante o debate, foram classificados 13 tipos diferentes de respostas dadas à pergunta principal. A resposta/opinião que mais aparece por parte dos membros da comunidade – 20 participantes – é que a causa da morte de Jack teria sido em consequência do próprio preconceito da sociedade e/ou a homofobia pois, uma vez revelada a homossexualidade do personagem, isso teria levado à sua morte, seja assassinado ou mesmo em decorrência do tipo de vida escusa e necessária para vivenciar sua sexualidade. Para 12 dos membros da comunidade, no entanto, não teria havido assassinato e a narrativa da esposa sobre o acidente teria sido o que realmente ocorreu, com o *flash* de imagens do suposto assassinato não passando de uma construção da imaginação de Ennis surgido à partir do trauma de infância quando o pai levou-o para vislumbrar o corpo de um homossexual assassinado como exemplo. A esposa teria sido a mandante do assassinato para nove membros e outros nove acham que havia sido o sogro de Jack. Em meio às discussões, sete pessoas defendiam a posição de que a resposta para a pergunta era irrelevante diante da narrativa do filme; duas pessoas afirmaram que para elas Jack havia sido assassinado por garotos de programa com quem costumava sair, mais duas opinaram que ele havia sido morto pelo homem com quem ele estaria saindo no período; para outros dois a morte foi resultado da ação conjunta entre sua esposa e seu sogro; e outros dois afirmaram achar que quem o teria matado era Aguirre, o empregador que contrata Jack e Ennis no início da narrativa fílmica. Apenas uma pessoa afirmou que achava que o responsável pela morte de Jack teria sido seu próprio pai, e para outro interagente a ausência de Ennis foi o que teria figurativamente resultado em sua morte. Diante de declarações explícitas e de exposição das múltiplas possibilidades que observavam nas suas postagens, um total de 11 pessoas

demonstraram não saber quem teria matado realmente Jack e, por consequência, não saberem responder à pergunta inicial do tópico.

***“Só eu queria um final feliz?”***

O tópico “*só eu queria um final feliz?*” foi criado um dia depois da data de lançamento do filme no circuito comercial brasileiro – três de fevereiro de 2006 – e perceptivelmente seu criador o fez por inconformidade com o final original do filme – que é bem parecido com o do conto em que ele é inspirado. Expressando em vários momentos estar deprimido com relação ao final da história presenciada por ele na sala de cinema – apesar de ressaltar que tivesse gostado muito da obra cinematográfica -, o autor do tópico o concebeu buscando saber se a vontade de que os dois personagens principais do filme terminassem juntos era compartilhada por outros membros da comunidade e por isso perguntou ao final de sua declarada primeira postagem se “*mais alguém também era a favor de um final feliz?*”. Dos dados coletados, houve participação de 19 homens e duas mulheres, com um participante de cada gênero usando perfil “*fake*”. Na classificação das respostas apresentadas, quatro outras pessoas declararam que queriam um final feliz, mas o dobro, oito participantes, se expressou negativamente à pergunta inicial afirmando preferirem o final da forma como foi apresentado. Muitas pessoas que foram contrárias à posição do criador do tópico, no entanto, não deixaram de argumentar acerca de seu posicionamento. Um deles argumenta: “*se o final fosse feliz, ele ia ter aquele conteúdo todo que ele passa, como aquele "Jack, I swear" no fim? Não seria tão impactante quanto o real final, não acham? Pelo menos é o que eu penso... Um final feliz seria ótimo, claro, mas não sei se seria tão bom quanto esse...*”. Mais adiante, outro participante ressalta ainda que o final do filme é bom por ter justamente o poder de fazer o espectador pensar: “*será que vale a pena nos atermos às pressões e aos controles da sociedade quando se trata de amor verdadeiro? Ennis sentiu isso na pele e o espectador entende seu sofrimento, isso é o que faz o filme ser tão forte e impactante*”; no que outro interagente completou em seguida: “*acho que as pessoas irão pensar na própria vida, naquilo que foi deixado pra trás. Bem, eu estou assim agora*”. As análises sobre possibilidades, normalmente inviáveis, se seguem no decorrer das interações e um dos participantes chega a sentenciar que “*é difícil imaginar um final feliz depois que você desce a montanha*”, e outro participante ainda ressalta que “*um relacionamento entre dois homens que tem a duração de mais de 20 anos não precisa de final feliz*”. A discussão desenvolveu-se bastante na mesma data de sua criação, tanto que, no mesmo dia, depois de muitas participações e expressões de argumentos, o seu criador parece

ter mudado sua linha de pensamento: *“ah gente, tudo bem vai, merece ser do jeito que é pra causar o impacto que está causando etc”*.

### 3.1.2 Subjetividades

Nesta segunda parte da tarefa de escrutínio dos dados colhidos nas interações entre os membros da comunidade na área de fórum, o foco será voltado para perguntas lançadas ou afirmações que remetem a posicionamentos bastante pessoais de percepção e instigam seus participantes à concentração em subjetividades como respostas, o que tornam as informações postas mais difíceis de serem categorizadas para a qualificação e quantificação dos resultados.

#### ***“Sobre a última frase do filme”***

A enigmática e simbólica última cena do filme, tanto na sua construção visual quando na frase final – ambas contidas no conto que, no entanto, se estende um pouco mais – foi abordada várias vezes em outros tópicos, mas inspirou a criação de um exclusivo intitulado “*sobre a frase final*”, por um membro da comunidade, do sexo masculino, rendendo muito discussão e igualmente muitas terias. Criado em 31 de janeiro de 2006 e com interações até o final de fevereiro de 2010, o tópico tem registrado 104 respostas, com 63 delas resgatadas no momento da coleta de dados para a pesquisa. Dos participantes, 33 são do sexo masculino, quatro dos quais com perfil “*fake*”, e 12 do feminino, com um “*fake*” entre eles.

Entre as perdas de dados em decorrência do cancelamento de perfis, está também a do criador do tópico, o que impediu de conhecer os argumentos dos quais fez uso para expor suas impressões e a forma com que teria convidado os demais membros a se manifestarem. No entanto, dentro das muitas respostas foram classificadas de acordo com um padrão observado de 11 respostas distintas entre os participantes: uma jura de amor eterno; jamais esquecer o personagem falecido; viver intensamente; um “*eu te amo velado*”, várias coisas juntas; jogar as cinzas na montanha; não contar para ninguém o que viveram; montar uma fazenda na casa dos pais de Jack; protege-lo e guarda-lo figurativa e simbolicamente com as camisas; não deixar o medo ferir a quem ele ama e a si mesmo; e não entendeu.

Para 17 dos participantes que interagiram no tópico a frase final simboliza uma jura de amor eterno de Ennis por Jack; cinco pessoas acham que a frase tem um significado mais amplo, englobando também várias respostas citadas; outros quatro optaram pela teoria de que frase expressa que Ennis passará a viver mais intensamente. Para dois participantes com a frase Ennis promete que jogará as cinzas de Jack na montanha como era seu desejo expresso; dois interagentes acham que a frase expressa a decisão de Ennis de não deixar mais o medo ferir quem ele ama nem a si mesmo; enquanto outros dois afirmaram que não entenderam a cena e/ou a frase. Das opiniões que não encontraram pares no tópico de discussão, com apenas um membro da comunidade mencionando-o ficaram as teorias de que o significado

seria um “*eu te amo velado*”; não contar para ninguém o que viveram; de que Ennis queria dizer com aquilo que iria proteger e guardar Jack no sentido figurativo com as camisas; e um outro participante acha que com a frase final “*I swear*” Ennis promete que irá a casa dos pais de Jack para montar um fazendo como era do desejo dele antes de sua morte. Das respostas elencadas, dois membros da comunidade optaram pela combinação de duas delas, sendo que um afirmou que a frase simbolizada o amor eterno declarado junto com a promessa de jamais esquecê-lo; enquanto outro era jamais esquecê-lo com a promessa de também passar a viver intensamente.

### ***“A filha da putice com as esposas”***

Este tópico de fórum aberto para discussão dos membros da comunidade é um bom exemplo de uma opinião coletiva construída colaborativamente, com múltiplos sujeitos - 15 homens e duas mulheres; aberto em 30 de janeiro de 2006 e última participação em 15 de junho do mesmo ano - opinando sobre um assunto dado em que cujas participações, para além da mera concordância ou discordância dos participantes, ocorre constantemente uma análise em que se somando respostas, têm-se um todo opinativo na construção de um discurso coletivo que reflete a opinião de muitos ao mesmo tempo. Uma vez que a pergunta principal e as secundárias lançadas pelo autor do fórum consistiam em formato aberto, possibilitando discursos múltiplos, observa-se a retomada de discursos de participantes anteriores que ocasiona complementação e avanço na mesma linha de pensamento que oferece a quem o acompanha um resultado bastante completo e interessante que, ao contrário de questões mais amplas que podem ser mais facilmente quantificadas em itens mais óbvios nas respostas, remete à necessidade de consideração de múltiplas respostas para a consideração de uma resposta que possa ser tomada realmente por completa.

O que está posto na argumentação inicial do autor do tópico fórum é a posição das duas esposas dos protagonistas principais do filme, Alma e Lureen. “*Elas mereciam o que receberam? Um grande amor é bom motivo para mentir assim para esposa e filhos? O que será que ambos sentiam pelas esposas?*”.

Assim como observado em questão tão complexas quanto, as lançadas nesse fórum também acabaram tendo uma participação mais restrita diante da necessidade de uma argumentação mais elaborada, mas que nem assim deixou de apresentar resultados que se somam e complementam na construção da opinião dos sujeitos, seja com contribuição mais veemente, seja com a mera manifestação de concordância.

Já nas primeiras respostas surgem posicionamentos acerca da necessidade de se deixar de lado os moralismos idiossincráticos na avaliação da situação das personagens conforme a propositura inicial das perguntas lançadas, coisa que se segue em algumas opiniões que acabam por concomitar com essa, em defesa do argumento de que não seria possível julgá-los dentro de parâmetros de “certo ou errado”. *“Acho que a gente não deve ficar com moralismos em cima do relacionamento dos personagens com suas esposas. Não tem certo ou errado. Quando terminei de assistir o filme, passou pela minha cabeça que naquelas condições, tudo na vida deles não tinha como ser diferente. A situação de todos na história era sufocante. É pra isso que servem certas convenções sociais... inúteis!”*, opinou um dos participantes (do sexo masculino), que se seguiu de manifestações de concordância por parte de outros.

No crescendo da discussão, pouco depois um participante ressalta o fato de que Ennis, o protagonista sobre o qual na narrativa do filme ocorre, não trai sua esposa Alma até que volte a se encontrar com Jack, quatro anos depois do vivido na montanha Brokeback, o que demonstraria sua disposição à fidelidade para com a esposa. Ela, no entanto, soube logo de pronto dessa traição e, dessa forma, não teria sido necessariamente enganada: *“até o Jack voltar, o Ennis não "traia" a Alma. E quando voltou, a Alma viu os dois se... atacando! Pois é, ele não enganou ninguém. A mulher do Jack era rica e esperta. Se ela tinha um casamento medíocre, foi porque quis. Mulher não é idiota, gente... não as tratem como tal. A manutenção de um casamento falido pode ser conveniente pra algumas mulheres”*, argumentou um participante do sexo masculino, mas de perfil “fake”.

Mesmo quando da não concordância/aceitação da traição em si por parte dos interagentes, há o reconhecimento das implicações sociais dos períodos e lugares retratados na trama do filme que auxiliam no reconhecimento da inevitabilidade dos fatos que decorrem na narrativa: *“se levarmos em conta a história como um todo, não analisando isoladamente o fato "traição", mas sim, ponderando a sociedade, os costumes e os valores da época, um pouco piores do que os de hoje, podemos tentar compreender, ainda que não aceitemos...”*, participou um perfil “fake” membro da comunidade. A linha de pensamento foi seguida por outro participante, do sexo masculino, que ressaltou que a matriz das convenções também devem ser levadas em conta na análise das atitudes das personagens: *“não foi só moralismo, mas também convenções. Acredito que todos tenham sido vítimas. Eles, de uma sociedade que punia quem ousasse transgredi-la (vide o caso dos dois parceiros que viviam num rancho próximo ao rancho onde o Ennis foi criado). Elas [as esposas], de uma sociedade que exigia que mulher casasse e compunha família: a Alma por exemplo, dona de casa, reprodutora, mãe. Ou seja, todos cumpriam o seu papel dentro da sociedade. Penso que a esposa do Jack*

*hoje, talvez nem casasse. Seria uma mulher de negócios, forte, não interessada em ser mãe ou esposa. para mim, ficou claro que na relação dos dois, o lado sensível (ligado ao papel da mulher), está no Jack: aquele que se interessa pelo desenvolvimento do filho, que cuida da casa, etc”.*

E, como era de se esperar, houve ainda manifestações que traçaram paralelo com as limitações da expressão do relacionamento dos personagens do filme, com suas interdições relacionadas a tempo e espaço, com situações que se repetem ainda nos tempos atuais: *“viver de aparências. Ainda hoje o valor maior é o que se aparenta ser, ter. Mais de 40 anos depois da estória ter começado, os dramas acontecem ainda nos dias de hoje. Quantos Jacks querendo se libertarem?! Quantos Ennis tentando se esconderem em aparências?! E com isso pessoas se tornam infelizes com elas mesmas e fazendo, ao seu redor, mais pessoas infelizes. Alma e Lureen são vítimas. Ao mesmo tempo são culpadas, por causa da sociedade em que vivem e que determina o que temos que ser e viver”*, opinou um participante do sexo masculino. Complementando essa linha de pensamento, um outro participante, do sexo masculino, ainda acrescentou que na narrativa vista no filme *“todos são "vítimas" dos preconceitos da sociedade machista e hipócrita que ainda esta se transformando, mesmo com uma sensível melhora... Por isso a mensagem final, que Ennis demorou a entender: viver a vida de verdade!!!”*.

Mais adiante, outro participante, do sexo masculino, acrescenta: *“acho que se formos procurar culpados cairíamos na hipocrisia. Sou contra a traição, mas é difícil julga-los. Só eles sabem o medo de ser discriminados, o medo que seus pais colocaram em suas cabeças, ser diferente, excluído, etc. [...] Acho que só a maturidade moral da sociedade pode melhorar. É o que esta acontecendo hoje. muitas pessoas tem preconceitos, não entendem, mas estão aprendendo a conviver e aceitar. Não esta perfeito, falta muito ainda, mas é um começo”*.

Depois das opiniões compiladas, na ordem em que se apresentaram dentro do fórum, um outro participante, do sexo masculino, consegue fazer a ponte entre as duas discussões, a relacionada a questão temporal da narrativa fílmica, com a mensagem final que encerra a obra cinematográfica: *“o preconceito vivido pelos personagens realmente existiu. Acho que não temos a menor ideia do que um homossexual passava naquela época. Ennis lidava muito mal com sua homossexualidade, e a maior prova disso está no fim do filme, foi necessário ele perder o amor da vida dele para poder cair na real. Levando tudo isso em consideração, acho que eles não têm culpa de terem traído. Jack tem menos culpa ainda, porque ele sempre esteve aberto a um relacionamento estável com Ennis, já que pra ele era mais fácil lidar com*

*sua condição. O sofrimento das mulheres não é justo, mas também não seria justo separar Jack e Ennis”.*

No decorrer da discussão aberta nesse fórum acerca da posição das esposas dos protagonistas do filme, foram poucas as vozes discordantes frente às argumentações construídas nesse processo coletivo. A mais tenaz, em contraponto a participação quase maciçamente masculina, foi justamente de uma participante do sexo feminino que fez uso de um perfil “fake”, que parece ainda fazer menção a uma outra participação no fórum que foi perdida, provavelmente por conta do cancelamento do perfil do autor do posicionamento citado: *“é como um homossexual desses aí comentou... Danem-se as esposas!!! Eles querem mesmo é dar o rabo!!! Dane-se o amor!!! Dane-se os sentimentos das esposas!!! É assim que pensam todos os homossexuais!!! Se querem queimar a rosca... Que queimem. Mas deixem as mulheres amarem homens de verdade em paz!!! Não sejam covardes!!! Não façam as mulheres infelizes junto com vocês!!! Não se escondam atrás delas!!!”.*

Se aqui se tem na compilação das interações de sujeitos uma boa mostra da construção da opinião de um diversificado grupo de indivíduos, assim como de algumas vozes discordantes demonstrando, e assumindo até, suas limitações quando está em cena os valores morais estabelecidos, esse tópico da área de fóruns da comunidade elencada para a pesquisa, por outro lado, também serve de um bom exemplo do quanto se perde de conteúdo e da necessidade de recuperação das informações o quanto antes, já que das 71 respostas apontadas pelo site à complexa pergunta inicialmente lançada, apenas 28 remanesciam quando do resgate das interações no início da pesquisa. Hoje, com a tendência cada vez maior dos antigos usuários do cancelamento dos seus perfis, provavelmente o número de respostas remanescentes é ainda menor.

### ***“Eles não dizem “eu te amo””***

Mais um tópico criado para permitir aos membros da comunidade elucubrarem sobre o filme e sobre certos aspectos de sua estória. Nesse caso, o tópico *“eles não dizem “eu te amo””* segue de uma argumentação bastante sucinta de seu criador, limitando-se a lacônica pergunta *“e precisa?”* e a emissão de sua opinião: *“parece que o filme é um longo, belo e doloroso “eu te amo”, do começo ao fim”.*

Criado exatos 10 dias após o lançamento do filme no Brasil, ou seja, ainda dentro do período de maior repercussão midiática e de manifestações nas redes sociais, o tópico teve participação de 24 pessoas, sendo 13 do sexo masculino e 11 do feminino – três delas com perfil “fake”. A coleta de dados resgatou 30 respostas, sendo que haviam sido registradas 59

originalmente. Duas pessoas responderam diretamente à pergunta feita pelo criador do tópico, opinando que não precisava realmente que os personagens dissessem “*eu te amo*”. Foram quatro respostas que não encontraram pares dentro das interações do tópico: para os protagonistas, eles eram apenas amigos; eles usam outras palavras para expressarem o seu amor; 20 anos de relacionamento vividos por eles já é suficiente para demonstrar o amor; e o não dizer “*eu te amo*” tem a ver com as personalidades deles.

Dentro das interações, dois membros afirmaram que o filme todo pode ser considerado um “*eu te amo*”. A maioria dos interagentes, no entanto, manifestou-se afirmando que atos, ações e reações dos personagens Ennis e Jack demonstravam em vários momentos o quanto eles se amavam substituindo a necessidades de verbalizar a frase “*eu te amo*”. Foram 11 pessoas que tiveram essa opinião, com muitos deles citando várias cenas que decorrem durante toda a narrativa do filme. Além disso, dois integrantes da comunidade mencionam ser uma única vez durante todo o filme que se fala diretamente sobre amor: “*único momento em que ouvimos a palavra amor é quando o Ennis pergunta à sua filha Alma Jr. se ela vai casar por amor. Nesse momento, percebemos, que o Ennis amou o Jack, e que nos poucos momentos ele foi feliz ao lado dele. E queria isso para a filha dele, também*”.

### **“Eles não eram gays!!!!!!!!!!!!!!” e “Ennis gay ou hetero?”**

A sexualidade dos protagonistas do filme que inspirou a criação da comunidade causou ambiguidade para os membros a ponto de, por duas vezes, gerar discussões em tópicos distintos. O primeiro deles foi criado em 26 de abril de 2007 com o título “*eles não eram gays!!!!!!!!!!!!!!*” e contou com a participação de 19 integrantes do sexo masculino – dois “*fake*” – e 10 do feminino – um “*fake*”. O segundo surgiu em dois de fevereiro de 2009, com o título “*Ennis gay ou hetero?*”, e participação de 12 pessoas do sexo masculino – dois “*fake*” – e quatro do feminino – dois “*fake*”. Na argumentação do criador do primeiro tópico, ele argumenta que se os protagonistas do filme fossem “*gays*” eles não gostariam de mulher e não se casariam e teriam filhos, mas que, “*por outro lado eles são gays, pelo outro são bi*” [de bissexuais]. Nas 49 respostas resgatadas, a opinião que teve maior posicionamento nas manifestações foi a que defendia que a definição da sexualidade dos protagonistas era irrelevante, conforme declararam oito pessoas. Um membro que usa como perfil “*fake*” com foto e nome do protagonista do filme argumentou: “*nós não éramos "somente" gays. Somos mais que rótulos. Somos seres humanos, que amam*”. As opiniões de que os protagonistas eram homossexuais e de que eram bissexuais tiveram a mesma quantidade de membros citando-as: cinco cada um. Da primeira opinião, um membro da comunidade se manifestou:

*“acho que esse negócio de rotular é complicado... Mas rotulando, ambos eram gays sim!!! Cada um do seu jeito, o fato de eles ficarem ou não c mulheres naum influencia em nada. Até a o gay mais convicto a naum ficar c mulheres, sob determinadas situações, c determinadas pessoas, pode se relacionar sexualmente e até mesmo se apaixonar por uma pessoa do sexo oposto!!! Assim como o contrário, um "heterossexual" convicto pode se apaixonar por um homem. É tudo uma questão de ocasião...”. Já um membro que manifestou opinião de que eles eram bissexuais declarou: “como já foi dito, o preconceito que as pessoas têm é muito predominante em uma situação em que envolve sentimento... A sociedade aceita o fato de um cara transar com outro só pra mostrar sua "virilidade". É comum as pessoas dizerem, "já comi", mas não sou gay. Quanto envolve sentimento, aí a coisa muda... O cara deixa de ser homem só por que ama? Francamente. Na minha opinião, ambos eram bissexuais, pois tinham a capacidade amar independente da opção sexual do par. Sem dúvida, eram bissexuais. Eu recomendaria que cada pessoa assistisse ao filme, principalmente as preconceituosas. Somente para perceberem o quanto o preconceito é mesquinho diante de um amor de verdade”.*

Nas demais respostas, duas pessoas afirmaram apenas que os personagem se casaram como forma de disfarçar sua sexualidade, sem no entanto especificarem qual seria ela afinal, enquanto outro membro da comunidade disse apenas que os dois personagens eram “enrustidos”.

O segundo tópico, criado em dois de fevereiro de 2009, por sua vez, a questão da definição da sexualidade era voltada especificamente sobre o personagem Ennis com a sucinta argumentação: *“afinal ennis tinha alguma tendência homo ou o filme apenas deixa claro que um hetero pode apaixonar-se por alguém do mesmo sexo? será que é possível mesmo isso?”*. Foram 22 respostas resgatadas proferidas por 16 pessoas, sendo 12 do sexo masculino – dois “fake” – e quatro do feminino – dois “fake”. Neste, duas respostas ganharam a maioria das manifestações, com cinco pessoas defendendo cada uma delas. Para cinco pessoas, o personagem Ennis era homossexual: *“Ennis era gay. Era casado por obrigação social a todos imposta. Isso está claro como água, e redondo como a lua cheia”*, argumentou um deles. Outro que compartilhou a mesma opinião argumentou sobre a ambiguidade dos personagens: *“ennis e jack são personagens muito ambiguos. cada um pensa algo diferente sobre eles. sempre que entro nessa comu, saio com uma coisa nova sobre o filme na cabeça. parece um quebra cabeça que vai se formando, aí vem um e desmancha tudo, e depois a gente vai formando de novo e assim fica nesse ciclo...”*. Uma participante da discussão respondeu ao tópico afirmando que o personagem era “Jacksexual” e o inusitado termo que ela cunhou

ganhou apoio de mais quatro pessoas, duas delas reproduzindo-o conforme a grafia original e outras duas demonstrando sua concordância, somando cinco pessoas. Para duas outras pessoas, Ennis era heterossexual e outras duas opinaram que para elas ele era bissexual. Nesse tópico, apenas uma pessoa declarou que a definição da sexualidade do personagem era irrelevante, enquanto outro participante manifestou acha que Ennis possuía todas as facetas da sexualidade, assumindo-as conforme a ocasião.

***“Gente sei que isso não importa muito mas...”***

Alguns dos tópicos, percebe-se, refletem mais as angústias daqueles que os criam do que expressam necessariamente relevância para os debates acerca da obra cinematográfica em questão, o que, nesse caso, desperta reações das mais díspares, sejam abertamente favoráveis, sejam declaradamente contrárias. O tópico *“gente sei que isso não importa muito mas...”* é um bom exemplo disso. Nele, o seu proponente expressa suas dúvidas acerca dos posicionamentos que demonstrariam as preferências dos protagonistas do filme quanto às relações sexuais entre eles. Criado em 13 de março de 2006, seu autor afirma ter visto o filme pela primeira vez no dia anterior e que, assim o sendo, não teria podido *“deixar de notar quem é quem na relação”*, afirmando que Jack era passivo e Ennis o ativo, e que *“todos sabiam disso”*. A partir de então, o membro da comunidade, que é do sexo masculino, argumenta que através dessa composição de posicionamentos das personagens é que se subentende a necessidade maior de sexo por parte de Jack, que *“sempre precisava de um ativo”* e por isso *“procurava outros homens”*. *“Eu acho q jack lógico era apaixonado pelo ennis mas acho q era mais uma paixao, uma necessidade, já ennis era mais que uma simples paixao, via em jack sua outra chance na vida de ser livre e feliz, nao concordam?”*, complementou sua argumentação.

A discussão toda do tópico não chegou a um mês e dela restou 89 das 110 respostas registradas, com participação de 15 pessoas – nove homens com um deles utilizando perfil *“fake”*, e seis mulheres, duas entre elas com perfil *“fakes”*. O teor de resposta mais frequentemente observado, com cinco incidências, foi de membros afirmando que o posicionamento assumido pelos personagens nas relações sexuais não teria importância para a estória. Duas pessoas em suas respostas ressaltaram que Jack foi passivo na primeira cena de sexo entre eles por ser mais bem resolvido quanto à sua sexualidade do que Ennis. Além dessas respostas, foram observadas outras sete respostas diretamente relacionadas ao questionamento do criador do tópico, cada uma delas aparecendo uma vez: o filme só mostra Jack sendo passivo na primeira cena de sexo; o interagente declarou não concordar que ser

passivo é ser mais sensível e ser ativo é ser menos sensível; o membro da comunidade acredita sim que Ennis era o ativo da relação; outro participante declarou-se em dúvida, por que não ficou claro além da primeira cena de sexo as preferências dos personagens; para um deles a amorosidade não tem relação com preferências no sexo; uma mulher que participou do tópico declarou que achou a discussão válida; enquanto outro debatedor sentenciou que não é possível saber as preferências dos personagens. Houve ainda uma manifestação em que um membro teria argumentado acerca da posição dos dois personagens na barraca que, da forma que estavam dispostos, seria mais fácil para Jack ser passivo. Essa interação, no entanto, foi perdida, provavelmente pelo cancelamento do perfil do autor, mas percebe-se no comentário feito pelo autor do tópico: *“é [nome do interagente] vc tem razao ate, realmente quem abre a calça na primeira vez é o jack como que ele fosse comer o ennis, mas em posicoes que estavam na barraca realmente era mais fácil o jack dar pro ennis que estava meio de pé, relamente acho que analisando melhor eles nao tinham uma posição definida de passivo/ativo, eu apenas propuz essa discuçao o que a galera realmente achava dessa questao dos dois no lado sexual e afetivo”*.

Independentemente das respostas classificadas, a discussão também ganhou aspectos bastante pessoais no seu decorrer, incluindo insinuações acerca de supostas dúvidas e anseios pessoais por parte do criador do tópico, questionamentos sobre sua sexualidade que foram veementemente rechaçadas por ele em seguida, e até um dos membros categoricamente afirmando que o tópico era o *“mais vulgar”* criado na comunidade, expressando também seu desconforto com o tema debatido. O próprio criador, no entanto, em meios às discussões, por três vezes manifestou sua concordância quanto a argumentação de que, dentro da narrativa do filme, o questionamento quanto às preferências de posicionamentos dos personagens nas relações sexuais não tinha relevância para a estória mas, diante de novas contribuições, por algumas vezes voltou a questionar os participantes sobre suas opiniões acerca de quem era passivo ou ativo ou reafirmando sua opinião e até demonstrando certa agressividade: *“[citação do nome da participante] minha filha, vc nao é gay pra saber disso é? entao nao comente o que vc nao sabe, eu só quis salientar que o filme mostra q o Jack é o passivo da estória, vc viu todos viram e ficam ai falando q eles eram iguais, sim iguais nao paixao no amor no desejo, mas posicoes sexuais, cada um tem sua preferencia, capiche?”*. Ironicamente, outro participante citou o fato de que o autor ao tópico havia especificado nos dados do seu perfil o espaço *“orientação sexual”* como *“heterossexual”*.

***“Vc acredita que Ennis realmente amava Jack??”***

O tópico “*vc acredita que Ennis realmente amava Jack??*” foi criado em 15 outubro do mesmo ano de lançamento do filme e sua última interação é de sete de abril do ano seguinte; e das 36 respostas registradas no site de relacionamentos, apenas 18 foram resgatadas na pesquisa. Acompanhando a pergunta inicial, o autor do tópico ainda acrescentou: “*eu acho que o medo produz tormento, para se amar de verdade deve-se primeiro abandonar o medo (preconceito, duvidas, egoismo), Ennis não teve coragem e nem "vontade" de lutar pelo amor de Jack...Somente com sua perda aprendeu dar valor. À coisas na vida, que realmente so damos importancia quando perdemos. Mas será que deveria ser assim????*”.

A resposta obtida por parte dos participantes – sete homens e oito mulheres, das quais, duas com perfis “*fakes*” – foi positiva, ou seja, ninguém duvidava de que o protagonista do filme, Ennis Del Mar, realmente amava Jack Twist.

Para justificar a posição do protagonista do filme e suas reticências em reconhecer o sentimento e a recusa em entregar-se plenamente à ele, que todos os participantes das interações do tópico acreditavam existir, um dos membros da comunidade chega a adotar o termo “*amor enrustido*”: “*será que a pergunta tem a ver com a forma "enrustida" de Ennis amar? Vem daí a dúvida?*”. Uma outra interação, de autoria de uma mulher, chega a listar cenas que, ao seu ver, não deixam dúvidas sobre o sentimento nutrido pelo personagem: “*1- Segunda noite da barraca: o Ennis pede desculpa para o Jack, e se entrega a ele; 2- Quando ele descobre que vai ter que ir embora, ele fica chateado; 3- Antes do reencontro, ele fica andando de lá pra cá, agoniado esperando o Jack; 4- O reecontro: um beijo que representa amor, dor, arrependimento, saudade; 5- A cara de felicidade dele olhando para o céu; 6- O ciúme que ele sente ao saber que o Jack foi ao México; 7- O abraço por trás e a música (de ninar) que ele canta para o Jack; 8- A cena das camisas; Se isso não é amor, é o quê então?*”. Outro participante ainda chama a atenção para a questão do tempo em que se passa a narrativa do filme: “*devemos considerar todo o contexto e que eles viviam no ano de 1963... Percebemos que em 2006! Na atualidade esse preconceito ainda predomina e domina uma sociedade... Onde um beijo em uma novela no horario nobre e considerado "um escandalo aos bons costumes"... Imaginem a 4 decadas atrás... A vivencia deste amor somente transpassa uma ousadia... E prova suficiente para qualquer questionamento...*”. “*O contexto do filme mostrava uma epoca muito dificil, e Ennis ja havia presenciado cenas de preconceito e não queria isso para Jack mesmo amando ... o amor tem dessas coisa nem sempre estar juntos e a melhor opção*”, reforçou um pouco depois um outro membro da comunidade. Outra participante ainda chama a atenção para outro fator a ser considerado ao avaliar os

sentimentos do personagem: *“se não fosse amor, duvido que teria durado tanto tempo como durou!”*. Um participante ainda fala das limitações, sociais e pessoais, por experiência própria para reforçar sua opinião sobre a pergunta lançada pelo tópico: *“sei que amava. Não duvidei em momento nenhum que Ennis amava Jack, porem por passar algo semelhante cheguei a conclusão de que enquanto houver o medo eles nunca seriam felizes juntos, como realmente não foram...”*.

### ***“Quem vcs acham mais carinhoso? Ennis ou Jack?”***

No afunilamento das discussões da comunidade, no mês seguinte ao lançamento do filme nos cinemas brasileiros uma integrante, do sexo feminino e que utiliza perfil *“fake”*, lançou o tópico *“quem vcs acham mais carinhoso? Ennis ou Jack?”*, já expressando sua opinião de que Jack era o mais carinhoso, ainda destila sua argumentação ambígua: *“ele era tao delicado com Ennis, q chegava a parecer o jeito de uma mulher dando carinho, sem ofensas, poios ei admirei esse jeitinho dele e ele nem era afeminado nem um pouco. Taí, BBM chegou pra provar q nem todo gay é afeminado. Não é a natureza afeminada, mas o jeito q lembra na sei explicar”*.

Mesmo perdendo mais da metade das 53 respostas registradas no tópico, ele contou com a participação de 10 homens – um deles com perfil *“fake”* - e 10 mulheres – duas com perfis *“fake”*. No total, nove dos participantes afirmaram achar que Jack era o mais carinhoso dos dois enquanto para dois deles, o Ennis era mais. Quatro pessoas manifestaram-se afirmando que achavam que os dois eram carinhosos à sua maneira, com formas pessoais e diferentes de demonstrar o carinho um pelo outro. Um dos participantes, no entanto, não se recusou a declarar sua opinião acerca de pergunta principal e manifestou seu descontentamento em quantificar o afeto entre os personagens que, para ele, não influencia a importância da história narrada no filme para os integrantes da comunidade. *“É uma estatística apenas que não leva a lugar nenhum, se pensarmos como cada um revela seus carinhos, aí sim estamos aguçando nossa percepção e como consequência ficaremos (ou não) mais "espertos" no nosso dia-dia na relação com outras pessoas. Porém indago: quem é mais carinhoso o pai o mãe? os moderadores ou a comunidade? Acredito que em quanto houver estaticas desse tipo deixamos os sentimentos ralos. Pois quando eu dou bom dia de manhã, não estou concorrendo com ninguém na disputa do "melhor bom dia"...e sim desejando meu carinho”*.

### ***“Simbologia dos nomes”***

O tópico “*simbologia dos nomes*” foi criado em quatro de fevereiro de 2006 e, apesar de ter recebido contribuições por pouco mais de três meses, a discussão não rendeu muito e, mesmo assim, apenas 15 – sete de autoria de membros do sexo masculino e quatro do feminino - de suas 24 respostas originais puderam ser resgatadas. A teoria foi lançada por um participante do sexo masculino que usa perfil “*fake*”, incorporando o personagem principal do filme discutido na comunidade, chegando a dizer que em uma entrevista teria visto o diretor Ang Lee mencionar que o sobrenome de Ennis, “*Del Mar*”, significaria “*ilha do mar*”, agregando-lhe um valor simbólico. O autor do tópico ainda afirma que, para quem viu o filme, tal significado para o nome dispensaria explicações, e ainda traduz forçosamente o “*Twist*” do sobrenome do segundo protagonista como “*furacão*”, enquanto o dicionário Michaelis traz as opções “*1 guinada, mudança repentina. 2 giro, volta, rotação. 3 torcedura, torção. 4 trança, entrelaçamento. 5 esquisitice, idiossincrasia. she has got a twist in her character / ela não regula bem. • vt+vi torcer, retorcer. he twisted his wrist / ele torceu o pulso*”. O terceiro e último nome que ele cita é o da personagem “*Alma*” que teria esse nome por ser “*pura sensibilidade*”.

Diretamente, apenas uma participante do sexo feminino concordou com a teoria da simbologia dos nomes, e outros dois, do sexo masculino, concordaram indiretamente mencionando também a simbologia da cena final, das camisas, uma dentro da outra, penduradas ao lado de um cartão postal da montanha. Outro participante tentou lançar a teoria da escolha do estado do Wyoming que, para ele, se deu por conta de um assassinato homofóbico cerca de cinco anos antes – sua postagem é de fevereiro de 2006 -, mas a teoria é refutada por outra participante que lembrou que o conto havia sido publicado bem antes desse período.

### **“*Afinal qual o segredo de Brokeback Mountain*”**

Além de itens que podem ser considerados bastante pontuais nos debates travados na comunidade, alguns tópicos por vezes são bastante voltados às subjetividades relacionadas ao filme. Um bom exemplo é tópico “*afinal qual o segredo de Brokeback Mountain*”, criado no final de fevereiro de 2006 e com 47 das 69 respostas originais resgatadas, que contou com 37 participantes – 25 do sexo masculino, três “*fake*”, e 12 do feminino, uma “*fake*”. A proposta inicial do tópico, criado por uma mulher, é tentar ir além do próprio título que o filme ganhou no Brasil, onde foi acrescido um “*o segredo de*” antes do nome da montanha – *Brokeback Mountain* -, como ocorre no nome original. À saber, é bem comum por parte das distribuidoras brasileiras acrescentar palavras em títulos de filmes cujos nomes originais

sejam intraduzíveis, como é o caso de “Brokeback Mountain”, nome original do filme em debate. *“Esse filme já foi tão esmiuçado aqui, parece que não sobrou nada a ser dito. Mas à medida que a gente medita nele, sempre encontra algo novo. Tantas definições, tantos elogios, tantas críticas. E a gente se pergunta: onde está o segredo? Parece óbvio, afinal eles se amaram secretamente. Mentira. Não era segredo. Alma sabia, Aguirre sabia, quanto aos demais (filhas, Lureen, sogro) apenas supomos que sabiam. O segredo, estava na intimidade. Afinal, quantos de nós sonhamos em compartilhar aquela intimidade com quem amamos? “Isso é da nossa conta, de mais ninguém” dizia Jack. A companhia silenciosa bastava, não precisava tagarelar o tempo todo. Os conflitos pesavam, mas o amor superava. Alguns dizem: Não deu certo, eles não terminaram juntos. Como não deu certo? Durou 20 anos para Jack, metade de sua vida, durou além da morte para Ennis. Deu certo sim! Podia não haver muitos encontros. Mas quantos relacionamentos escancarados, diários, que conhecemos que não chegam aos pés daquele? Podia não haver quantidade, mas havia sim uma.....”senhora” qualidade. Pra mim o segredo é esse: Intimidade e Qualidade. Acho que é por isso que BBM é o que é. Tem segredo nisso?”.*

Apesar da complexidade da questão inicial do tópico, as respostas foram em sua maioria um tanto quando objetivas, com 10 tipos diferentes de opiniões emitidas pelos participantes. Diante da fundamentação já a partir da argumentação da criadora do tópico, 14 dos participantes do debate concordaram com ela de que o segredo do filme é o amor dos personagens que, apesar das adversidades e limitações, teve uma longevidade consideravelmente expressiva de cerca de 20 anos. Um dos participantes ainda comentou: *“sem dúvida nenhuma o segredo é exatamente aquilo q tanto falamos, mas ã conhecemos profundamente, o AMOR! Muitos realmente sabiam, mas viam como sacanagem (Aguirre), perversão (Alma)... E só nós como Amor!”.* Para outros quatro interagentes, no entanto, o segredo é mesmo o que eles viveram na montanha: *“[...] o segredo na íntegra só quem pode contar é a montanha. Só brokeback pôde presenciar em sua totalidade um sentimento puro e belo entre dois seres humanos que apesar de suas problemáticas se amaram ali por anos. Brokeback guarda o segredo. Nós só sabemos de um pouco. Quantas vezes eles conversaram alí sobre suas vidas, ficaram juntos e se amaram... foram inumeras vezes. Ficaram várias perguntas sem respostas... Brokeback conhece muito mais jack e ennis do que Alma, Louren, do que todos nós. E como montanhas não falam, nós ficamos aqui instigados em procurar respostas...”.* Duas pessoas manifestaram sua opinião de que o “segredo” não passa de uma palavra adicionada no título nacional do filme com o intuito de chamar mais a atenção do público. Outros sete participantes das interações do tópico deram uma resposta diferente cada

para a questão sobre qual o segredo do filme: um suposto compromisso de Ennis para com Jack de guardar segredo do que viveram na montanha; a reflexão a que o filme leva o público a fazer sobre sua própria vida; a simbologia que o “*segredo*” do título nacional carrega referente à complexidade da relação dos protagonistas; que o “*segredo*” seria relacionado às subjetividades dos silêncios do filme; o “*segredo*” seria a vontade de amar; que o fatos dos protagonistas serem gays seria o “*segredo*”; e que não há segredo.

### ***“A segunda vez é ainda melhor”***

O tópico “*a segunda vez é ainda melhor*” foi criado por um membro da comunidade expressando sua opinião de que a segunda vez em que viu o filme foi ainda melhor e mais emocionante que a primeira, sendo que ambas haviam sido no cinema. Criado em três de fevereiro de 2006 e longevidade de 10 dias, o tópico teve participação de 22 pessoas, das quais 18 do sexo masculino e quatro do feminino – uma delas com perfil “*fake*”. Das participações, 10 pessoas afirmaram já ter visto o filme mais de uma vez, seis outros participantes afirmaram que pretendiam ver o filme mais uma vez e outras seis argumentaram que pretendiam assistir o filme várias vezes.

Dos que já haviam assistido ao filme, três membros da comunidade, do sexo masculino, declararam que se emocionaram mais da segunda vez que o viram. Três pessoas afirmaram que viram mais de uma vez, mas que não o viram no cinema. Desses, dois alegaram que pretendiam ver no cinema de suas cidades quando o filme entrasse em cartaz, demonstrando que moram em cidades pequenas que ficam de fora do circuito de lançamento, onde os filmes chegam nas semanas posteriores. Quando o filme foi lançado nos cinemas brasileiros, ele já havia sido exibido nos cinemas estadunidenses e já havia a possibilidade de baixar cópias piratas da internet. Três pessoas, sendo dois homens e uma mulher, afirmaram a mudança de suas percepções da primeira para a segunda vez em que viram o filme, dizendo que passaram da tristeza/depressão da primeira vez, para o sentimento de esperança na segunda vista ao filme.

Um homem que participou por último do fórum afirmou que foram vários o sentimentos em decorrência de ter assistido ao filme, mas que isso se deu principalmente por ter podido ver um filme com tal temática, descrevendo da seguinte forma: “*uma sensação esquisita, uma mescla de tristeza, angustia e felicidade, por ter tido o prazer de entrar em contato com uma obra cinematográfica como essa*”.

***“Tentativa de sentir o filme como um todo...”***

O tópico “*tentativa de sentir o filme como um todo...*” foi criado em quatro de novembro de 2005 e a última participação foi registrada em 28 de maio do ano seguinte. São oito interações do criador do tópico das 16 inserções de participações, que, de qualquer forma, representa menos da metade do que havia sido registrada no Orkut, cujo total era de 34 respostas. Conforme pode-se observar no seu perfil e também em pequena pesquisa pela internet, o autor do tópico na época era doutorando em Filosofia e, por conta disso, observa-se uma análise mais aprofundada de sua parte ao argumentar sobre o filme, o que, de certa forma, deve ter intimidado os demais membros. Na primeira data em que o autor do tópico o criou, pelo menos do que permaneceu disponível na época da compilação na área de fórum da comunidade, depois de três postagens em que expressou sua análise, o autor obteve resposta apenas de um dos então moderadores. Outro problema que acabou de certa forma anulando o tópico foi o fato de seu autor o ter criado antes do lançamento do filme no circuito comercial dos cinemas brasileiros, afinal, “O segredo de *Brokeback Mountain*” chegou às salas de exibição no Brasil em 03 de fevereiro de 2006, enquanto o referido fórum surgiu três meses antes.

A análise do autor do tópico, como ele mesmo explicita, se dá através da proposta de centrar sua construção argumentativa nos dois personagens principais e a forma como suas personalidades e atitudes dentro do relacionamento retratado na obra cinematográfica. O autor defende que basicamente tem-se representado no filme “*a possibilidade do preconceito com o homossexualismo vir de dentro*”, uma característica complexa e que é mostrada de forma igualmente complexa na construção dos personagens, principalmente no caso de Ennis Del Mar. “*Ele se situa, antes de tudo, fora da temática do homossexualismo, para também representar a ausência de disponibilidade para o outro. A esposa, sua namorada e Jack sempre buscam Ennis. Ele, porém, jamais toma a iniciativa de ir em direção ao outro. Com medo do outro (que talvez tenha sido causado pelo trauma diante da atitude do pai na infância), Ennis não age. Apenas reage. Ou seja, de um modo muito curioso, ele tem um medo profundo de si próprio, mas ao mesmo tempo é fechado em seu próprio mundo*”. Dessa forma, conforme defende o participante da comunidade, o filme tem como mensagem nuclear justamente um tratado anti-individualismo, indo muito além das percepções iniciais de mensagens contra preconceitos ou mesmo de características que podem vislumbrar no filme certa leitura que levaria a classificá-lo como de auto-ajuda. “*Acho válido pensar que “Brokeback Mountain” não é um filme de auto-ajuda para reforçar a estima dos*

*homossexuais. [...] Essa visão das coisas (que eu encontrei, por exemplo, num blog sobre o filme) me parece uma leitura muito individualista de um filme contrário a todo e qualquer individualismo. O que Ennis descobre não é a importância de ser Ennis. Ele descobre a importância de viver com Jack. Ele finalmente percebe que sem Jack não há Ennis...”.*

Das poucas manifestações havidas nesse tópico, elas basicamente resumiram-se em declarações de concordância com o seu autor ou mesmo em parabenizações à sua análise.

### **“Quem tem vontade de viver o que eles viveram?”**

O tópico “*quem tem vontade de viver o que eles viveram?*” foi criado cinco anos e um mês após o lançamento do filme no Brasil, quando ele já havia chegado às prateleiras das lojas de varejo e já sido exibido na TV aberta brasileira. O autor do tópico – que rendeu pouco, com apenas 17 interações contra 20 no registro do site - fez a pergunta para avaliar se outros membros da comunidade também nutriam o mesmo desejo que ele tinha de vivenciar o que os protagonistas do filme viveram: *“toda vez que assisto esse filme, tenho uma vontade de viver com alguém igual eles viveram, principalmente o amor que eles sentem um pelo outro. Quando eu assisto esse filme, fico “mal” pela história quero um amor igual ao deles”*. Com a participação de sete membros, todos do sexo masculino, apenas um deles, utilizando perfil “fake”, respondeu a pergunta do tópico afirmando que já viveu história parecida com a do filme: *“eu já vivi... muitos momentos foram maravilhosos, porém os momentos tristes realmente foram barra! Queria reviver essa história se o final fosse diferente!”*. As demais participações foram para trocar informações sobre vídeos com montagens feitas com cenas do filme e músicas e recomendações de links para outros dados sobre o filme, entre outros assuntos que fugiram do objeto inicial do tópico.

### **“Vc chorou em Brockback???”**

O tópico do fórum da comunidade intitulado “*vc chorou em Brockback???*” foi criado pouco menos de dois meses depois do filme ser lançado comercialmente nos cinemas brasileiros, quando boa parte dos membros que morassem em cidades que dispunham de salas de cinema pudessem ter visto o filme. Normalmente a prioridade das distribuidoras quando do lançamento do filme são as salas de grandes centrais ou de maior público, para então as cópias percorrerem as cidades menores até os cinemas do final da cadeia exibidora, quando a cópia é devolvida posteriormente às distribuidoras. A prática da distribuição comercial de filmes de maior apelo comercial é que na primeira semana o filme deve ocupar sozinho uma sala de exibição, em todos os horários, e a partir da segunda semana, os horários podem ser divididos

com outro(s) título(s); na prática, para poder exibir um filme quando do seu lançamento nos cinemas brasileiros, os exibidores se comprometem a manter a cópia em exibição por pelo menos duas semanas, para só então liberá-la para percorrer o circuito exibidor. Depois da semana de lançamento, normalmente já não há mais a exigência da exibição exclusiva do filme nas salas, além da porcentagem que deve ser retornada à distribuidora cair conforme distancia-se da semana de lançamento, quando as cópias se tornam mais atrativas para as pequenas salas de exibição em que o volume de público consequentemente é menor que as de grandes centros.

Em apenas nove dias de atividade nesse tópico, por conta da proximidade do período de exibição do filme nas salas de cinemas, a participação total chegou 106 manifestações que, quando do resgate dos dados para esta pesquisa, haviam sido reduzidos a veementemente 77, sendo o público participante formado por 23 homens, dois deles com perfil “*fake*”, e sete mulheres, uma delas também “*fake*”. Do total de manifestações ainda remanescentes, no entanto, pouco mais da metade é justamente do criador do tópico, que inclusive chega a interagir com membros cujas participações não se encontram mais em meio aos dados resgatados por terem excluído seus perfis. Ao justificar sua pergunta que abre o tópico, o membro afirma que havia acabado de assistir ao filme pela sexta vez, sendo que as cinco anteriores havia feito sozinho pela vergonha de que o testemunhassem chorando no cinema. A sexta, no entanto, conforme seu relato, havia sido acompanhado da namorada que chorou igual e junto com ele, e que haviam terminado a sessão se “*declarando um para o outro*”. Na abertura do tópico, ele ainda perguntou aos membros da comunidade quem havia chorado ou visto alguém chorando durante o filme.

Das interações remanescentes, 23 dos membros que se manifestaram declararam que realmente choraram quando viram, e muitos deles declararam tê-lo assistidos mais de uma vez – três pessoas disseram ter visto o filme nove vezes -, e ainda outros afirmaram que choraram mais quando o viram pela segunda vez. Uma mulher declarou: “*na primeira vez, no cinema chorei pouco, mas em casa, nossa, chorei a noite inteira. Nas outras duas vezes, chorei demais, demais, demais, bem mais que a primeira*”; e um homem argumentou: “*na primeira vez q assisti chorei só na cena em q Ennis encontra as camisas, talvez pq estivesse anestesiado pelo desenrolar do filme. Na segunda chorei o filme inteiro*”. Um dos participantes do tópico afirmou que não chorou no cinema porque estava na companhia de amigos, mas que chorou quando chegou em casa.

Cinco dos participantes dessa discussão, todos homens, declararam não ter chorado no filme, apesar de reconhecerem tratar-se de uma obra de qualidade e classificarem-no como

emocionante. Um deles afirmou que achou o filme “*apenas depressivo*” e ter ficado “*chocado*” porque na história do filme o amor “*não superou barreiras*” e outro disse ter ficado um pouco deprimido depois de vê-lo. Um deles ainda declarou: “*não cheguei a chorar, mas sai do cinema calado e triste assim como muitos outros q tb assistiram esse filme, mais tarde já em casa praticamente senti a mesma dor de estômago que Ennis sentiu ao se separar de Jack, era como se tivesse me culpando por toda uma sociedade preconceituosa que impede que casais homossexuais tb sejam felizes, aprendi a aceitar a opção de cada um, realmente esse é o efeito brokeback*”.

Atendendo a parte das perguntas lançadas na abertura do tópico, quatro pessoas, dois homens e duas mulheres, relataram as reações que observaram nos cinemas quando foram ver ao filme. Um deles relatou que na sessão em que foi viu: “*muita gente que zoava o filme inteiro ficar quieto no final e sair com a cara inchada correndo pro banheiro... o filme entra, naum em tds, mais em uma grande parte no coracao das pessoas e sem elas perceber mudaum o ponto vista das coisas... um grande exemplo: minha mae*”. Outro participante declarou que em sua sessão houve algo semelhante e que cerca de “*90% saíram calados*” e outra participante afirmou que quando acenderam as luzes da sala de exibição ela viu “*gente limpando os olhos de lágrima*”. Outra interagente da comunidade desabafou: “*eu não sei como muitas pessoas riram nesse filme, pelo menos nos cinemas que fui, eu lá chorando e o povo rindo, o filme era comédia e eu não sabia? Não tô dizendo que todo mundo tem que chorar, nada a ver, mas tb não há motivo para risos, infelizmente, muitas pessoas foram com a mente fechada ao cinema. Vi muitas pessoas saírem quietas tb, não choraram, mas com certeza, se sensibilizaram, isso que importa*”.

Dois outros membros da comunidade, sendo um homem e uma mulher, afirmaram que se emocionaram e ressaltaram as qualidades da obra cinematográfica, mas acabaram não respondendo a pergunta primordial do tópico, se choraram ao ver o filme ou não.

Na penúltima interação registrada no tópico, há uma nova manifestação do autor das perguntas iniciais declarando que havia visto o filme mais uma vez, a sétima, e que chorou mais uma vez.

### ***“No que vcs ficaram pensando quando o filmes acabou?”***

O reflexo do contato do filme com o público constituído pelos membros da comunidade criada a partir da obra cinematográfica foi consideravelmente expressado no tópico “*no que vcs ficaram pensando quando o filmes acabou?*”, criado em três de março de

2009 e interações ocorridas até abril de 2012. Das 106 respostas resgatadas das originalmente 198 computadas pelo site, foram 93 participantes dos quais 18 com perfil “fake”. As sensações sentidas ao final do filme descritas pelos interagentes foram da aceitação à mensagens negativas, passando pela depressão. Por parte dos integrantes da comunidade do sexo masculino, 10 deles descreveram que se sentiram deprimidos e que só conseguiam chorar enquanto outros 13 relataram que choraram, alguns deles por dias seguidos. Para nove participantes, ao final o filme fez com que pensassem em si mesmos: “*chorei o tempo todo e decidi o q eu queria pra mim!*”, firmou um deles, enquanto outro declarou: “*esse filme realmente me fez pensar sobre o que eu quero da minha vida*”. Dez pessoas afirmaram que tiraram do filme mensagens positivas – “*cheguei a conclusão de que as pessoas deixam de ser felizes por causa do preconceito! Essa eh a maior msg do filme*”; “*mostrou q o maior preconceito é aquele que existe dentro de nós, não o das outras pessoas, temos que quebrar esse preconceito se quisermos viver e ser feliz, tendo orgulho de quem somos, pois somos seres únicos, ninguém é igual a ninguém*”; “*Percebo que nao devemos deixar p amanha o que podemos fazer hoje, que ser feliz depende simples e unicamente de cada um de nós, por isso diga eu te amo, vc me faz feliz ,quero vc p sempre ,mas hoje q daqui a pouco pode ser muito tarde*” – e para outros seis, a mensagem foi negativa: “*no passar das coisas Como tudo é arrancado de nós sem nenhum consentimento de nossa parte*”; “*pensei em como é dificil ser gay*”; “*fiquei pensando se teria o mesmo destino!*”; “*indignado com o preconceito e as injustiças!!!!!!*”.

Alguns participantes descreveram sensações e opiniões que sentiram depois de verem o filme que foram únicas, como o exemplo de um deles que afirmou ter se concentrado apenas no protagonista do filme: “*quando o filme terminou, fiquei me imaginando no lugar Ennie Del Mar. Pensando como seria a vida dali pra frente sem o Jack Twist. Quando vivo, eles se encontravam (de vez e nunca, mais se encontravam). Imaginei que Ennie Del Mar não teria olhos pra outra pessoa, envelheceria lembrando do amor de sua vida que "morreu derrepente*”.

Dois participantes nas suas expressões fizeram paralelos com a situação dos personagens na época em que se passa a narrativa do filme e os tempos atuais, uma mais otimista - “*ao fim do filme fiquei pensando, como era dificil a vida dos gays antigamente, se comparada com a nossa, to reclamando de barriga cheia como diria minha mãe, rs. Pensei tbm como devem ter tido varios casos como os do filme que nada da certo e que pessoas foram infelizes... [...] Bora fazer alguma coisa boa pra alguém pq tristeza tem de monte pra*

consolar”, e outra mais pessimista – “eu chorei, assisti duas vezes no mesmo dia, e por incrível que pareça eu tinha lido pela manhã *"O terceiro travesseiro"*, a tarde fui assistir o filme, chorei, chorei, muito amanheci com os olhos inchados, chateado com o preconceito que ainda existe nos dias atuais, e hoje lembro daquela cena que o Ennis conta sobre o vizinho da infância e comparo com o acontecido ao jovem na Av.Paulista, é a mesma barbárie, em época diferentes, o mesmo pensamento misógeno, a sociedade maquiando sua homofobia. Enfim, esse filme é extremamente reflexivo, e vale a pena ser visto...”.

Um dos membros que interagiram no tópico se viu bastante no personagem principal e comparou o que viu no filme à sua própria vida: “já assisti várias vezes, mas a primeira foi inquecível. Chorei muito. Acho que até hoje me identifico com os personagens do filme em muitas coisas, principalmente porque sou casado, tenho filhos e isso talvez me prenda ao casamento até hoje. O filme me mostrou que a vida passa rápido e que somos nós quem fazemos nossas escolhas e que quando são mal feitas, elas tiram nossa verdadeira felicidade. Ennis Del Mar esperou demais pra ir em busca da verdadeira felicidade. Não sei se vou esperar se algum dia aparecer um amor de verdade na minha vida. Infelizmente, ou felizmente não sei, a minha esposa me aceita como eu sou, mas sinto que ela sofre e eu também. Desculpe o desabafo, mas acho que não sou o único que consegue viver assim”.

Outras duas respostas que não tiveram similares entre as manifestações dos demais membros da comunidade, foi a de um membro que declarou-se com medo depois de ver o filme – “eu fiquei confuso, fiquei com medo de me entregar a alguém e per-de-la como aconteceu” - e outro que afirmou não saber descrever o que sentiu depois de assisti-lo – “esse filme foi uma das coisas mais loucas que aconteceram na minha vida... É quase impossível dizer o que se passou em minha mente após assisti-lo...”.

Três integrantes da comunidade afirmaram que depois de assistir ao filme pensaram em amar como na estória narrada na obra cinematográfica: “eu fico pensando se um dia vou amar alguém com tamanha intensidade mas sem os impedimentos que eles tiveram e tenho que acreditar nisso”; “xeguei a conclusao... de qe nunca havia amado quem realmente. Sou gay. Mas nunca amei ou vivi um amor dessa forma!! =/ Axooo q amar...é vc ser capaz de tudo por quem...”; “alem di ter chorado pacas, fiquei imaginando o tanto que eles si amaram e como todo aquele amor era puro um ao outro, e que era magico e reciproco, e o tanto que eles sofreram por preconceitos e taoos, e fiquei imaginando si um dia vou ter um amor como esse :)”.

Para outros seis interagentes do tópico, o contato com o filme, ao final, representou para três deles aceitação de sua condição – *“esse filme fez eu me aceitar como eu sou, já faz parte de minha vida!!!”*; *“quando vi esse filme no cinema em janeiro de 2006, percebi que não havia qualquer medo em ser gay. Retirando o medo de me assumir, não havia mais nada”*; *“quando eu vi eu tinha uns 13 anos e na época eu era enrustido minha vontade era de mim assumir e sair atrás de um amor na minha vida para sempre eu chorei muito depois de 2 meses eu consegui mim assumir”* – e para os demais, autodescoberta – *“eu não "sabia" que era bissexual [...] mais gay não é opção é nosso e não é pulando algumas partes de algum filme que alguma pessoa deixa sua homossexualidade”*; *“tinha 16 anos, uma criança rs, e esse filme me fez refletir sobre várias coisas sobre relacionamento, aceitação, preconceito e amor verdadeiro, esse filme mexeu muito comigo, ã seria a mesma pessoa se ã tivesse assistido”*; *“eu fiquei chocado com o caminho que Ennis escolheu! E só pensei: "Não posso fazer o mesmo! Tenho que me permitir!" E foi aí que fui a luta e me abri para o cara que eu amava na época... Ele relutou (hetero) mas já estava envolvido também! Depois ficmos juntos... Sofri pra burro quando tudo terminou, mas valeu a pena! O filme me deu coragem!”*.

Por parte do público feminino que participou das interações do tópico, oito relataram choro de depressão após verem o filme: *“acabei de ver o filme e me senti numa tristeza profunda... vim procurar info na net e achei a comu. Passar uma vida inteira sem poder viver como se é, sem poder ficar com quem se ama... punk! Que direitos tem as pessoas de julgar a vida de outras de maneira a impedi-las de viver livres? Nossa! Tô mau...”*; *“senti um vazio muito grande que me acompanhou por uns 10 dias. Foi terrível”*. Duas participantes limitaram-se a manifestar que ao final do filme queriam ter visto um final feliz, bem diferente do visto no cinema; outras duas tiraram do filme mensagens positivas: *“sabe aquele passo, aquele passo que mudaria nossa vida mas nós não tivemos a coragem de dá-lo? sabe aquela oportunidade que deixamos escapar da nossa mão quando tudo estava certo? nem precisa falar muito...”*; *“buscar a verdade em nossas vidas... buscar a verdade em quaisquer circunstâncias e a que preço for... ambos sofreram porque levavam uma vida de mentira... melhor sofrer sim... mas vivendo no caminho que escolhemos para nós...”*.

Uma das integrantes da comunidade se incomodou com a continuidade da estória narrada no filme – *“eu pensei: e agora??”* –; outra afirmou ter sentido uma *“tristeza profunda”*; a terceira afirmou que o filme a fez refletir sobre si mesma – *“pensei no que eu posso estar perdendo em minha vida, com medo de muitas coisas, e ne como estou me privando de viver uma vida feliz, assim como Enis fez até o final...”* –; e a quarta afirmou que

o final o que ocorreu foi se questionar sobre a possibilidade de ela mesma viver um amor tão intenso – *“pensei [...] se um dia poderia viver um amor com tanta intensidade”*. Outras duas participantes do sexo feminino relataram auto reconhecimento a partir do seu contato com o filme: *“depois que vi o filme pensei que sou tão egoísta... supostamente eu tenho quase tudo pra me fazer feliz e não sou, e o Jack com todos os problemas buscou ser feliz...”*; *“sei que foi bom ter assistido amadureci muito sei o que quero da vida!!!”*.

### ***“O que aconteceu com vc quando o filme acabou?”***

Esse tópico, *“o que aconteceu com vc quando o filme acabou?”*, acaba sendo um aprofundamento de outro, *“no q vcs ficaram pensando”* – que foi criado três anos antes -, porque os seus participantes descreveram mais extensamente suas reações ao término do filme. Dessa forma, a opção foi por manter trechos das respostas para preservar as emoções expressas pelos 27 participantes desse tópico – 18 homens, um deles com perfil *“fake”*, e nove mulheres, das quais, três *“fakes”*. Criado em sete de março de 2006, pouco mais de um mês a partir do lançamento do filme nos cinemas brasileiros, com o tempo o tópico perdeu mais da metade de suas interações, caindo das 83 respostas originais para 40 resgatadas na coleta dos dados.

Na justificação de seu tópico, o membro que o criou afirmou que nunca imaginava que um filme pudesse ter o poder de lhe chamar a atenção como este: *“quando fui assistir o tratei como se fosse qualquer outro filme, estava engando... Assisti com um aperto no coração lá no final, não cheguei a chorar, foi um erro... Após o término fiquei, de início segundos, que se transformaram em horas que se transformaram em dias... Aqui estou tentando entender o que aconteceu comigo, pq esse filme não me sai da cabeça?”*. Em seguida, vieram vários relatos das reações imediatas que o filme causou nos membros da comunidade.

Na sequência de relatos, alguns padrões se repetiram de forma variante. Houve, por exemplo, quatro deles – todos homens - que se declararam *“desnorteados”* após verem o filme pela primeira vez. O primeiro a se manifestar assim afirmou que ele *“simplesmente não sabia pra onde ir”* porque ficou *“totalmente desnortado”*. O mesmo adjetivo – *“desnortado”* – foi utilizado pelo próximo participante que acrescentou que sentiu um *“nó na garganta”*: *“uma sensação estranha... não consigo dizer ao certo como foi... mas sei que não paro de pensar nesse filme q foi maravilhoso para mim...”*. O terceiro deles declarou junto com o *“desnortamento”* veio também a dificuldade de *“absorver”* o final que para ele: *“é meio clichê em textos gls [sigla de “gays, lésbicas e simpatizante”], não sei o porque. Tive que*

*conter a aflição, por ser tímido demais, não quis demonstrar o sentimento que me abatia após o fim daquele que já considero o melhor filme do ano”. “Fiquei completamente chapado” e “nem consegui dormir direito” foi o relato de último deles que ainda acrescentou: “chorei no final, mas isso não diminuiu nada o impacto e a devastação que o filme provocou. Depois de muitos dias pensando, percebi que o filme toca em questões muito fortes: o que deixamos pra trás, que escolhas fizemos, o que não vivemos? Ainda não tenho as respostas...”.*

O padrão de respostas relacionadas ao choro com o filme também surgiu em algumas manifestações, normalmente acompanhadas de tristeza. Elas surgiram mais seis vezes dentro dos dados coletados – três homens e três mulheres. O primeiro deles afirmou que ficou triste por uma noite inteira e no dia seguinte: *“o filme é verdadeiro, é amor apenas isso. E o que mais procuramos na vida, alguém pra amar e que nos ame. imagine se uma dia voce encontrar mas naum puder viver este amor, so pode dar tristeza”*. Outra participante afirmou ter chorado e abraçado um amigo que estava aos prantos e que viu *“mais uma vez o quanto o amor é importante e é o que deve reger a vida de todos”*. Além do choro, outro membro da comunidade afirmou ter passado três dias pensando no filme e sua abordagem; enquanto outra relatou que quando o filme acabou, dominou a sua vontade de chorar para *“não chamar a atenção”*, mas que quando foi dormir *“as lágrimas q tavam presas se soltaram!”* e que ainda, no outro dia ainda pensou *“gente q filme é esse?”*: *“pq de repente, no trabalho, o filme voltou inteiro na minha mente e me deu uma emoção tão grande q tive q ir ao banheiro p/ poder me emocionar a vontade, sem ninguém por perto. gente, nunca um filme me provocou uma reação dessas!! qd voltei do banheiro todo mundo perguntou o q é q eu tinha. eu achava q estava preparada p/ o filme. já tinha ouvido falar muito bem dele (estava impressionada com um texto do cara do brasil beleza e dos toques de amiga dos eua). estava mesmo muito muito ansiosa p/ ver. mas eu nem de longe imaginava q fosse desse jeito!!”*.

Os relatos que relacionam as impressões à melancolia e vazio sentidos após ver o filme também está presente em quatro interações de participantes do sexo masculino. O primeiro deles revela que o dia seguinte teria sido *“trash”*: *“mas não era tristeza, na verdade foi e ainda é melancolia (uma tristezinha boa de sentir)... [...] eu nunca tinha chorado em filmes (não por ser forte, mas é que nenhum até hoje tinha me causado u tumulto tão grande de sentimentos)...”*. O segundo deles afirma que saiu do cinema com a *“cabeça confusa”* em um turbilhão de *“pensamentos de pensamentos”*: *“passei amis alguns dias nesta melancolia!!!”*. O terceiro descreveu ter sido tomado por *“uma sensação de vazio completa”* e que não chorou durante o filme mas que quando chegou em sua casa não aguentou: *“o filme deixa uma tristeza tão profunda na gente, como se a historia fosse real”*. O último deles

explicitou que ao final o filme lhe deixou uma “sensação de vazio”, de incompletude: “o filme mostra muito bem isso, o quanto nós deixamos de sermos felizes por alguma coisa, quanto tempo perdemos em vez de nos preocuparmos em somente sermos felizes. O difícil foi que esse filme ficou na minha cabeça durante a semana toda. Eu não conseguia pensar em alguma coisa, meu raciocínio foi retirado da minha mente. Eu só pensava, porque o cara não abdicou de tudo pra ser feliz. Mas o que fica na minha mente mesmo é a pergunta será que eu terei coragem de abandonar tudo? E essa sensação que me corroe”.

Ter ficado pensativo foi o relato mais específico de outros três participantes do tópico, ambos do sexo masculino, sendo que um deles revelou que, mesmo assim, não ficou emocionado. Dentre os relatos que a princípio não encontram paridade com os demais, outro membro se limitou a dizer que assistiu o filme pela segunda vez e que saiu do cinema “arrasado”; uma mulher se disse “apaixonada com a história”; outra que ficou prestando atenção na música ao final do filme e só então percebeu que o personagem Jack realmente havia morrido; outra afirmou que entrou na comunidade depois de ver o filme; e uma outra participante relatou: “só voltei pra realidade rápido pq fui com duas amigas e justo a que ficou no meio não gostou do filme e 'acordou' a gente do transe. Depois vi mais duas vezes e ali as pessoas com quem eu estava tb gostaram pelo menos a ponto de me deixarem curtir a sensação um pouquinho. Mas eu ainda estou meio de cabeça nas nuvens”. O último deles afirmou que depois de ver o filme, foi comer porque assisti-lo teria lhe dado fome.

Três participações no tópico, no entanto, se focam em mudanças acarretadas pelo contato com o filme. Uma delas, postada por uma pessoa do sexo feminino, além de relatar também o choro ao final do filme e de certa tristeza, declara que o melhor de tudo teria sido a sua “mudança de pensamento”: “cresci considerando q chamar um homem d gay era o pior dos xingamentos (nunca tive nada contra gays, mas se brigava com algum garoto vinha automaticamente: viado), e agora eu vejo com uma clareza imensa q isso não é problema nenhum, não falo isso pra fazer politica de tolerante, ã me importo com isso, sei q tenho 16 anos e me axu mais consciente e um pouco mais evoluida do q eu era antes do filme”. Outro membro da comunidade, do sexo masculino, declara que no seu caso existe um antes e um depois do filme: “antes do dia 3/2/06 [data de lançamento do filme o Brasil] eu era muito diferente do que sou hoje. Meu intimo está lutando contra muitas coisas que até então eu não enxergava ou não queria enxergar. Estava vivendo uma situação bem parecida com o filme. Ainda estou, só que agora estou sendo mais pé no chão comigo mesmo. Já estou em uma situação ha 5 anos. Decidi que não vou esperar mais 15 anos para ser feliz. Quero agora

*essa felicidade. Se quem eu amo não tem a coragem de assumir para ele mesmo que me ama, por que continuar lutando por isso?”.*

O próprio autor do tópico registra mais à frente em meios às participações já havidas o seu relato de mudança: *“não agüentava mas ter que ficar me escondendo, se continuasse assim o que eu seria futuramente? Uma mera visão daquilo que as pessoas queriam que eu fosse? Negativo! Conheci pessoas maravilhosas nesse meio e fiquei pensando depois sobre o meu próprio preconceito... Não vale a pena sofrer mentindo para fazer bem às outras pessoas cara, foque aquilo que vc quer e lute para realizá-lo, adquira respeito mostrando às pessoas que vc não mudou em nada por dizer sua opção, muito pelo contrário, vc apenas optou por dizer a verdade... A vida é muito curta para nos prendermos a coisas desse tipo, faça de tudo para viver bem agora para que mais tarde tudo isso se torne apenas uma boa lembrança de tudo aquilo que vc fez, enfim, viveu...”.*

#### ***“Vc iria ao cinema ver numa boa!? (Homens...)”***

Este tópico do fórum de discussão foi criado em três de fevereiro de 2006, quatro dias para o lançamento do filme nos cinemas brasileiros e seu criador convida a se manifestarem primordialmente aos homens da comunidade – *“vc iria ao cinema ver numa boa!? (Homens...)”* - para vislumbrar deles quais irão ao cinema ver o filme normalmente. Ou seja, a própria pergunta já carrega no seu âmago o peso dos possíveis medos e receios de tornarem o público masculino do filme no cinema alvo de preconceito e homofobia, uma vez que poderiam, na concepção do autor da pergunta inicial, serem tomados por outrem como homossexuais por terem interesse público em verem o filme de Ang Lee. Ironicamente, já se percebe as interdições assumidas pelo próprio autor da pergunta de origem do fórum, já que ele é o único participante nele que utiliza perfil *“fake”* e já afirma nas suas argumentações que vai ao cinema com a namorada. O autor ainda acrescenta, demonstrando mais contradições ainda ao seu discurso: *“eu poderia ir sozinho ou com amigos, mas tenho certeza que as pessoas vão pensar que sou viado ou coisa parecida... tipw, nem me importo com que os outros acham de mim, tou nem ae mesmo, mas eu vou com minha namorada ver numa boa como qualquer outro filme...e vcs!? o que pensam a respeito?”.*

Como uma autêntica versão atualizada do protagonista do filme, o autor desse fórum já demonstra, na justificação de sua pergunta, o medo da homofobia e, à exemplo de Ennis, se refugia sob o escudo seguro e inequívoco, ante o prisma da heteronormatividade social, da heterossexualidade, ainda explicitando sua certeza de que seria tomado por homossexual se

não fosse dessa maneira socialmente explícita, afirmando e reafirmando que tem uma namorada e é ela que o acompanharia ao cinema. Ainda em meio aos seus argumentos, na demonstração maior de contradição, chega a declarar que não se importa com o que os outros vão pensar dele, apesar de tudo o que havia dito até então. A escolha de seu nome no perfil “fake” parece ter sido obviamente escolhido para tornar seus receios ainda mais explícitos seus esforços em reafirmar sua (hetero)sexualidade: “Alonah o Grelo Te Assusto Logo Te Chupo”.

Mais exemplo da perda de dados devido ao grande número de cancelamentos de cadastros de usuários nessa rede social: das 45 participações iniciais nesse tópico, restaram apenas, no momento do resgate, 21 das interações; com manifestações de 17 homens e apenas uma mulher – esta limitando-se a questões à margem da discussão. Nelas, tanto a pergunta básica inicial do tópico do fórum quanto a argumentação de seu criador geraram muitos comentários. Alguns deles defendiam o fato de se tratar basicamente de um produto cultural cinematográfico e que assim, a princípio, é que ele deveria ser tratado. E, claro, ocorreram casos em que os participantes do fórum se ativeram em responder a pergunta básica inicial, se iriam ver o filme normalmente, sem qualquer subterfúgios para evitarem, como o criador do tópico temia, serem “confundidos” com homossexuais.

Dois dos comentários feitos por membros foram incisivos quanto à abordagem e argumentação do autor do tópico, seja acerca da sua contradição, seja por sua postura em que buscou reafirmar sua heterossexualidade e expressar, mesmo contraditoriamente, o quanto a opinião de outrem o incomodava quanto a possibilidade de outras pessoas no cinema em que ele fosse assistir ao filme pudesse pensar que se tratava de um expectador homossexual. Um deles chegou a ser mais agressivo, insinuando insegurança do autor do tópico quanto à própria sexualidade: *“acho que o dono do tópico não deve se garantir ou deve estar ainda meio confuso em relação a sua sexualidade. Só mesmo os "heteros" gostam tanto de frisar essa condição. pq sera? [...] deve ter realmente alguma duvida quanto a sua sexualidade... ou ta precisando reavalia-la”*. O segundo membro que teve opinião parecida foi mais genérico ao tratar a insegurança, não direcionando-a ao autor do tópico: *“os mal resolvidos, aqueles que têm dúvidas com relação a sua sexualidade têm medo, até de ir ao cinema”*.

Quatro outros participantes optaram por argumentar que se tratava de um produto cultural cinematográfico acima de tudo e que, assim sendo, era dessa forma que deveria ser tratado quanto a vê-lo ou não no cinema. Um deles ainda reforça: *“quem curte cinema de verdade (a obra como um todo), sendo gay, bi, hetero ou seja lá o que, não teria problema*

*algum em ver o filme..sozinho (como eu), acompanhado, etc e tal...o lance é curtir ver um bom filme e esse é de fato um ótimo filme, boa história [...]*”.

No total, foram 11 respostas diretas e afirmativas à pergunta inicial, se veriam o filme “*numa boa*”, com a maioria acrescentando ainda que veriam de qualquer forma, sozinhos ou acompanhados de quem quer que seja, mesmo que alguns admitam o receio de parte do demais público: “*é claro que vai ter muita gente que vai ficar com receio, infelizmente*”, declarou um deles. Uma das respostas inclusive surgiu acompanhada do relato de que o membro da comunidade havia ido ao cinema acompanhado do irmão adotivo – logo, diferente dele fisicamente – e teria chegado a ouvir insinuação explícita de que eram um “casal”. Ele detalhou: “*a sessão só tinha casais de homem + mulher. Quando entrei com o mano carregando pipocas, o povo seguiu a gente com os olhos até sentarmos. Ouvi um comentário do tipo "Ihh acho que é um casalzinho. Eu me diverti. Sobre o que as pessoas pensam, eu gosto de lembrar o que um professor meu uma vez disse: "se parardes para atirar pedras em todos os cães que te latem pelo caminho, jamais chegarás ao teu destino"*”.

### **“*Brokeback Mountain não é um filme gay*”**

Outro tópico que dialoga diretamente com o anterior aqui apresentado, perdeu mais de metade de suas respostas, sendo resgatadas 62 das 125 originais, com criação em 17 de fevereiro de 2006 e participações ocorridas até início de junho de 2010. Foram registradas participações de 43 pessoas, das quais 31 do sexo masculino – seis “*fake*” – e 12 mulheres – três “*fake*”. Com o título “*Brokeback Mountain não é um filme gay*”, não é possível saber as motivações da sua criação, uma vez que a manifestação do membro que o havia concebido não se encontra mais entre as respostas resgatadas, com manifestações diretamente referentes ao cerne da questão ou observação inicial. Dessa forma, levando em consideração apenas o nome do tópico, já na primeira resposta encontrada, o membro da comunidade se manifesta com a opinião que foi a mais observada no total de interações, discordando da afirmação de “O segredo de *Brokeback Mountain*” não se trata de um filme gay. Ou seja, 11 pessoas afirmaram que acham sim que se trata de um filme gay, e muitos deles ainda deixaram claro que não achavam que fosse necessariamente um problema classifica-lo assim.

A quantidade de pessoas que, no entanto, concordaram com a afirmação de que não se trata de um filme gay foi a resposta que veio em segundo no índice de ocorrências, com 10 incidências no decorrer das interações. Para outros seis membros da comunidade, trata-se de

um “*filme de amor*” ou romance; cinco pessoas afirmaram que preferem não classificar a obra cinematográfica; três o classificaram como “*filme de amor gay*”; e para outros três trata-se de uma drama. Com apenas uma incidência ficaram uma manifestação de simples discordância da afirmação que dá nome ao tópico; um membro declarou que para ele o filme é “*homossexual, não gay*”; enquanto outro participante afirmou que para ele não é um filme gay, mas é um “*filme bissexual*”, já que seus protagonistas se relacionam com mulheres também; e um interagente sentenciou que vai além de um filme gay.

Dentre as manifestações, também houve três pessoas que conciliaram duas respostas juntas classificadas na categorização dos padrões observados nas interações: que não se trata de um filme gay e que na verdade seria um filme de amor/romance; enquanto apenas um participante conciliou a afirmação de que não se trata de um filme gay e classificou a obra cinematográfica como um drama.

### **“O filme para heteros...”**

A pleiteada universalidade propalada pelos produtores e diretor da obra cinematográfica em que se inspira a comunidade também serviu de mote para a criação do tópico “o filme para heteros...”, no final do mês de maio de 2007, com contribuições até o início de 2008. Esse tópico serve como uma forma de complemento e qualificação das manifestações observadas no tópico “*Brokeback Mountain não é um filme gay*”, já avaliado anteriormente.

Em uma análise menos aprofundada, pode parecer até excessivo mais de um tópico tratando praticamente do mesmo assunto, de certa forma. No entanto, como um filme de amplo alcance comercial, com exibição de lançamento de médio a grande porte para os padrões dos exibidores brasileiros seguida de veiculação na tv de maior audiência do país por duas vezes, a temática e a forma como ela é abordada ganha uma aura de ineditismo para a maioria do público que “O segredo de *Brokeback Mountain*” alcançou no Brasil. Tanto de pessoas que há anos acompanham os debates acerca do ainda não ocorrido beijo gay em rede nacional na principal novela da rede televisiva de maior público, à aqueles que se mantêm alheios às discussões relacionadas aos direitos de homossexuais e a sua representação na mídia. O tema é de tão pouco familiar a tantas pessoas que nas interações resgatadas nos tópicos da comunidade, dentre as argumentações de criadores de dois deles pôde-se ler a mesma frase quando algum membro afirma ter visto o filme: “*minha namorada nem sonha*”. Ou seja, o interesse pelo filme muitas vezes acaba não sendo expressado de outra forma que

não na área de fórum da comunidade, muitas vezes, sob o bem-vindo manto do anonimato do perfil “fake”.

Neste tópico, foram computadas 75 respostas e resgatadas 41, de 26 participantes dos quais 17 do sexo masculino – três “fakes” – e nove do sexo feminino – um “fake”. Na sua argumentação, o criador do tópico, do sexo masculino, relata que nenhum de seus amigos homossexuais assistiu ao filme. Ele então passa a questionar quais teriam sido os motivos, se trataria de homofobia velada, se teriam medo de assistir e o que os demais membros da comunidade achavam, em mais uma demonstração de contradição já que, se são seus amigos de verdade, ele deveria ter essas respostas. Antes de fazer a pergunta principal, ele ainda descreve-se como homossexual, que viu o filme e gostou, alegando ainda não ver sentido em constatar homossexuais que não querem assisti-lo. *“Afinal, o filme é só para gays? Até aqui mesmo na comu, não creio que tenha tantos heteros... acho que eles teem medo das pessoas verem e zua sei lá... eu comentei com um amigo e ele mesmo disse que eu entra nessa comu ia pega muito mal! não que eu ligue, já que eu sou totalmente ciente da minha opção sexual... e vocês, o que acham disso? o filme é só para o publico gay? ou os heteros tem medo/vergonha de admitir que assistiram ao filme??”*.

Dentre as categorias padrões elencadas a partir das respostas, está a afirmação de que o membro que proferiu a respostas é homossexual, viu o filme e gostou; conhece homossexuais que viram e gostaram; conhece homossexuais que não viram e nem veriam o filme; não acredita que o filme seja apenas para homossexuais ou homossexuais; e que sim, o filme é para homossexuais; e em alguns casos, a combinação de duas ou mais respostas. Das respostas postadas no tópico, oito pessoas se declararam homossexuais que viram o filme e gostaram da obra cinematográfica. Um deles, do sexo masculino, argumentou: *“eu sou hétero e tenho muita certeza da minha opção sexual e so por isso eu não posso ver um filme de romance? pra mim esse filme e como todo tipo de filme de romance mesmo que digamos alternativo mas eu naum tenho vergonha de falr que eu gostei do filme que fiquei triste que eles naum tenham ficado juntos e q o jack morreu”*. A segunda resposta mais postada foi diretamente a pergunta se o filme se destinaria aos homossexuais e não fosse uma obra cinematográfica para homossexuais, com resposta negativa por parte de seis pessoas. Um membro da comunidade, do sexo masculino, pontuou: *“O filme mostra uma realidade... existe sim amor entre os iguais... por que não existiria... assisti o filme e não acho que ele é voltado para o publico gay... é um filme de romance que mostra uma realidade... basta vc abrir os seus olhos e ver essa realidade!!!!”*. Outro que compartilhou da mesma opinião também argumentou: *“o filme foi feito ai, pra todo mundo... mais ja que alguns naum o vejam por*

*medo de terem seu rotulo de "machão" ou "mulher" em duvidas... isso é uma coisa 100 explicação e que ja faz parte do preconceito bobo que as vezes vem por influencia...ou empolgação de amigos... o amor esta ai... seja entre homem com mulher... mulher com mulher... homem com homem... mais que seja amor... isso realmente vale...”.*

Quatro dos participantes do tópico afirmaram conhecer pessoas heterossexuais que viram o filme e gostaram, alguns deles por alegadas recomendações dos próprios membros da comunidade. Uma participante declarou: *“fiz campanha desse filme na universidade, e meus amigos heteros, incluindo homens, dentre eles um militar, noivo de minha amiga, assistiram e adoraram a história. Nenhum deles comentou que era um filme de bicha, ou que iam virar, se envolveram apenas com a história. A família de meu amigo adorou! Os pais dele se comoveram bastante com a história!!! É uma história universal, e como universal, é para todos!!”*. Outro membro da comunidade afirmou que viu o filme e não saiu *“nem mais gay e nem mais hetero”* do que entrou, só *“meio deprê”*, mas o que não o impediu de recomendar o filme: *“recomendei o filme para os meus tios, e até meu tio, que é do interior, gostou. Já minha tia disse chorou muito”*.

Dentre as manifestações, um participante que afirmou ser heterossexual, ter visto e gostado do filme, e que também conhece pessoas da mesma orientação sexual que viram e gostaram, bem como ter havido o contrário, de pessoas heterossexuais a quem ele recomendou – seus tios -, tendo como reação a alegação veemente de que não viram e nem veriam o filme. Uma dos participantes das interações do tópico que também afirmou ser heterossexual e que gostou do filme, que conhece outros para quem recomendou que também viram e gostaram. Ela afirmou, no entanto, também conhecer heterossexual que viu, mas não gostou do filme. *“Eu sou hetero e adooooorei o filme... a pessoa c/ quem eu assisti naum gostou nem um pouco, teve até uma atitude exagerada/infantil/preconceituosa (gritava toda vez q apareciam os 2 juntos)”*, relatou ela, que ainda respondeu ao final de sua interação à pergunta inicial do criador do tópico: *“o filme não eh restrito aos gays soh por conter um romance gay.... seria mto injusto se fosse e ninguém me deixasse assistir”*.

Apenas um participante das interações do tópico respondeu afirmativamente para a pergunta se o filme é destinado ao público gay. Ele, no entanto, despertou muita discussão no tópico por conta das palavras e do tom, por vezes grosseiro e assumidamente agressivo, com que expôs seus argumentos: *“filminho de boiola mesmo... A pior cena é a da barraca. Já fui escoteiro e dormi várias vezes com outros caras na mesma barraca. Só mesmo em filme que um cara vai dormir na barraca e o outro chega puxando a mão dele e, sem mais nem menos, o cara tira as calças e dá a bunda para o outro. O outro até fingiu indignação mas foi lá na*

*boa, passou um pouco de cuspe na mão e comeu o cara. Dá licença. Onde tem beleza nessa viadagem? Quando eu acampava, se um cara puxasse minha mão e viesse com essa idéia, tomava tanto soco na cara que virava pastel. Ia apanhar a la Bob Sapp. Só parava quando não desse para distinguir o que era rosto e o que era carne necrosada. Depois o babaca ainda tem a coragem de dizer que não é bicha e o outro diz: nem eu!!!! Se eles não são bichas, então quem é bicha? O que é necessário para se configurar uma bicha? O otário ainda casa, faz filhos, engana a mulher fingindo que vai pescar só para ficar com o outro viadinho. Falar em beleza nessa viadagem é demais... O filme é uma bosta. Não adianta nada colocar uma bela fotografia no filme para depois enchê-lo de temas boiolas e hipocrisia. Repararam que o ator que morreu fazia papel de um cara que só comia o outro viado e não procurava nenhum cara durante os meses que ficava longe dele. Já o outro até procurou garotos de programa. Quer dizer que o outro era um viado exclusivo para o cara? Muito hipócrita esse filme... Lixo total...”.*

A forma agressiva e de argumentação grosseira com que esse participante expôs sua opinião gerou bastante discussão depois de sua postagem, o que era de se esperar uma vez que a comunidade foi criada para agregar pessoas que gostaram do filme a ponto de se disporem a debater sobre a obra cinematográfica. Enquanto alguns tentaram desvalorizar seu ponto de vista questionando quanto ao se escopo para avaliar e julgar a produção, outros ainda tentaram demonstrar através de uma construção argumentativa que possíveis aspectos poderiam ter escapado ao seu olhar. O participante, que usava um perfil “fake”, no entanto, retomou a mesma característica argumentativa em resposta: *“entendo muito de cinema meu amigo e minha crítica é bastante fundamentada. Não me emociona em nada ver dois caras querendo se esconder numa montanha durante anos e anos para um comer a bunda do outro. Você gostou do filme certo? Parabéns, é sua opinião e deve ter seus motivos para tê-la. Eu considero esse filme uma piada de mal gosto pois viadagem não é motivo para drama. Quer frase mais cretina no filme do que aquele momento em que um deles diz que não é bicha e o outro diz que também não é? O que é preciso então para ser bicha? ridículo... [...] Para alguém ter gostado é porque se identificou de alguma forma com aquilo pois eu só me emociono quando ocorre alguma identificação. [...] Quanto à cena da barraca ela é repugnante sim mas, tentando desconsiderar esse fato, não havia precedentes dentro do desenrolar do filme para que esta cena ocorresse. Os caras nem se falavam e tiveram uma conversa mais longa apenas uma vez onde não demonstraram, em nenhum momento, tendências homossexuais”.*

### **“A beleza importa?”**

A beleza e sua valorização foram os principais motivos para a criação do tópico “a beleza importa?”, criado em outubro de 2006 por um membro da comunidade que questiona se a estória de amor narrada no filme ocorreria se os protagonistas não fossem belos, além de questionar a importância da beleza para a narrativa da obra cinematográfica. Como muitos outros tópicos criados na comunidade para discussão do filme, esse também acaba se refletindo em questões relacionadas às angústias pessoais de seu criador: *“pergunto a vocês, se o personagem Ennis não fosse um cowboy bonito, Jack teria se apaixonado por ele? A beleza dos dois teve importancia na historia? Pergunto isso pois estou procurando entender o porque de muitas relações de hoje em dia só acontecerem uma única vez, o famoso ficar. Afinal, o que as pessoas estão buscando? O príncipe encantado que não existe? E se Ennis não fosse bonito, será que Jack daria as costas para ele e deixaria de viver o grande amor que retrata esse filme”*.

Foram resgatadas 39 respostas das 76 registradas pelo site, de 22 pessoas diferentes, sendo 16 homens – um “fake” – e seis mulheres – uma “fake”. A maioria das respostas foi diretamente relacionada ao filme. Cinco pessoas argumentaram que na obra cinematográfica a questão da beleza não teve peso para desenvolvimento da estória narrada, com alguns participantes ainda ressaltando que no conto em que ela se baseia, ambos protagonistas são descritos como feios; enquanto outras cinco pessoas preferiram afirmar que o fato dos atores serem bonitos ou não feios seria uma mera questão mercadológica, já que torna o filme mais “vendável” e emprega-lhe uma aceitação maior junto ao público.

Fora do âmbito do filme em si, quatro pessoas declararam que beleza e feiura é uma questão de ótica e de gostos pessoais; três participantes foram da opinião de que a beleza pode ajudar no início, mas que perde importância na construção de um relacionamento; dois membros afirmaram categoricamente que beleza realmente importa; um foi categórico em dizer que não importa; enquanto outro disse que os feios não têm realmente vez nos tempos atuais; enquanto um único interagente sentenciou que a beleza é levada em conta por quem apenas “fica” – no sentido de relações descompromissadas. Das respostas observadas, houve três participantes que combinaram dois posicionamentos em suas interações: um opinando que beleza importa, mas não no filme; um que beleza não importa no filme e que os atores serem belos é uma questão mercadológica; e outro participante que declarou que os atores belos é questão de tornar o filme mais vendável, além de declarar que beleza é uma questão de ótica pessoal.

### “Solidão”

Assim como em outros tópicos acerca das primeiras impressões que os membros da comunidade associavam ao filme ao relaciona-lo a um adjetivo e ou mesmo dizerem o que sentiram ao terminarem de assisti-lo muitos associaram-no a adjetivos negativos e a sentimentos depressivos. O tópico “solidão” surgiu também por conta das sensações de negatividade despertadas em um dos membros, do sexo masculino. Criado em 12 de outubro de 2006 e com registros de atividades até quatro dias depois, o tópico contou com a participação resgatada de sete pessoas, sendo quatro homens e três mulheres, uma delas com perfil “fake”. Antes da pergunta do tópico, o seu criador desabafou: *“o que mais me aflige no filme Brokeback Mountain, não é o desencontro amoroso entre Jack e Ennis, mas sim a solidão presente nos dois e demonstradas de maneiras diferentes. Eu e a maioria dos homossexuais apesar das máscaras somos solitários amorosamente, tentamos camuflar mas não conseguimos, tenho medo de não encontrar meu parceiro, apesar da procura de anos ainda nao encontrei”*; e então pergunta: *“será que somos fadados a solidão amorosa?”*.

A primeira resposta vem de um participante do sexo feminino que lhe chama a atenção pro fato de que também os “héteros” enfrentam problemas na busca amorosa e muitos ainda não encontram, que a *“solidão não é decorrente de preferência sexual, é decorrente de circunstâncias que muitas vezes nós mesmos provocamos”*. Para fazer entender sua abordagem, o autor do tópico então responde diretamente à ela dizendo que no “meio” à que se refere tudo seria muito “fake”: *“a infidelidade [...] é muito maior entre os homossexuais, tenho sofrido isso continuamente, estou cansado da promiscuidade tão bem retratada por Jack e ao mesmo tempo irritado com a exitação de Ennis del Mares da vida”*. Um outro membro da comunidade, do sexo masculino, manifestou sua concordância com o autor do tópico e afirmou: *“eu sinto que ninguém quer sofrer, por isso não querem se arriscar no amor, mas se não arriscar como saber se a vida vale a pena... E a unica coisa que temos é o que sentimos...Por isso devemos sempre amar..”*. Em resposta, o autor do tópico declarou-se *“pronto para amar”* mas que lhe faltava *“”ser” amado com coragem bastante para assumir esse amor”*. O interagente anterior voltou-se a manifestar seu apoio: *“quando vc menos esperar o amor acontece... [...] Esse filme é maravilhoso e mostra o quanto temos que estar abertos eperando o amor... sempre e sem medo de ser feliz... porque sempre pode ser tarde de mais...”*. A manifestação seguinte, de uma mulher com perfil “fake”, foi em concordância, acrescentando ainda uma analogia entre a solidão e os personagens do filme: *“o fato dos personagens não conseguirem remediar a solidão, deve ser tomado como lição para aqueles*

*que adiam sua felicidade. Não se deve deixar tudo para depois, porque este “depois” pode não acontecer. Portanto, tem que se aplacar a solidão a partir de hoje”.* Uma mulher ainda também fez uso de sua vida pessoal para dar continuidade ao tema, direcionando sua interação ao autor do tópico: *“acredite, está ruim pra todo o mundo. Ninguém é sozinho porque quer. Eu sou sozinha e não é porque eu quero”.*

### **“Porque sou gay?”**

Talvez, dentre os tópicos compilados na área do fórum da comunidade, este seja o melhor exemplo da perda de dados que compromete o resultado das discussões existentes nele. Aberto em dezembro de 2006 e com participações até o final de fevereiro seguinte, das originais 519 respostas, apenas 166 remanesceram. Ainda assim, a mensagem que oferecida pelo site quando da evidente ausência de mensagens - “Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão.” – surgiu com relativa constância na apreciação desses dados, chegando a surgir páginas inteiras da área de interações do tópico sem absolutamente nenhuma mensagem.

Com participação computada de 30 pessoas diferentes entre as mensagens remanescentes, destas, 25 do sexo masculino e três “fakes” entre eles, e cinco mulheres, com uma “fake”. Em uma incidência bastante observável dentro da comunidade como assunto periférico surgido sob inspiração do filme em questão, o criador do tópico demonstrou na argumentação a sua angústia relacionada à sexualidade, de modo geral e da sua própria: *“por que uma pessoa é gay? A ciência não sabe explicar, estamos no século XXI, no auge das descobertas e até agora a maldita ciência não sabe explicar porque uma pessoa nasce gay, eu disse nasce por que comigo foi assim, aos sete anos já sentia atração por outros garotos, duvido que uma pessoa do nada vire num belo dia e digâ: Quer saber, eu vou ser gay... A religião não sabe explicar, só sabe discriminar, punir e crucificar pessoas que também têm sangue correndo em suas veias. Eu mesmo não sei dizer por que sou gay, apenas olho para um homem e sinto desejos, olho para uma mulher e não sinto nada, ou melhor sinto vontade de ser linda e bela como ela, para conquistar o homem pelo qual sinto desejos. Eta vida difícil e complicada, algum estudioso ou curioso de plantão pode me ajudar? Porque sou gay?”.*

Na avaliação dos resultados das interações, houve um padrão de respostas observável e categorizada em argumentos que se focaram na necessidade de aceitação do indivíduo quanto à própria sexualidade, acima de tudo; discursos que defendiam a irrelevância de tal questionamento; pessoas que se basearam na biologia para responder a questão; e indiferentes. A resposta que mais vezes surgiu no início das respostas do tópico, por parte de oito membros

da comunidade, foi a de pessoas que ressaltavam a irrelevância da questão. Um deles até questionou a relevância do tópico em sua resposta: *“desculpem, mais esse topico eh uma grande bobagem... um hetero se pergunta pq eh hetero? pq menino gosta de menina e vice versa? entao pq devemos se pergunta: "pq gosto do meu msm sexo?" sou assim e pronto, naum sou uma aberracao, um mutante, sou igual a tds...”*. Outra manifestação foi menos depreciativa: *“as idéias do tópico foram ótimas... mas ele é totalmente obsoleto... perguntar 'por quê'? que bobagem... apenas viva...”*. Outro participante preferiu elaborar mais argumentação em resposta à questão apresentada pelo colega de comunidade: *“prá inicio de conversa, como certa vez o Trevisan disse, nem deveria existir estes termos que classificam as pessoas em hétero, gay, lésbica, bi etc. Mas a sexualidade é algo muito importante na vida de todos nós, não só pra procriação, como muitos teimam em supervalorizar, mas prá nossa felicidade e equilíbrio. Então, a questão não é se perguntar porque sou gay, ou bi, ou hétero. A principal questão é saber se estou feliz com a minha sexualidade. Isto é o mais importante. Estou a vivendo de uma maneira saudavel, de acordo com os meus desejos, ou de acordo com normas estabelecidas pelo(s) outro(s). Por outro lado, estas 'normas' não são de todo incorretas, a sexualidade deve ser vivida de forma consensual, entre dois adultos - de preferência -, com respeito aos limites do outro e os nossos”*.

Duas pessoas ofereceram como resposta à pergunta principal do tópico suas opiniões de que acima do questionamento o mais importante é a aceitação da sexualidade: *“não há porque se perguntar porque se é gay, hetero, homem ou mulher. Se é o que se é, e pronto. O grande passo é aceitar esse fato”*.

A partir de certo ponto, logo no início do tópico, as participações começaram a se tornar evasivas quanto ao objeto principal em debate. Em meio a isso, duas participantes expressaram suas opiniões de que está na biologia a resposta para isso, como algo natural, com uma delas relacionando-a a questões hormonais e a outra à genética.

De certo ponto em diante, houve um nível cada vez mais acentuado de dispersão nas interações, com discussões que variaram de concepções religiosas e indivíduos que as questionavam; emissões de posturas pessoais e conflito entre os participantes, cada um tentando afirmar e reafirmar posturas. O discurso construído, no entanto, tornou-se incompreensível por conta da perda de dados, seja por posteriores exclusões de postagens, seja por cancelamento de perfis que eliminou também suas interações. Um pouco antes da metade do tópico, por exemplo, há 17 respostas consecutivas de uma participante que retorna mais à frente com outras 16 e, depois de um mais um longo intervalo, outro bloco de 21

mensagens, sempre citando outras mensagens anteriores e outros membros da comunidade, sem que, no entanto, eles estejam disponíveis em meio aos dados resgatados na coleta de dados do tópico. Isso demonstra quão comprometedora foi a perda para a compreensão do debate travado no decorrer das interações. Outros membros também acumulam várias mensagens seguidas, muitas citando manifestações de outrem que não se encontram mais entre os dados que constavam do tópico à época de coleta junto à área do fórum da comunidade, em um padrão que se repetiu até o final do tópico que, somado à dispersão da discussão, comprometeu-o em seu todo.

### ***“Acho que to louco sei lá...”***

Apesar de o filme que inspirou a criação dessa comunidade ter suscitado em diferentes sujeitos as mais diversas reações, que podem ser consideradas boas ou más, as manifestações acerca do impacto que a produção cinematográfica tem sobre alguns indivíduos por vezes são tão significativas e facilmente observáveis, efeito que tem neste tópico um bom exemplo. Denominado *“acho que to louco sei lá...”*, ele foi criado em 21 de julho de 2006 e que teve manifestações por apenas 13 dias, com participação de 16 pessoas – 10 homens e seis mulheres. Utilizando perfil assumidamente *“fake”* tendo como nome as iniciais dos protagonistas do filme – EDM e JT -, o membro do grupo se manifesta como uma forma de pedir ajuda diante da tamanha depressão que havia se abatido sobre ele após o filme, que teria visto sete vezes quando criou o tópico: *“já ouvi muita gente falando que ficou angustiado, depressivo, por causa do filme, e eu sou só + um falando, assisti o filme sete x, escuto a trilha sonora de manhã a tarde e a noite, todo dia isso já faz uns 2 meses, ainda não passou a angustia, a depressão”*. Ele relata ter uma namorada que, assim como já houve manifestações parecidas, *“nem sonha”* que ele assistiu ao filme, e criou o perfil *“fake”* para entrar na comunidade para conversar com pessoas que pudessem entender o que lhe ocorria: *“penso no filme o tempo todo, toda hora mesmo. Já fiz de tudo pra tentar parar de sentir isso mas não passa, ja fiquei vendo varias x entrevistas e tal pra eu ver que isso tudo é ficção mas não adianta, e o pior de tudo que tbm sou ator, por isso eu tinha que entender mais que é ficção, é só um personagem, mas não consigo imaginar isso, ja marquei psicologo, mas não tive coragem de ir, e ainda por cima minha namorada descobriu que marquei o psicologo, consegui inventar umas coisas lá pra ela e tá tudo bem. Mas eu não estou bem, o que é isso meu Deus será que tô ficando louco, será que é castigo por eu enganar minha namorada, não sei o que fazer, o pior que não posso conversar com ninguém sobre o filme porque ninguém*

*sabe que eu assisti, e tbm não posso falar o que sinto, é complicado. nossa como eu queria ir na montanha, sabe viver tudo aquilo sei lá... bom sei que quem tá lendo isso deve tá dizendo, + um tonto, com depressão pós bbm, mas é muito difícil... que vontade de gritaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa*

A primeira resposta obtida pelo criador do tópico foi de uma mulher que logo de início questionou a razão de ter que ocultar da namorada o fato de ter visto o filme e perguntou se havia alguma insegurança quanto à sua orientação sexual, mas não deixando de ressaltar que “*nem todo homem que viu BBM é gay*” e que “*nem todo hetero detestou*”. A princípio a resposta do autor do tópico foi que realmente tinha vergonha do que a namorada pudesse achar do fato dele ter visto o filme e, mais à frente, relata que ela teria desdenhado da obra cinematográfica em um diálogo com o seu irmão, cena que o interagente teria presenciado. À segunda pergunta, ele admitiu que, pela primeira vez, ficou inseguro quanto à sua opção sexual: “*posso estar induzido pelo filme sei lá, será???*”.

Algumas manifestações seguiram-se de pessoas tentando convencê-lo a contar à namorada, sob a possibilidade de não haver reações negativas por parte dela diante desse fato. Uma participante do sexo feminino incentivou: “*o filme não é um filme para gays. É um filme para qualquer pessoa (qualquer pessoa sensível o suficiente pra entender a beleza e a mensagem do filme). O preconceito e o machismo são tão grandes nessa sociedade que as pessoas têm que ficar escondendo que viu o filme, isso é revoltante. Mas pra acabar com isso, só dando a cara a tapa, ou seja, enfrente esse seu medo e não esconda de ninguém o que achou do filme e td o que ele te fez sentir. Vc não tá louco como escreveu no título do tópico. Essa depressão pós BBM atingiu e atinge mta gente, não dá pra explicar o efeito que esse filme tem na nossa vida, só quem sente mesmo entende, sei lá, é até meio viciante né, sem falar que o filme não sai da nossa cabeça, é estranho isso, hehehe... Bom, mas essa é a minha opinião, eu acho que vc não devia esconder td isso que vc está sentindo, só vai te fazer mal e se vc quiser ir no psicólogo, vá, não tenha vergonha, não há mal nenhum nisso, acho que vc se sentirá melhor*”.

Em meio às manifestações, um membro da comunidade participou do tópico explicando que é gay assumido, que não tem “*nenhum problema com isso*”, não derramou nenhuma lágrima ao assistir ao filme, mas que ficou deprimido por alguns dias: “*acho que BBM pega as pessoas de diversas maneiras. Para mim foi entender que não devemos deixar passar as oportunidades pois, às vezes, elas nunca voltam. Assisti umas 3 vezes (na telona) e a deprê durou apenas alguns dias. agora, se vc viu 7 vezes, há 2 meses está deprimido e*

*"acha" que não é gay, vc está precisando de ajuda sim. procure um profissional que possa te orientar melhor".*

Enquanto o integrante da comunidade comentava as mensagens que recebia e postava novos relatos que mencionavam uma piora no estado depressivo e novas revisões ao filme, seguiram-se várias manifestações de incentivo e tentativas de ajuda-lo a lidar com sua depressão, incluindo testemunhos de outros que viveram algo semelhante: *"relaxe vc não esta sozinho. Passei tb por uma profunda depressão depois do filme, fiquei mal durante semanas, mais achei loucuira continuar com aquilo, me martirizando, ouvindo as músicas, e assistindo sempre o filme, hoje o livro o dvd, e o cd são reliquias para mim, mais não pirei por conta disso, mais sim, me veio uma luz no fim do túnel que achei que nunca ia ver".*

Toda a interação teve início em uma sexta-feira e, depois das participações de vários membros e suas manifestações, o autor do tópico revelou na quarta-feira seguinte que dali dois dias iria finalmente a um psicólogo, com consulta já marcada. Na última postagem do dia ele relata que se sentia aliviado por ter conseguido, finalmente, terminar com a namorada: *"foi muito dificil, foi uma cena horrivel, mas to mais leve, pelo menos não vou mais mentir pra ela [...] pena que ainda continua um nó na garganta, um aperto no coração, uma depressão muito foda, hoje eu estava no trabalho simplismente comecei a chorar do nada, e todo mundo perguntando o que eu tinha, e aí piora mais ainda, fui embora, na parte da manhã mesmo, melhorei um pouco, mas a tarde começou tudo de novo! tá muito dificil!"*.

Alguns membros da comunidade se manifestaram aconselhando-o que, ao invés de deixar-se levar tanto pelo filme cedendo à depressão e à obsessão, que fizesse reflexões sobre "O segredo de *Brokeback Mountain*". Outro membro externou sua impressão sobre a reação exacerbada do interagente que deu início ao tópico: *"cara eu pensei que era so eu que tinha ficado ruim, + vc fico + que eu!!! eu tnb não paro de pensar no filme!!! sei la!!! tem hora que eu acho que passo e tal + quando eu ouço The Wings [um dos principais temas instrumentais da trilha sonora do filme] pela 9438432614 veiz eu choro !!!"*. Diante dessas manifestações, uma participante do sexo feminino, que também atuava na moderação, aconselhou: *"meninos não se entreguem tanto não! Isso tá sendo prejudicial. Levem para o lado da reflexão como disse o [menção ao nome de outro interagente] e não da depressão profunda. Como eu disse, essa sensação passa. Leiam outros tópicos e vejam como as pessoas superaram. Assistir várias vezes, ouvir a trilha sem parar, baixar clips na net, procurar fotos, entrevistas...etc... Tudo faz parte do universo de quem foi pego por BBM. Não se assustem, ninguém tá louco não"*.

Diante também da notícia de que ele já havia terminado com sua namorada, houve uma participante que buscou apelar para o bom senso ao lidar com o problema do impacto do filme sobre algumas pessoas, como no caso dele: *“avalie bem teus sentimentos, as razões q te fizeram terminar com a namorada. O povo aqui nesta comunidade tem uma mania muito forte de falar: "o filme mudou minha vida", "eu sou outro depois do filme" e etc, etc, etc... Mas não é assim q a vida flui. Um filme é um filme. Por mais q vc tenha tirado lições dele, não dá pra mudar a vida por causa disso. Tenha os pés na realidade, pelo amor !!!! Se vc quer consultar um especialista, faça isso, converse com ele. E depois reavalie tudo de novo e viva tua vida independente desse tipo de influência externa. [...] eu coloco o filme no patamar q ele tem: o de produção cinematográfica, não o tornei algo presente na minha vida e nem fico choramingando ou declarando meu amor pelo filme. Eu coloco as coisas em perspectiva, não fico sonhando, divagando, dando testemunho... E o povo aqui se escandaliza. Mas é assim q tem q ser, as coisas em perspectiva. Eu tirei coisas legais de lá, vou tentar aplicar e acabou, a vida continua. Faça isso q vc se sentirá melhor”*.

No dia 28, a sexta-feira da consulta psicológica marcada, já havia depoimentos anteriores à sua manifestação pedindo relatos dos resultados que vieram em seguida, com o interagente demonstrando não estar muito satisfeito com o primeiro encontro. Ele então explica que houve dificuldade de conseguir falar com a psicóloga, mas que ao final conseguiu se expressar em meio ao choro que novamente teria vindo. *“[...] ela disse que vou melhorar, mas depende só de mim, disse pra eu parar de ouvir músicas do filme, assistir o filme, é pra eu ver entrevista dos atores, tudo por traz das cameras, pra cair minha ficha que isso é ficção, é apenas um filme. Eu perguntei pra ela mas como um filme pode mexer tanto com uma pessoa, ela respondeu porque a estória do filme, deve ter alguma coisa a ver comigo, pode estar escondido e vc nem sabe, perguntei pra ela, será que sou gay, ela me disse isso que nós vamos descobrir”*. Ele terminou seu relato afirmando que apesar do início complicado conseguiu se sentir à vontade e que já teria marcado a sessão da semana seguinte.

Apesar da nova sessão estar marcada, no dia seguinte o autor do tópico parece ter mudado de opinião e externou seu descontentamento com a psicóloga que, segundo ele, não o estaria entendendo e nem saberia do que estava falando pois nem ao menos teria visto o filme. Assim, alegou que teria arrumado outra psicóloga que, pelas suas palavras, levam a crer que se trata de outro membro da comunidade – do sexo feminino que ele chega a citar o seu primeiro nome quando surge com a informação - que, no entanto, teve suas postagens no tópico perdidas.

Dois dias depois da sessão, ele ainda depôs em resposta a um pedido de detalhamento de outro membro da comunidade: *“ela me perguntou se eu era gay, disse que não, daí ela me perguntou se eu queria viver tudo aquilo, eu disse que sim, então ela me disse que posso ser gay sim, porque um homem, com certeza não iria querer viver aquilo tudo, então to bem confuso, mas acho que não vou voltar mais lá. [...] uma porque ela nem sabe de que filme eu to falando, tive que explicar tudo pra ela [...] ela não sabe o sentimento que esse filme tem [...] não vou parar de ver o filme não”*.

As interações desse membro da comunidade duraram apenas mais alguns dias, limitando-se a comentar as manifestações de outros membros e sempre reafirmando seu estado de confusão emocional, além de relatar novas revisões ao filme. A última resposta foi registrada no dia 02 de agosto, 11 dias da criação do tópico, com depoimento de um participante comentando novamente os efeitos do filme mesclando essas impressões com orientações ao autor do tópico: *“o negócio é tirar a lição de vida do filme e seguir em frente. Mas não force a barra, a gente se recupera é aos poucos mesmo... é melhor fazer as coisas passo a passo. Realmente esse filme tem esse poder de nos fazer refletir na vida, pensar no que deixamos pra trás, no que não dissemos, no que não fizemos, no que deixamos de viver por medo ou comodismo”*.

### ***“Depressão pós-filme. Só eu?”***

O tópico *“depressão pós-filme. Só eu?”* é um dos mais importantes existentes na área de fórum da comunidade *Brokeback Mountain* por diversos aspectos dentro da pesquisa realizada. Primeiramente ele é, dos tópicos resgatados na coleta de dados, dentre aqueles cujos temas têm relação direta com o filme que inspirou a criação da comunidade, o que contou com o maior número de respostas registradas – 784 – e maior número de respostas remanescentes – 408. Aqui também, como não poderia deixar de ser, foram contabilizados o maior número de participantes, com um total de 270, dos quais 223 do sexo masculino, sendo 26 com perfil *“fake”*, e 47 do sexo feminino, dentre os quais cinco com perfil *“fake”*. A longevidade também aqui é uma das maiores observadas entre os tópicos resgatados, tendo sido criado em quatro de fevereiro de 2006, dia seguinte ao lançamento do filme no circuito comercial brasileiro de exibidores cinematográficos, e com última interação em 27 de abril de 2012, tendo inserções de respostas, portanto, por mais de seis anos. Um dos motivos para essa longevidade do tópico, claramente observável quando da leitura do conteúdo das interações, são as diferentes formas de contato desse público com o filme: na primeira fase das interações, os participantes se manifestavam depois de terem visto o filme nos cinemas; as

manifestações foram retomadas quando do lançamento do filme em dvd – à princípio através das locadoras de vídeo e com a disposição do filme nesse suporte junto ao mercado de varejo alguns meses depois-; seguido dos que especificavam terem-no visto na tv por assinatura – a primeira manifestação de uma participante que disse, no 27 de fevereiro de 2007, no canal Telecine -; e finalmente, no início de 2009, uma nova séries de manifestações de pessoas que tinham então acabado de ver o filme quando de sua exibição pela TV Globo – onde foi veiculado pela primeira vez em 03 de janeiro de 2009, como parte da programação especial de início de ano, comprovando o apelo comercial da obra cinematográfica. Além dos períodos de diversos acessos ao filme no decorrer de sua carreira comercial, dos cinemas à tv aberta brasileira, as discussões também têm entre os pontos significativos de expressão dos membros da comunidade, o período que antecede e posterior ao prêmio da Academia e Artes e Ciências Cinematográficas, mais conhecido como Oscar; e o período da morte do ator Heath Ledger, no início de 2008. Se à princípio, no entanto, nas interações das pessoas que respondiam o tópico notava-se uma em boa parte das manifestações uma preocupação na construção mais elaborada de suas argumentações, também é perceptível a queda na qualidade do conteúdo das manifestações no decorrer do tempo desde a criação do tópico. Enquanto no período logo após a sua criação as manifestações são mais extensas com seus autores procurando elaborar mais as suas expressões para os seus pares, o mesmo já se torna raro de se observar a partir do final de 2008 e, principalmente, início de 2009 quando da exibição do filme na tv aberta brasileira. Esse período também coincide a época de maior popularidade do Orkut entre os usuários brasileiros, além do aumento da acessibilidade à internet.

Assim como outros, esse tópico foi criado a partir de um desabafo de um membro da comunidade externando seu estado de confusão após o contato com o filme, diante o impacto deste sobre suas percepções. Depois da afirmação e da pergunta que nomeia o tópico e do pedido de paciência por parte dos demais integrantes, o membro da comunidade que o criou argumenta: *“bom, ainda não estou recuperado das duas sessões do filme, talvez sejam necessárias mais idas ao cinema pra me conformar realmente. Ainda sinto aquele estranho mal-estar pós-sessão. Sei que o filme é lindo, é perfeito etc. Mas e agora? [...] Será que haverão filmes tão bons quando Brokeback? Ah meu Deus! Eu devo estar doente, eu sei, preciso de um médico, mas o que posso fazer? As dúvidas me consomem a cada segundo. [...] Acho que preciso de um psicólogo, devo ter me entregado demais a uma história antiga, poxa, alguém aí compartilha desse sentimento também? Help me guys!!”*. Ou seja, além de externar o seu estado depressivo pós filme, como ocorreu com outros membros em outros tópicos, ele ainda também afirmou que reconhecia que precisava de ajuda profissional de um

psicólogo, como reconheceu um outro criador de outro tópico na área de fórum da comunidade.

Esse tópico, no entanto, também mostra os resultados da perda de usuários do Orkut e cancelamento de perfis, pois o seu criador parece travar um monólogo por sete postagens consecutivas até a data seguinte, mas em que cujo conteúdo percebe-se menções a outros usuários autores de respostas que não mais existiam no site. Mesmo em seu diálogo inicialmente sem interlocutor, ele continua a expressar seu aparente atordoamento diante do filme: *“sim, estou desesperado, cada ida ao cinema é mais um motivo pra todo esse sentimento crescer. Quando isso vai passar? Não sei... [...] Gente, eu preciso entrar nesse filme. Eu sou esse filme! Socorro! Eu devo estar realmente doente!! Mas fazer o que? Eu não consigo fazer absolutamente nada sem pensar em Brokeback, vejo cinema penso em Brokeback, na TV tb é brokeback... Ai meu Deus... é um remédio um tanto quanto masoquista. Maldoso por demais...”*.

Aparentemente, os demais usuários custaram a entender as argumentações do criador do tópico, mesmo sem que as respostas não estejam disponíveis para esse período, mas é possível percebê-lo por conta de suas visivelmente angustiadas manifestações seguintes: *“ai, ninguém vai me entender, só um hospício me deixaria feliz. [...] Pode um filme mudar tanto assim a vida de uma pessoa? [...] Olha quer saber? Talvez o remédio seja: Ver o filme até se cansar! (mesmo que isso pareça impossível!) Não consigo pensar em outra coisa. Cheguei em casa, e todos que me perguntam como foi o filme eu só tenho uma palavra na boca: Perfeito! Talvez achem bobagem, pensem que sou um idiota, mas eu estou expondo meus sentimentos à todos vocês, espero que daqui pra frente, vendo os resultados, algo bom venha pra contornar essa abstinência...”*.

Depois das primeiras manifestações que percebe-se que foram perdidas, surge finalmente uma resposta disponível nas interações resgatadas do fórum da comunidade, cujo tom é desdenhoso - *“uma vida real, com romances, seria um ótimo remédio pra essa “depressão” (na verdade xilique meio descontrolado). Vai viver, fôfis!”*, escreveu um participante do sexo feminino que utiliza perfil “fake” -, o criador do tópico faz uma afirmação que será observada várias vezes em outras respostas proferidas por outros membros da comunidade: *“meu, nunca foi assim, nunca entrei num cinema pra sair tão pensativo, tão necessitado de mais.. .tão... tão depressivo...”*.

Uma sugestão dada logo em seguida por um dos então moderadores da comunidade, do sexo feminino, foi de que ele buscasse ver o filme pelo seu lado externo, dos bastidores, assistindo principalmente entrevistas com as pessoas envolvidas com a produção

cinematográfica, recomendando principalmente a entrevista do elenco no programa de tv estadunidense apresentado por Oprah Winfrey por conta de seu aspecto “divertido”.

Em resposta à pergunta principal lançada pelo criador do tópico, um total de 93 responderam que também ficaram deprimidas após ver o filme, a grande maioria relatando terem chorado durante e depois de terem-no assistido. *“Eu fui assistir junto com umas 15 pessoas, todas elas ficaram arrasadas, algumas tiveram crises de choro, algumas ficaram chorando durante dois dias. Eu fiquei tão angustiado que passei mal depois que o filme acabou, parecia que não conseguia respirar”*, relatou um dos membros, enquanto outro sentenciou: *“desde o fim do filme me sinto mal, chorando pelos cantos, numa necessidade intensa de aproveitar ao máximo o amor que me dedicam, tentando retribuir da mesma forma. Nunca um filme me tocou tanto. Nunca um filme me mudou tanto. Queria que tivesse ganhado o Oscar para não ser esquecido. Mas quem se sensibilizou dificilmente o esquecerá. Estou em pedaços até agora...”*.

Alguns dos membros que se disseram deprimidos, também tentaram entender e explicar as razões desse efeito do filme sobre boa parte do público que ali se manifestava: *“é difícil explicar o q mais nos toca. Só sei q são tantas questões levantadas, desejos reprimidos, liberdadeXrepressão, carência... Mas somos fortes! A gente sempre descobre um jeito de lidar com a situação e superar a dor. Força pra todos!”*. Tentativas de explicar o efeito do filme por vezes foram expressas com uma análise pessoal de suas impressões acerca do que lhe teria provocado tamanho impacto: *“já assisti vários filmes tristes, já chorei muito com diversas histórias, tudo bem! passou!!! mas quando vi esse filme, achei que a sensação era só minha, fiquei na maior depre e não conseguia pensar em outra coisa, aos poucos fui descobrindo que não aconteceu só comigo, enfim é estranho um filme causar esse tipo de sensação!!! Me deixou em depre por 2 motivos: fez me espelhar um pouquinho em cada personagem, Jake e Ennis, e rever os motivos do fracasso em certos relacionamentos passados. Me despertou um desejo muito forte de tentar mudar o passado, reparar os erros e viver novamente de uma forma melhor”*.

Algumas manifestações foram acompanhadas de expressões de anseios por viver algo como o que é mostrado na narrativa do filme: *“será q um dia eu vou ter a oportunidade de vivenciar um amor como o deles... espero q sim, e q naum demore tantu...”*. A forma como a história do envolvimento dos dois personagens principais é retratada também foi visto de forma positiva por alguns membros: *“eu fui ver este filme com meu melhor amigo... nossa como choramos em ver que nós hoesuais nao sao somente trepacao e sim existe muito amor entre nós ...depois disso fiquei super depre...”*.

Desses membros que se disseram deprimidos, houve nove relatos de “sensação de vazio” que permaneceu por algum tempo depois do contato com a obra cinematográfica. Mesmo diante disso, muitos dos interagentes afirmaram ter visto o filme mais de uma vez ou expressaram que o veriam novamente; enquanto 14 membros declaram-se obcecados pelo filme desde que o viram pela primeira vez; três interagentes afirmaram que não conseguiram reagir ao filme; e outros três afirmaram apenas que choraram. Depois da afirmação de que teriam ficado deprimidos após o filme, a resposta que mais surgiu no tópico foi de que teriam ficado tristes após assistir à obra cinematográfica, afirmação que foi feita por 44 membros. “O filme é maravilhoso!!! Essa tristeza q mtos sentiram me parece um reflexo de uma identificação total com a história!!! Amor proibido, Medo, Desejo, Pressão Social, Preconceito, Vida dupla, Amor Verdadeiro, Traição, Não poder ser vc mesmo, Trauma, Arrependimento, etc, etc... BBM é o primeiro filme na história do cinema q retrata um relacionamento gay com tanta sensibilidade, equilíbrio, sem estereótipos; acho que nunca me identifiquei tanto com cada cena de um filme como com Brokeback... Isso nos faz refletir e desejar um amor tão lindo e forte como o deles!! E tenho ctza que BM ajudará a combater o preconceito, talvez comecem a enxergar um relacionamento assim com outros olhos, as pessoas saíram arrasadas do cinema a maioria das mulheres chorando!!”, declarou um membro da comunidade. Outro, além de ter ficado triste, disse ter se arrependido de ver o filme: “seria melhor não ter assistido, tudo bem que deixaria de viver fortes emoções, mas essa dor de perda esta cada dia mais real, mais dolorida, não importa como você é no seu dia-a-dia, qualquer um sente a dor dos personagens”.

Sobre outros 20 membros da comunidade, conforme os relatos, o filme teve o efeito de deixá-los reflexivos/pensativos: “depois de assistir ao BBM, senti, na verdade, uma mescla de emoções, me pus reflexivo e não exatamente depressivo. Em vários momentos me peguei lagrimando sozinho por conta de muitos pensamentos que a tal estória despertou dentro de mim sobretudo como a vida tem se apresentado pra mim e como eu gostaria q ela fosse, se é quem alguém me entende... Não me considero um cinéfilo, mas poucas vezes, ou melhor, nenhuma outra estória me tocou tanto quanto esta e tampouco houve outra q representasse tanto pra mim em significado. Eu consigo viver bem a minha realidade mas a partir do filme, senti mais convicção de q amores como os do conto são perfeitamente possíveis e q em algum lugar existe alguém q pensa exatamente como eu e q, quem sabe, viveria comigo, não a mesma estória romântica do filme, mas um amor nas mesmas proporções, dessa vez com um final mais feliz. Quem sabe...”, elocubrou um dos membros.

Diante de expressões de sentimentos e reações tão contundentes, cinco pessoas que ainda não tinham visto o filme declararam-se com medo de fazê-lo: *“eu sou eu. Mas temos nossas dúvidas, problemas e tantos outros conflitos. Ainda não assisti ao filme, mas pelo q todos estão falando ele nos faz refletir sobre a vida e de que forma estamos condicionando a nossa caminhada terrena. Esse é o meu medo!”*.

Dos muitos membros que participaram do tópico e que viram o filme, cinco disseram que conseguiram tirar dele coisas boas/positivas; e outros quatro afirmaram que o filme os fez querer amar ou expressa para eles o amor: *“do que vocês estão falando? Pra mim esse filme é vida, é a possibilidade do encontro lúdico entre dois homens, é o amor gay sendo redentor e possível... eu tô de saco cheio de ouvir esse papinho de depressão pós BBM! Na vida real a coisa é bem mais dura do que essa película palatável e quase comercial faz parecer... quantas vezes gays de verdade se deparam com o aborto de uma relação que estava sendo gestada com esperança porque simplesmente um dos parceiros desiste sem ao menos uma explicação coerente? Quantos amores pereceram natimortos diante da inércia dos amantes? Quantas promessas não cumpridas sucumbiram perante a covardia de gente que prefere a infelicidade familiar ao incerto "futuro possível"? Ennis e Jack ao menos tiveram culhão de apostar na possibilidade do amor...eles não fingiram que nada estava acontecendo; eles fizeram acontecer e amaram muito, enquanto durou!!! Foram bem mais felizes que a maioria (hétero ou gay) nesse mundo. Amo esse filme, nunca fiquei deprimido com ele, muito pelo contrário; levanta até o meu astral. Enfim: BM soh te faz querer amar... É fato!”*.

Houve um membro que participou do tópico limitando-se a dizer que não gostou do final do filme e outro que disse apenas que *“esperava mais do filme”*: *“odiei... sinceramente, um filme com historia muito estranha sem mexo... odiei”*. Uma participante do tópico disse ter achado o filme ótimo, mas afirmou que achava: *“um desperdicioooo ele ser gay mas.. tadinhoooooooooo”*. Dois outros membros deram seu parecer sobre o filme, mesmo afirmando que não o havia visto: *“filmasso caramba. eu nao assistir aiinda, maiis eu vi uns clipes e choreii muito”* disse o primeiro; e *“não viu mas tá deprê. meu estado é bem pior!!!! eu nem vi o filme vi só o trailler e alguns vídeos do filme que baixei da net,,e tipo,,, [...] tbm fiquei super deprê,, entendo esse sentimento que vc falou, é uma coisa maluca, inexplicável pois vc não sabe de onde vem, só sabe que está assim por causa do filme,, me senti assim por umas tres semanas,, depois me recuperei,, mas não mke esqueço até hj,, e véi,, é assim mesmo,, não tem como não sentir isso ao ver o filme,, é uma obra linda”*.

Dentre as manifestações dos participantes, cinco membros, todos do sexo masculino, declararam ter reconhecido a si mesmo e/ou aspectos de suas vidas no filme: *“minha infeliz razão da deprê: fiquei chocado quando vi na tela a realidade que bateu em minha porta há 4 anos... Meu Deus... Tava tudo quase superado. Fiz 1 ano de terapia para sair do trauma, mas... BM me fez ver tudo novamente. fiquei sem derramar uma lágrima devido o choque que tive. No meu relacionamento BM eu que ia atrás como o Jack ia,, buscava, falava, queria tê-lo por perto... E num momento de calma em que parecia que tudo tava para ser perfeito, o momento em que a neurose do 'meu Ennis' estava por fim acabando... Veio a tragédia. E aí que virei o Ennis: sofredor, sem esperanças sem alternativas para dissipar toda a dor do peito. vou parar”*. Outro deles relatou: *“[...] quando vii o filme pela primeira vez, sentii me igual a Del Mar, cobiçado por algo tao bom e tao cruel pra si próprio. Eu era Protestante, o amor foii me buscar na porta e aos poucos com estrondo arrebatador cara... Nao pensava em sexo homo como hj costume brincar de ser feliz... Putzzz!! senti-me privilegiado pelo enredo da trama por parecer tanto comigo.. O meu amado tbm partiu esse ano... em março.. 20 aninhos.. [...] ninguem sabe ao certo io que houve, nem a mae dele.. amigos... encontraram o corpo [...] um dia depois à beira da BR. que corta minha cidade... O mundo caiu pra miim.. ateh hj busco respostas e as quero. Ainda estamos brigados.. doii.. sem palavras...”*.

Para outros dois membros da comunidade, do sexo masculino, o contato com o filme ocasionou mudanças que refletiram também em suas vidas. Um deles conta que assistir ao filme o deixou perturbado: *“pensava dia e noite se queria viver daquele jeito... Me escondendo, com vergonha, limitado e infeliz. Não há como não ficar pensativo depois de assisti-lo! Foi o filme q me deu coragem pra falar pros meus pais sobre minha homossexualidade! Valeu, Ang Lee!!!!”*. Já para o outro integrante da comunidade, as consequências são mais complicadas conforme seu relato: *“esse filme me tirou o chão... [...] Sou casado e tenho 36 anos, nunca imaginei que isso fosse acontecer comigo, sempre fui uma pessoa dificil de ser abalado por qualquer coisa que seja, ai vem esse filme e me da uma rasteira, cai de cara no chão.. Assisti a uns 10 dias + ou - e ainda lembro de cada instante do filme, não chorei no momento em que assisti mas cada vez que lembro de algumas cenas que tocaram profundamente as lagrimas ainda correm. Pior que esse filme fez ferver um sentimento dentro de mim que a muito tempo não sentia, achei que minha vida ja estava definida, agora vejo que não, sinto que preciso urgentemente viver algo parecido pra um dia olhar pra traz, mesmo que todo arrebetado e poder dizer não estive nessa vida só de passagem eu vivi...”*.

Apesar do tom de urgência e atordoamento das primeiras manifestações a partir da criação do tópico, no decorrer da progressão das discussões e manifestações é perfeitamente notável a mudança de postura do seu criador com o passar do tempo e das opiniões e compartilhamentos de impressões de outrem. No final do segundo dia das interações ele já se dizia *“bem mais animado”* e quatro dias depois já tentava organizar uma excursão de vários membros da comunidade para verem ao filme juntos no cinema, e dava conselhos a outras pessoas que manifestavam sua depressão: *“bom galera, já vi que realmente esse sentimento vem pegando as pessoas de jeito. Sei que não é fácil mas temos que tentar de tudo para superar. A melhor forma que eu achei pra isso, eh com diversão, e conhecendo pessoas novas, trocando idéias e etc. O melhor jeito foi esse tópico. Criamos uma comunidade, estamos marcando encontro pra ver o filme juntos, quem quiser ver. Fica a vontade”*. Sua última manifestação no tópico data de cinco de janeiro de 2009 em que escreveu: *“saudades dessa nostalgia...”*.

### ***“Deprê”***

Pouco mais de seis meses depois da criação do tópico *“depressão pós-filme. Só eu?”*, cujo criador pedia ajuda e externava suas angústias consequentes ao seu contato com o filme, eis que surgiu um novo tópico similar, também criado por um participante do sexo masculino, que afirmava não saber lidar com a depressão surgida depois de ter assistido ao filme. O novo tópico, chamado apenas de *“deprê”*, criado em 13 de agosto de 2006, ao contrário do seu predecessor, não angariou tanta participação dos demais membros da comunidade, tendo entre os autores das 40 respostas resgatadas, duas pessoas do sexo masculino e três do feminino. Na sua argumentação, criador relata: *“caramba to em drepe e num choque profundo ate agora, ja tinha ouvido falar muito do filme e tauz, mas nunca me motivei a assistir! ate ontem... meu deus q filme lindo! e ainda tem pessoas q se perguntam 'prk 8 indicações ao oscar? que filme besta!' galera so quem realmente entendeu a msg do filme pode responder a essa e outras perguntas tão ridiculas feitas pela minioria, hipocrita e complexa plateia q assistiu essa linda historia! hj sou fan do filme.. e q ouço aquela musiquinha, na verdade so o som da viola q rola sempre q os dois aparecem.. caralho entro em crise...to muito depre.. chorei diversas vezes durante e apos o filme! refleti muito.. muito mes, principalmente q vi a ultima cena... a primeira coisa q fiz foi sai p o corredor e fumar um cigarro pois n conseguia pensar em absolutamente nada, so na dor q sentia! por mim o filme poderia durar 24 hs.. q iria assistir e ainda pidi biz! amoooooooooooooooooooo esse filme! foi uma bela maneira de nos fazer refletir*

*sobre conceitos, tão perdidos hj em dia! e pra todos q sentiram o mes q to sentindo.. apos "Brokeback" respondam esse topico...e digam q o que estou sentido, p favor n e unico!"*

Dessa vez, no entanto, o tópico não rendeu tanto porque o anterior, que foi o que que referenciava diretamente ao filme que mais respostas obteve dos membros da comunidade, serviu de indicação já na primeira resposta desse tópico novo, funcionando como parâmetro para que o seu autor tivesse contato com reações parecidas com as suas, oferecendo à ele a possibilidade de imergir nos muitos desabafos parecidos com os seus, e acompanhar no decorrer das discussões o amainar das angústias de outrem. A primeira resposta de reação do autor do novo tópico foi: *“meu...n sabia q o filme ia mecher cmg assim... e como vi no link q me foi passado, realmente n sou o unico! mas o [menção do nome do autor do tópico anterior] e o campeão viu? meu deus.. o garoto ficou louco...diz ele q vai se enternar!”*. O autor do tópico que passou a ser referência para outros que se mostravam deprimidos após o filme e carinhosamente chamado de *“Pronto Socorro Brokeback Mountain”* por membros da moderação, participou do novo tópico para mostrar o quanto naquele momento havia melhorado: *“eu realmente quase precisei de um tratamento psicologico naquela época. Mais do que esse filme me provocou, acho que nem uma depressão profunda pela perda do amor da minha vida fez tão forte. Mas é uma coisa que passa, deixa marcas, profundas, mas passa. E o pior não foi isso, foi que para achar a cura eu tive que me "drogar mais" mas hoje estou aih... Devo ser um dos que mai têm material do BBM aqui... Foi uma fase que vai ficar na lembrança, e que ateh hoje me deixou saudades! Agora é esperar pra ver se mais alguma coisa no futuro vai ter poder suficiente pra causar o que Brokeback Mountain causou. Enquanto isso, eh curtir "a brisa", rsrs!”*. O tratamento de se *“drogar mais”* mencionado por ele gerou controvérsias que, mais à frente, ele mesmo esclareceu que se tratava de rever muitas vezes o filme até assimilá-lo como obra cinematográfica: *“me drogar... eh num sentido metafórico... Em que eu quis dizer "tomar mais doses do filme", me drogar de Brokeback Mountain, entendeu!?”*.

### 3.2 Resultados

Diante dos dados compilados das interações dessas centenas de sujeitos da comunidade, pode-se perceber padrões acerca das suas percepções e impressões. Apesar das incertezas de muitos de muitos deles, uma boa parte acalenta arroubos românticos e chegam a ignorar o fato da forma trágica como a narrativa do filme se desenvolve e é encerrada, em prol do ideal romântico personificado na figura de personagem Jack Twist, enquanto eles, no entanto, por muitas vezes nas interações, se identificam com o titubeante Ennis Del Mar. Os anseios pela paixão que muitos deles não teriam coragem de vivenciar em muitos casos ofuscam-lhe a visão para o fato de que, no caso do filme, é justamente as limitações incutidas no protagonista principal que impedem ambos de sequer tentarem ser felizes juntos. Ao que parece, o romantismo suplanta essa percepção para parte deles. Sobre aqueles em que isso não ocorre, não raro, conforme percebido, o resultado é um aparente inevitável estado de depressão pós filme, tamanho o seu impacto que, em raros casos, ocasionaram declaradas mudanças comportamentais para que o final de suas histórias pessoais não fosse melancólico como o do filme.

Dentre as manifestações e até nas perguntas formuladas, também pode-se notar os preconceitos próprios arraigados, em frases como “minha namorada nem sonha que vi esse filme” ou questionamentos de se teriam “coragem” de ir ver o filme no cinema ou se o veriam com suas mães. O arraigamento desses preconceitos é facilmente percebido ao se notar a espontaneidade com que tais frases e declarações são proferidas naturalmente, sem que seus autores se deem conta disso até que nas interações que se seguem, outrem lhes chamem a atenção. Dessa forma, fica patente as próprias limitações de parte desse público quando se trata de um produto cultural que por tantas vezes é tratado de forma estereotipada por conta de sua temática, carregando a estigma de “filme de cowboys gays”.

São esses fatores agregados à narrativa contundente que se refletem no tantas vezes narrados nas interações do efeito depressivo/melancólicos que o filme tem sobre muitos desses sujeitos. Ou seja, tal reação nas manifestações corroboram para reformar as teorias cinematográficas da projeção-sujeito que, em muito dos casos observados nas interações vai ainda mais além por conta das questões que envolvem ainda a identidade, mais especificamente, relacionada à homossexualidade.

Boa parte desse público, especificamente, está sujeito ainda mais contundentemente ao efeito projeção-identificação por conta ainda do reconhecimento identitário com narrativa

com que têm contato com o filme. O efeito chega a causar em alguns deles confusão e atordoamento tamanho o grau de identificação alcançado na projeção pois confundem-se à isso ainda suas próprias limitações, sócio-ambientais ou mesmo pessoais, quanto às questões da homossexualidade e seus cerceamentos.

A consonância entre o reconhecimento identitário, o que estabelece uma aproximação maior entre o sujeito e o produto cultural, uma vez que obra estará mais próxima dele do que qualquer outra, com o efeito projeção-identificação, que garante a aceitação do público quanto a um produto cultural, seguindo a fórmula para garantir a aproximação; somam-se na junção de objetos que englobam essa pesquisa. Dessa forma, percebe-se que à esse público pesquisado, ou pelo menos a maior parte dele, o produto cultural tem uma proximidade muito maior em termos de projeção-identificação como dificilmente teria com público selecionado à esmo.

A homossexualidade como fator de construção identitária, seja ela na forma socialmente ampla das pessoas que a reconhece e expõem-na no âmbito da socialidade, ou naquelas que a suprimem diante das interdições sociais a que estão expostas, já possibilitaria um possível reconhecimento por parte desse público frente ao produto cultural. Aqui, no entanto, trata-se de um filme em que a homossexualidade não é retratada de modo velado, mas colocado à primeiro plano bem como as suas limitações e consequências no âmbito da socialidade, fazendo uso de uma narrativa que constrói situações e personagens de forma pormenorizada. Por si só, isso garantiria o efeito projeção-identificação para fazer com que seu público, ou pelo menos boa parte dele, se entregasse à sua narrativa de pouco mais de 120 minutos, torcendo por seus personagens.

A somatória das questões identitárias com o efeito básico do cinema, principalmente o comercial que depende de bilheteria para sobreviver, é plenamente observável nos resultados das interações compiladas, na forma por vezes crua com que esse público expõe suas impressões e percepções. Para além dos efeitos sobre o público em geral, mesmo que boa parte deste pudesse ter reações iniciais de estranheza quanto à abordagem bastante direta da homossexualidade, mas que acabam na maioria das vezes imergindo na história por vezes dramática, por vezes romântica, para aquele público que, no entanto, vive e convive com limitações que se assemelham com as mostradas na tela, que vivem ou anseiam por viver uma história de amor, construir uma relação amorosa com um igual e enfrentar as limitações

impostas no âmbito da socialidade, o resultado não poderia ser outro senão uma densidade de projeção-identificação muito maior.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do objetivo principal estipulado no projeto inicial, de investigar como se constroem representações acerca da homossexualidade retratadas no filme *O Segredo de Brokeback Mountain* (2005), como produto cultural, pelos indivíduos que integram a comunidade O Segredo de *Brokeback Mountain* no site de relacionamentos *Orkut*, o resultado foi alcançado e pode ser plenamente observado na análise dos dados recuperados das interações havidas nos tópicos da área de fóruns. Para que isso fosse possível, o trabalho perpassou o primeiro dos objetivos específicos, o de recuperação de informações disponibilizadas nos fóruns da comunidade do site de relacionamentos, comprovando e constatando sua recuperabilidade. Nos resultados alcançados também é facilmente observável o discurso coletivo dentre os indivíduos da referida comunidade, alcançado com a categorização e tratamento qualitativo e quantitativo dos dados, contemplando o segundo objetivo específico; que por sua vez, também perpassou o objetivo seguinte que previa o escrutínio dos dados das interações para alcançá-lo, pondo em prática, inclusive, as técnicas de para análise do discurso do sujeito. O discurso coletivo alcançado também coincide com as teorias básicas do cinema no que se refere ao efeito de “projeção-identificação”, princípio através do qual um espectador se dedica plenamente a apreciação de uma obra cinematográfica, e identificada dentre as manifestações dos membros da comunidade, principalmente diante das reações ao filme relatadas em vários tópicos da área de fórum, e analisadas na área de análise dos dados recuperados no site. Ainda dentre os objetivos específicos, foi proposta a comprovação do valor da informação resultada da interação entre os indivíduos protagonistas da comunidade em questão para os estudos sociais, o que efetivamente alcançado no resultado final da análise dos dados recuperados na pesquisa.

Da definição da temática às pressuposições dos possíveis resultados a serem alcançados, o desenvolvimento desta pesquisa teve em conta desde seus primeiros estágios incipientes a necessidade de adoção de total interdisciplinaridade para o seu desenvolvimento. Para que o trabalho fosse empreendido a contento e alcançasse o que era proposto, fez-se necessária a junção de técnicas, teorias e ferramentas originárias de múltiplas áreas do conhecimento, passando por Linguística, Estudos Culturais, Comunicação, Antropologia, Sociologia e Filosofia; para lidar com algo ainda tão novo e em plena expansão como a internet e as ferramentas que ela oferece para o desenvolvimento das interações entre os indivíduos. Mesmo que os estudos relacionados à internet estejam em pleno desenvolvimento, também as linguagens e manifestações que a rede mundial de computadores possibilitam têm

muito a expandir-se e o que poderá oferecer dentro de mais algum tempo cabe somente às margens de suposições e previsões que dificilmente passarão disso: suposições, com variantes margens de acertos. Há que levar em consideração que desde seu surgimento, muito de sua linguagem e ferramentas mudaram e apresentaram novos elementos.

As iniciais formas de manifestações pela internet restritas à troca de mensagens nos âmbitos militares/governamentais de seus princípios, com posterior ampliação às áreas científicas e do conhecimento das universidades estadunidenses, hoje podem ser classificadas de primárias e corriqueiras no dia-a-dia de muitas pessoas, seja para princípios profissionais ou até mais ordinários, além da mobilidade com que esse acesso apresenta. As interações, dos primórdios dos rádios XP aos serviços pagos de salas de bate-papo via telefone oferecidos em muitas cidades há alguns anos, a expansão das manifestações é notável dentro das ferramentas oferecidas pelas redes sociais. As próprias redes sociais virtuais, em si, apresentam considerável mudança desde seu surgimento, ainda mais levando em conta a que já foi a mais popular delas entre os brasileiros, o Orkut. Ali mesmo, inicialmente, as interações eram mais restritas e ganhou diferentes graus de expansão no decorrer do tempo.

O cinema, um dos objetos dessa pesquisa e que cujo resultado na forma de um produto cultural que inspirou a criação da comunidade das interações abordadas nesse trabalho, apresentou consideravelmente pouca mudança durante muito tempo de seu pouco mais de um século de existência. Da incorporação do som à imagem em preto e branco, passando pela imagem em cores e diferentes formatos de telas, ao cinema digital e recente resgate do sistema de imagem em 3D aperfeiçoado pelo cinema digital, talvez em termos materiais o cinema tenha apresentado mais considerável mudança na sua forma de disponibilização. Essa, anteriormente limitado à película das exibições em projetores e posteriormente na transmissão televisiva, foi tornando-se mais acessível conforme o surgimento de novos suportes com o vhs – *video home system*, o dvd – *digital versality disc*, o bluray – cujo nome faz referência laser azul de leitura do disco de alta densidade ótica - e os sistemas *on demand* – em que o indivíduo paga e pode carregar o filme no sistema on line para assistir -, e diferentes formatos de cópias digitais que possibilitam assistir a um filme até mesmo em um aparelho de telefone celular.

Formatos e ferramentas podem mudar, mas as percepções e impressões que um filme pode causar em um determinado público, salvaguardada as diferenças relacionadas aos valores de uma época, possivelmente encontrarão ecos em muitos dos indivíduos que o

integra. É dentro desses ecos que se encontram as especificidades que tornam as percepções e impressões tão interessantes aos estudos das Ciências Sociais, e acessível nesse ponto por conta do avanço tecnológico comunicacional da internet possibilitando e armazenando as manifestações desse público nas interações das redes sociais.

Uma pesquisa que visa ao final alcançar impressões e percepções pode ser bem sucedida a partir de métodos mais comumente utilizados em trabalhos relacionados às várias áreas do conhecimento. Para isso, uma das técnicas mais utilizadas talvez seja a aplicação de questionários ou a realização de entrevistas diretamente com o público cujas impressões e percepções se deseja alcançar. Aqui, no entanto, os dados que levaram às percepções dos indivíduos não se sujeitaram a qualquer interferência do pesquisador, pois esses foram recuperados de interações ocorridas nos tópicos do fórum da referida comunidade. Assim, as manifestações ali contidas apresentam uma espontaneidade dificilmente alcançável diante da interferência de um pesquisador, o que emprega às informações resgatadas uma pureza de origem e valoriza os resultados obtidos na análise de seu conteúdo. Tal pureza de dados só foi possível a partir do interesse desses próprios sujeitos em encontrar pares junto à rede social para dividirem seu afeto, no caso, por um produto cultural cinematográfico que lhes falasse mais diretamente de temas que muitos não tiveram até então percebido em outros filmes. A junção de fatores que está diretamente relacionado a essa pesquisa, que inclui ainda questões que perpassam a construção identitária, igualmente multidisciplinar, possibilitou um resultado que corrobora com as palavras que inicialmente inspiraram a criação do projeto que deu origem a esse estudo, do filósofo Marshall McLuhan ainda no final da década de 1970 que profetizava uma cada vez mais crescente valoração, não somente monetário, da informação.

O alcance das informações recuperadas foi até as emoções sentidas e compartilhadas pelos membros da comunidade nas muitas interações direta e indiretamente relacionadas ao filme eleito por eles, pelo fascínio que esse produto cultural lhes despertou, muitas vezes por conta da intensidade de identificação com personagens e estória narrada, e manifestado, não raro, sem economia de palavras para expressar esse fascínio. Talvez emoção nenhuma tenha sido mais forte e presente quanto o sentimento de depressão que, de uma maneira ou de outra, envolveu boa parte das pessoas que procuraram na comunidade um alento ou apenas uma forma de compartilhar o fardo surgido ou mesmo despertado no contato com o filme e seu reflexo na realidade em que vivem. Pode-se questionar, diante dos dados encontrados, se o seu poder de identificação dessa obra com esse público não tenha sido tão grande que acaba por extravasar a mera teoria da “projeção-identificação” do cinema, tocando em algo ainda

mais profundo da psique de muitas dessas pessoas; chegando em alguns casos a representar mais do que a identificação com a obra mas e identificação de aspectos arraigados nesses indivíduos até então não conhecidos e/ou reconhecidos, afetando diretamente o que se pode chamar de identidade. Somente isso já bastaria para comprovar o impacto do filme sobre esse público e, por ter como ponto de partida as informações dispostas à recuperabilidade de pesquisadores interessados nessa matéria-prima e nos resultados que podem ser alcançados, já agrega-as um valor plenamente reconhecido.

No caso desse estudo, o valor encontrado foi o que levou a conhecer um público considerável que um dia se agrupou em uma rede social para compartilhar o afeto por um filme e expor o grau e a forma com que o contato com um produto cultural os impactou, levando da reflexão à depressão, da contemplação e espio às ações de mudança. Mais do que isso, dentro da cronologia das interações resgatadas, também pode-se observar o crescimento das manifestações de indivíduos, representado na qualidades das interações e na forma com que os membros da comunidade se expressavam. Além disso, pôde-se observar nos dados das interações o ápice da popularização da rede social virtual no Brasil, quando as manifestações passaram a ser mais rápidas e percebe-se a simplificação nas suas argumentações. Por exemplo, no tópico “*depressão pós-filme. Só eu?*”, um dos mais longevos da comunidade, é visível a simplificação das manifestações, ainda que haja uma retomada nas discussões, a partir do início de 2009 quando o filme em questão foi exibido pela primeira vez na tv aberta brasileira e período que marca o ápice da adesão dos usuários de internet brasileiros às redes sociais, mais especificamente, ao Orkut.

Se hoje o Orkut já é considerado obsoleto pela grande maioria dos usuários, suplantado inequivocadamente pelo Facebook como a rede social virtual favorita dos brasileiros, também o ato de cancelamento do perfil no primeiro site representa uma perda inestimável de informações. Desde a elaboração do projeto inicial que deu origem a essa pesquisa até a redação deste trecho do trabalho escrito, foram muitos os usuários somente na comunidade pesquisada que cancelaram suas contas. Quando da concepção do projeto inicial, no início do segundo semestre de 2010, a comunidade contava com 14.822 membros; no resgate das informações na área de tópicos, por exemplo, ocorrida entre o final de 2011 e início de 2012, foram contabilizados 13.647 membros na comunidade. No final do mês de outubro de 2012, em uma nova revisitação à comunidade, seu número de membros registrados já havia sido reduzido para 12.021 membros. Com esses membros, perde-se parte das interações, já que suas participações desaparecem junto com seus perfis na rede social. Com

elas, por vezes, perde-se muito mais que suas participações, mas também a continuidade dos debates havidos nos fóruns da comunidade, seus sentidos, suas valorosas percepções e impressões.

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

AUZIAS, Jean-Paul. *A antropologia contemporânea*. São Paulo: Cultrix.

BAITELO JUNIOR, Norval. *A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma teoria da mídia*. São Paulo: Paulus, 2010.

BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (Orgs). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2002.

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal: ensaios sobre os fenômenos extremos*. Campinas: Papirus, 1992.

\_\_\_\_\_. *Senhas*. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

\_\_\_\_\_. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

\_\_\_\_\_. *Tela total*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BELZ, J. A. *Social dimensions of telecollaborative foreign language study*. In. *Language Learning & Technology*, 6(1), p. 60-81. 2002.

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BORDENAVE, Juan E. Diáz. *O que é Comunicação?* São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BROWN, Robert. *Analisando o amor*. Campinas: Papirus, 1990.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.

\_\_\_\_\_. La modernidad después de la posmodernidad. In: BELUZZO, Ana Maria de Moraes (Org.). *Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina*. São Paulo: Memorial da América Latina, 1990.

CASALEGNO, Federico. *Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Orgs.). *A sociedade em rede: do conhecimento à ação política*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2005.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: Clifford, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Organização e revisão técnica: Gonçalves, José Reginaldo Santos. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1998 (pp. 17-62).

CROSS, R. L.; PARKER, A. *The hidden power of social networks: understanding how work really gets done in organizations*. Harvard Business School Press, 2004.

CUNHA, M. V.; SOUZA, F. C. (Org.). *Comunicação, gestão e profissão: abordagens para o estudo da Ciência da Informação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DESPRATS-PÉQUIGNOT, Catherine. *A psicopatologia da vida sexual*. Campinas: Papirus, 1994.

DIETERICH, Di.; QUINTELLA, Ary. *Sexualidade*. São Paulo: Saraiva, 1992.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. As relações de gênero nos estudos de recepção: notas sobre metodologias de pesquisa e suas repercussões teóricas. In. BARBALHO, Alexandre e PAIVA, Raquel (Orgs). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.

FAZENDA, Ivani (Org.). *O que é interdisciplinaridade?* São Paulo: Cortez, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A mulher/os rapazes da história da sexualidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GIKOVATE, Flávio. *O instinto sexual*. São Paulo: MG, 1980.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009.

GUSMÃO, P. Dourado. *Manual de sociologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: 34, 2003.

LEKITSCH, Stevan. *Cine arco-íris: 100 anos de cinema LGBT nas elas brasileiras*. São Paulo: GLS, 2011.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2007.

\_\_\_\_\_. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

LEFREVE, Fernando; LEFREVE, Ana Maria Cavalcanti. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: Educs, 2003.

LIMA, Delcio Monteiro. *Os homoeróticos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. *Pesquisa em comunicação*. São Paulo: Loyola, 2005.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo (Org.). *Epsitemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.

MACHADO, Arlindo. *O sujeito na tela: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço*. São Paulo: Paulus, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A cidade virtual: transformações da sensibilidade e novos cenários de comunicação*. São Paulo: Margem, 1987.

MARTINHO, Luís Mauro Sá. *Comunicação e identidade: quem você pensa que é?*. São Paulo: Paulus, 2010.

MARTINS, Antônio Carlos Soares. *Linguagem, subjetividade e história: a contribuição de Michel Pêcheux para a construção da análise do discurso*. Unimontes Científica V. 6 n. 1 – Janeiro/junho de 2004.

MEGALE, Januário Francisco. *Introdução às ciências sociais: roteiro de estudos*. São Paulo: Atlas, 1989.

MELLO, José Marques. *Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MCLUHAN, Marshall; WATSON, Wilfred. *Do clichê ao arquétipo*. Rio de Janeiro: Record, 1973.

MCLUHAN, Marshall. *Personalidade entrevistada*. In: \_\_\_\_\_. *Teoria da comunicação*. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 2005.

MENDONÇA, Ana Valéria Machado. O uso do discurso do sujeito coletivo em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana P. M. (Org.). *Métodos para pesquisa em Ciência da Informação*. Brasília: Thesaurus, 2007.

METZ, Christian. *Linguagem e cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

MORAN, José Manuel. *Leituras dos meios de comunicação*. São Paulo: Pancast, 1993.

MORIN, Edgar. A alma do cinema. In: XAVIER, Ismael (org.). *A Experiência do cinema*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

MUELLER, Suzana P. M. (Org.). *Métodos para pesquisa em Ciência da Informação*. Brasília: Thesaurus, 2007.

NOËL, Émile (Org.). *As ciências da forma hoje*. Campinas: Papirus, 1996.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2005.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PENTEADO, J.R. Whitaker. *A técnica da comunicação humana*. São Paulo: Pioneira, 1980.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar o ciberespaço: o perfil do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SERRA, J Paulo. *Manual de Teoria da Comunicação*. Covilhã: Labcom, 2007.

SOARES, Rosana de Lima. *Imagens veladas: AIDS, imprensa e linguagem*. São Paulo: Annablume, 2001.

SOUSA, Paulo de Tarso Costa. Metodologia de análise de redes sociais. In: MUELLER, Suzana P. M. (Org.). *Métodos para pesquisa em Ciência da Informação*. Brasília: Thesaurus, 2007.

VANOYE, Francis. *Ensaio sobre a análise fílmica*. 6ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. *Social network analysis: methods and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WINICK, Charles E. *Unisexo*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1999.

XAVIER, Ismael. *O discurso cinematográfico: opacidade e transparência*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.